

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA**

**Estudos na família Verbenaceae no Rio Grande do Sul, Brasil**

**Autor: Priscila Ceribola Crespam  
Orientadora: Lilian Auler Mentz**

**Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Botânica da UFRGS,  
como um dos requisitos para a obtenção  
do título de Mestre em Botânica.**

**Porto Alegre, 2010**

**Crespam, Priscila Ceribola**

Estudos na família Verbenaceae no Rio Grande do Sul, Brasil / Priscila Ceribola Crespam – Porto Alegre: UFRGS, 2010. – 115p.: il.

Dissertação (mestrado). UFRGS. Instituto de Biociências. Departamento de Botânica. Programa de Pós-Graduação em Botânica.

1. Lantaneae. 2. Aloysia. 3. Bouchea. 4. Phyla. 5. Stachytarpheta. 6. Verbenaceae.

I. Mentz, Lilian Auler II. Título

Ilustrações: Edson Luís de Carvalho Soares e Márcia Vignoli-Silva  
Elaboração dos Mapas: Priscila Ceribola Crespam  
Auxílio na montagem das estampas: Edson Luís de Carvalho Soares

## AGRADECIMENTOS

À Deus;

À minha querida família, pelo apoio incondicional (amo vocês mais que tudo). Em especial à minha mãe (minha maior torcedora), minha irmã (meu maior exemplo), meu pai (pela confiança e incentivo), minha prima Arlene (pela acolhida), e ao meu irmão (que apesar da grande distância, sempre torceu pelo meu sucesso);

À minha querida orientadora e amiga Lilian Mentz, trabalhar contigo foi uma honra. Obrigada por todos os ensinamentos, pela confiança e apoio;

Agradeço à Jaque, Denise, Ana Cláudia, João, Cristina e minha mãe, meus maiores incentivadores;

Aos queridos amigos do PPG BOT (e “anexos”), pelos incontáveis momentos de diversão e aprendizado: Jaque, Ana Cláudia, João, Gustavo, Greta, Priscila Porto Alegre, Mariane, Angélica, Michele, Marília, Talita, Gabi, Val, Tiago, Bianca, Anne, Fernanda, Raquel, Cristiano, Verônica, Luciana, Márcia, Zé e Letícia;

Aos meus professores da Graduação, Thaís Scotti do Canto-Dorow, Edson L. de Carvalho Soares, Jumaida Rosito e João Fernando Prado, os grandes responsáveis em despertar o meu interesse na Botânica;

Ao Professor Renato Záchia pela amizade, orientação e incentivo;

Aos professores Ilsi Boldrini, Sílvia Miotto, João André Jarenkow, Hilda Longhi-Wagner, Lílían Eggers, Mara Ritter, Gabriel Rua, Jorge Waechter, Tatiana Chies, Nelson Matzenbacher e Paulo Windisch pela acolhida e pelos ensinamentos em Botânica;

Agradeço a Gabi e às profs. Hilda Longhi-Wagner e Ilsi Boldrini pelo apoio nas saídas de campo;

Aos colegas Greta, Luís Fernando, Jaque, Priscila Porto Alegre, Gabi, Ana Cláudia, Martin Grings, Rafael e Ângelo, e ao professor Nelson Matzenbacher pelas coletas realizadas para o meu trabalho;

Á Edson L. de Carvalho Soares e Márcia Vignoli-Silva, pela elaboração das pranchas;

À Prof. Eliana Nunes, pelo auxílio da descrição dos tricomas e à Olinda Leites Bueno pela participação e seu conhecimento no estudo dos gêneros arbóreos;

À Marcos Sobral, Maria E. Múlgura e Verônica Thode por aceitarem discutir minhas dúvidas;

Aos curadores dos herbários, aos motoristas, Rafa e Seu Darcy e às funcionárias Camila, Joana e Rumi (herbário) e à Jaqueline (segurança);

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Botânica e à CAPES pela bolsa concedida.

## SUMÁRIO

Introdução Geral .....	04
Capítulo 1: Sinopse taxonômica e chave para a identificação dos gêneros de Verbenaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil .....	06
Capítulo 2: Os gêneros <i>Aloysia</i> , <i>Bouchea</i> , <i>Phyla</i> e <i>Stachytarpheta</i> (Tribo Lantaneae, Verbenaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil .....	46
Anexo 1: Material examinado .....	104

## INTRODUÇÃO GERAL

A família Verbenaceae, em uma análise histórica, esteve, no sistema de Engler (Engler & Gilg, 1924) posicionada na divisão Angiospermae, classe Dicotyledoneae, subclasse Metachlamydeae, ordem Tubiflorae, subordem Verbenineae (junto à família Labiatae). Já, segundo Cronquist (1988) a família constava como pertencente à divisão Magnoliophyta, classe Magnoliopsida, subclasse Asteridae, ordem Lamiales (posicionada próxima a Boraginaceae, Lennoaceae e Lamiaceae). Takhtajan (1997) considerou Verbenaceae na mesma divisão Magnoliophyta, classe Magnolipsida, subclasse Asteridae, superordem Lamiidae, ordem Lamiales (junto à Phrymaceae, Cyclocheilaceae, Symphoremataceae, Avicenniaceae, Vitaceae e Lamiaceae).

Até o sistema de classificação de Takhtajan, Verbenaceae era segregada de Lamiaceae pela posição do estilete (terminal em Verbenaceae e ginobásico em Lamiaceae). Porém, trabalhos filogenéticos evidenciaram que a família Lamiaceae se apresentaria como um grupo monofilético apenas com a inclusão de gêneros tradicionalmente posicionados em Verbenaceae (Cantino, 1992; Wagstaff & Olmstead, 1997), sendo as duas famílias separadas então pelo tipo de inflorescência (racemosa em Verbenaceae e cimosas em Lamiaceae) e pela espessura da exina do pólen próximo às aberturas (espessada em Verbenaceae e não espessada em Lamiaceae) (Judd *et al.*, 2009). Atualmente, no sistema proposto pelo Angiosperm Phylogeny Group (Stevens, 2010), a família está posicionada na classe Equisetopsida (plantas terrestres), subclasse Magnoliidae, superordem Asteranae, ordem Lamiales (junto a várias famílias, incluindo Lamiaceae).

Para a diferenciação das tribos em Verbenaceae tem sido utilizada a organização do ovário e do fruto. No Estado estão presentes quatro tribos, Citharexyleae, Lantaneae, Verbeneae, e ainda Petreae com uma espécie sob cultivo. As espécies da tribo Citharexyleae possuem drupa carnosa, com dois ou quatro pirenos (*Duranta*), ou menos por aborto, os pirenos biloculares e bisseminados ou fruto esquizocárpico, subcarnoso, separável em duas clusas biloculares e bisseminadas (*Verbenoxylum*); as florescências são racemos axilares ou terminais, multifloros, pêndulos. A tribo Lantaneae apresenta fruto drupáceo, com um pireno bilocular e bisseminado (às vezes com um ou dois lóculos suplementares vazios) ou fruto esquizocárpico seco ou subcarnoso, que se separa na maturação em duas clusas unisseminadas; as florescências na tribo são do tipo espiga, racemo espiciforme, capítulo ou panícula axilar ou terminal. A tribo Verbeneae é caracterizada por possuir fruto seco esquizocárpico, separando-se na maturação em quatro clusas unisseminadas ou fruto

drupáceo monopirênico, com pireno tetralocular e tetrasseminado, além de florescências em espigas ou capítulos multifloros, axilares ou terminais, ou racemos espiciformes cilíndricos. Na tribo Petreae o fruto é drupáceo, com dois pirenos uniloculares, cada um com uma semente; as florescências são racemos axilares, plurifloros, pêndulos (Troncoso, 1974).

Esta Dissertação está organizada em dois capítulos, o primeiro, intitulado “*Sinopse taxonômica e chave para a identificação dos gêneros de Verbenaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil*” traz uma lista das espécies para o Estado, descrição e chave para os gêneros, e o segundo capítulo, “*Os gêneros Aloysia, Bouchea, Phyla e Stachytarpheta (Tribo Lantaneae, Verbenaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil*”, trata sobre a tribo Lantaneae no Estado, excetuando os gêneros *Lantana* e *Lippia*, previamente ou atualmente estudados por outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTINO, P.D. 1992. Evidence for a polyphyletic origin of the Lamiaceae. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 79: 361-379.

CRONQUIST, A. 1988. **The evolution and Classification of Flowering Plants**. 2 ed. New York, Columbia University. 555p.

ENGLER, A.; GILG, E. 1924. **Syllabus der Pflanzenfamilien**. Berlin, Gebrüder Borntraeger. 420p.

STEVENS, P.F. (2001 onwards). **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 9, June 2008 [and more or less continuously updated since]. <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>. Capturado em 28 de maio de 2010.

TAKHTAJAN, A. 1997. **Diversity and classification of flowering plants**. New York, Columbia University. 643p.

TRONCOSO, N.S. 1974. Los Géneros de Verbenáceas de Sudamérica extratropical. **Darwiniana** 18(3-4): 295-412.

WAGSTAFF, S.J.; OLMSTEAD R.D. 1997. Phylogeny of Lamiaceae inferred from rbcL sequences. **Systematic Botany** 22: 165-179.

## **Sinopse taxonômica e chave para a identificação dos gêneros de Verbenaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil**

Priscila Ceribola Crespam

Verônica Aydos Thode

Olinda Leites Bueno

Lilian Auler Mentz

**Resumo** – Através de revisão da literatura, consulta a herbários, observações e coletas em campo, foi realizado o levantamento das espécies da família Verbenaceae J. St.-Hil. ocorrentes no estado do Rio Grande do Sul. Foram encontrados onze gêneros e 71 espécies nativas, dentre elas, *Aloysia* Palau (5 espécies e 2 cultivadas), *Bouchea* Cham. (1), *Citharexylum* L. (3), *Duranta* L. (1 e 1 cultivada), *Glandularia* J.F. Gmel. (27), *Lantana* L. (3), *Lippia* L. (13), *Phyla* Lour. (2), *Stachytarpheta* Vahl (2), *Verbena* L. (13) e *Verbenoxylum* Tronc. (1), além do gênero, *Petrea* L., com uma espécie introduzida e cultivada como ornamental. Uma espécie, *Aloysia hatschbachii* Moldenke, é citada pela primeira vez para o Estado. Quatro espécies são endêmicas do Rio Grande do Sul, *Glandularia guaibensis* P. Peralta & Thode, *Glandularia humifusa* (Cham.) Botta, *Glandularia rectiloba* (Moldenke) P. Peralta & Thode e *Lippia ramboi* Moldenke. Esta última e *Verbenoxylum reitzii* (Moldenke) Tronc. fazem parte da lista de “Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul”, classificadas na categoria “Vulnerável”. É apresentada uma chave para identificação dos diferentes gêneros, juntamente com descrições e comentários, além de uma lista das espécies nativas e cultivadas, e dados sobre a ocorrência das espécies nas distintas regiões do Estado.

**Palavras-chave:** Verbenaceae, flora, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Abstract** – (*Synopsis and analytical key for identification of genera of Verbenaceae family in Rio Grande do Sul, Brazil*) Through literature review, analysis in herbaria and field work, it was conducted a compilation of species of Verbenaceae J. St.-Hil. family present in the state of Rio Grande do Sul. It was found eleven genera and 71 native species, *Aloysia* Palau (5 species and 2 cultivated), *Bouchea* Cham. (1), *Citharexylum* L. (3), *Duranta* L. (1), *Glandularia* J.F. Gmel. (27), *Lantana* L. (3), *Lippia* L. (13), *Phyla* Lour. (2), *Stachytarpheta* Vahl (2), *Verbena* L. (13) and *Verbenoxylum* Tronc. (1), as well as the genus *Petrea* L., with one introduced species which is cultivated as ornamental. One species, *Aloysia hatschbachii*

Moldenke, is cited for the first time to the State. Four species are endemic from Rio Grande do Sul, *Glandularia guaibensis* P. Peralta & Thode, *Glandularia humifusa* (Cham.) Botta, *Glandularia rectiloba* (Moldenke) P. Peralta & Thode and *Lippia ramboi* Moldenke. *Lippia ramboi* and *Verbenoxylum reitzii* (Moldenke) Tronc. were classified as vulnerable in the list of threatened species in Rio Grande do Sul. An analytical key for genera, along with descriptions and comments, in addition to a checklist of the native and cultivated species and data about the geographical distribution of the species within the State.

**Key words:** Verbenaceae, flora, Rio Grande do Sul, Brazil.

## Introdução

A família Verbenaceae J. St.-Hil. está posicionada na ordem Lamiales e possui, segundo APG III, cerca de 34 gêneros e 1175 espécies (Stevens, 2010). A família encontra-se amplamente distribuída em regiões temperadas e tropicais (Judd *et al.*, 2009). Os primeiros sistemas propostos incluíam numerosos gêneros que hoje fazem parte das famílias Lamiaceae (por exemplo, *Aegiphila* Jacq., *Clerodendrum* L. e *Vitex* L.) e Avicenniaceae (*Avicennia* L., atualmente também aceita dentro de Acanthaceae), representadas no Brasil, além de Phrymaceae (América do Norte e Ásia) e Symphoremataceae (Ásia) (Zomlefer, 1994; Takhtajan, 1997; Wagstaff & Olmstead, 1997). Um dos primeiros trabalhos reconhecidos como uma monografia completa sobre Verbenaceae *sensu lato*, foi desenvolvido por Schauer (1847), que aceitou três tribos e dez subtribos, compreendendo 42 gêneros, incluindo Avicenniaceae e Symphoremeae. Em 1876, foram acrescentadas as tribos Phrymeae, Stilbeae e Chloantheae ao restante da família (Bentham, 1876). A classificação proposta por Briquet (1895) apresentava sete subfamílias e 13 tribos. Junell (1934) propôs grandes mudanças na sistemática do grupo, considerando apenas a subfamília Verbenoideae de Briquet como “verdadeiras verbenáceas” (Atkins, 2004). Cronquist (1981) seguiu a classificação de Briquet e mencionou a ocorrência de aproximadamente 100 gêneros e 2600 espécies. Com base em análises cladísticas e moleculares se confirmou a idéia de Junell (*loc. cit.*) e assim, muitos gêneros (exceto os da subfamília Verbenoideae, menos os representantes da tribo Monochileae) foram transferidos para Lamiaceae ou outras famílias (Cantino, 1992; Wagstaff & Olmstead, 1997).

Alguns pesquisadores contribuíram muito para o conhecimento da taxonomia e diversidade da família. Destacam-se Harold Moldenke, com diversas publicações e descrições



de espécies novas (Moldenke, 1938-1975), Nélide Troncoso, que estudou profundamente a família Verbenaceae, principalmente na América do Sul (Troncoso 1965, 1974, 1979; Troncoso & Botta, 1993), Sílvia M. Botta (Botta, 1979) que trabalhou com *Aloysia* Palau, Sandy Atkins (Atkins, 2005), que estudou *Stachytarpheta* Vahl para o Brasil, e Maria Ema Múlgura, Nataly O'Leary e Paola Peralta que vêm apresentando atualidades na família para as Américas (Múlgura, 2000; Múlgura *et al.*, 2003; Múlgura, 2007; Múlgura *et al.* 2008; Múlgura & O'Leary, 2009; O'Leary, 2006, 2007; O'Leary *et al.* 2007; Peralta & Thode, 2010). No Brasil, Tânia Regina dos Santos Silva e Fátima Regina G. Salimena (Silva, 1999; Salimena, 2000; Silva & Salimena, 2002) trabalharam respectivamente com os gêneros *Lantana* L. e *Lippia* L. e continuam a revisão, principalmente de *Lippia*, e Verônica A. Thode (Thode & Mentz, 2010) trabalhou com o gênero *Glandularia* G.F. Gmel. para o Rio Grande do Sul.

Na *Flora Brasiliensis* constam, para Verbenaceae *sensu lato*, 17 gêneros e 210 espécies para o Brasil (Schauer, 1851), número ampliado por Barroso *et al.* (1986), que mencionaram a ocorrência de 22 gêneros e 296 espécies. Em 2005, Souza & Lorenzi referiram, para Verbenaceae *sensu stricto*, 17 gêneros e cerca de 250 espécies, não concordando com a posição de Wagstaff & Olmstead (1997) que transferiram o gênero *Monochilus* Fisch. & C.A. Mey. para a família Lamiaceae, fato que reduziria o número de gêneros ocorrentes no Brasil para 16, o que confere com a segunda edição da obra (Souza & Lorenzi, 2008) e Salimena *et al.* (2010), que citam para o país 16 gêneros e entre 250 e 310 espécies, respectivamente.

Para o Brasil austral (estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) foram citados 16 gêneros para Verbenaceae *sensu lato*, *Aegiphila* Jacq., *Aloysia* Palau, *Bouchea* Cham., *Casselia* Nees & C. Mart., *Citharexylum* L., *Clerodendrum* L., *Duranta* L., *Glandularia* J.F. Gmel., *Lantana* L., *Lippia* L., *Petrea* L. (cultivada), *Phyla* Lour., *Stachytarpheta* Vahl, *Verbena* L., *Verbenoxylum* Tronc. e *Vitex* L. (Troncoso, 1974). O gênero *Casselia* não tem representantes nativos na Região Sul do Brasil (Salimena *et al.*, 2010), apesar de ter sido referido por Troncoso (*loc. cit.*), possivelmente baseada na publicação da obra de Rambo (1965), que mencionou para algumas de suas coletas depositadas no Herbário PACA, o nome *Timotocia chamaedryfolia* (Cham.) Moldenke. Este material foi examinado e corresponde a *Glandularia jordanensis* (Moldenke) N. O'Leary & P. Peralta. Os gêneros *Aegiphila*, *Clerodendrum* e *Vitex* foram transferidos para a família Lamiaceae, com base em análises cladísticas e moleculares (Cantino, 1992; Thorne, 1992;

Wagstaff & Olmstead, 1997), reduzindo o número de gêneros nativos no sul do Brasil para doze e no Rio Grande do Sul para onze.

Irmão Augusto (Augusto, 1946) foi o primeiro a registrar as espécies da família para o estado do Rio Grande do Sul. Organizou os gêneros e espécies segundo Engler (não mencionando referência nem ano da edição, possivelmente 1924), em seções e aparentemente subseções (grupos não nominados, simbolizados por “§”), aceitando *Verbena* (24 espécies), *Lantana* (7), *Lippia* (incluindo nela *Aloysia* e *Phyla*) (11), *Bouchea* (1), *Stachytarpheta* (1), *Petrea* (1 cultivada), *Citharexylum* (4), *Duranta* (1 cultivada), *Aegiphila* (2), *Vitex* (1) e *Clerodendrum* (2 cultivadas). Posteriormente, Irmão Teodoro Luis (Teodoro Luis, 1961) elaborou chaves e listas de espécies para o município de Porto Alegre, reconhecendo 11 gêneros (9 para Verbenaceae *sensu stricto*) e 36 espécies (32 para Verbenaceae *sensu stricto*). Rambo (1965) listou 1140 exsicatas de Verbenaceae coletadas por ele no Rio Grande do Sul, incluídas em 12 gêneros e 69 espécies. Excluindo-se os nomes pertencentes aos gêneros já mencionados e que foram transferidos para Lamiaceae, restaram para Verbenaceae, no trabalho de Rambo (1965), 9 gêneros e 61 espécies. Rambo (*loc. cit.*) também mencionou que, se adicionadas mais 23 espécies citadas na literatura para o Estado (das quais, 22 espécies da família *sensu stricto*), se chegaria a 92 espécies, uma soma que, segundo ele, não deveria estar longe do número real de espécies existentes no Estado.

Este trabalho tem como objetivo principal fornecer informações de cunho florístico e taxonômico para a identificação dos gêneros de Verbenaceae que ocorrem no Rio Grande do Sul, assim contribuindo para um melhor conhecimento da flora do Estado.

## MATERIAL E MÉTODOS

Revisão da literatura, coletas nas diferentes regiões fisiográficas do estado do Rio Grande do Sul e revisão dos herbários HAS, ICN E PACA para os gêneros *Citharexylum*, *Duranta*, *Lantana*, *Lippia*, *Petrea*, *Verbena* e *Verbenoxylum* e \*CNPO, CRI, HAS, \*HUCS, \*HUI, HURG, \*HVAT, ICN, MPUC, PACA, PEL, SMDB e UNILASALLE para os gêneros *Aloysia*, *Bouchea*, *Glandularia*, *Phyla* e *Stachytarpheta* (siglas dos herbários listados de acordo com o *Index Herbariorum*, Holmgren & Holmgren (2010), com exceção daqueles antecidos por um asterisco, não registrados até a data de publicação da obra consultada),

propiciaram a elaboração de uma chave analítica para a identificação dos gêneros de Verbenaceae ocorrentes no Estado, além de possibilitar a descrição dos mesmos e a apresentação de uma lista das espécies para cada gênero. Esta lista consta do nome do táxon, acompanhado da obra original, de um material testemunho depositado nos herbários ICN, HAS ou PACA e das regiões fisiográficas em que as espécies ocorrem no estado do Rio Grande do Sul, regiões segundo a classificação de Fortes (1959). No texto não são mencionados nomes dos autores das espécies listadas, os quais constam da Tabela 1. A descrição dos gêneros é acompanhada de comentários pertinentes, principalmente nomes populares, obtidos nas etiquetas das exsicatas e de usos medicinais populares, quando existentes na literatura. Além destes, foram feitos alguns comentários sobre os ambientes de ocorrência das espécies, quando importante. Foram consideradas obras de referência para usos populares a obra de Pio Corrêa (1926-1984), além de outras publicações pertinentes. Foram consultadas as listas “Espécies da flora ameaçadas de extinção do Rio Grande do Sul” (CONSEMA, 2002) e “Lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção” (MMA, 2008), para verificar a menção de espécies ameaçadas.

Foram escolhidos os termos florescência, clusa e pireno, por ser esta a terminologia usual em verbenáceas. Florescência é a unidade de floração mais simples em uma sinflorescência (Rua, 1999); o termo clusa é utilizado como sinônimo de mericarpo e o termo pireno para o conjunto do endocarpo lignificado e a semente, nos frutos carnosos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A família Verbenaceae está representada no Rio Grande do Sul por 11 gêneros e 71 espécies nativas, *Aloysia* (5 espécies), *Bouchea* (1), *Citharexylum* (3), *Duranta* (1), *Glandularia* (27), *Lantana* (3), *Lippia* (13), *Phyla* (2), *Stachytarpheta* (2), *Verbena* (13) e *Verbenoxylum* (1) e um gênero, *Petrea*, com uma espécie introduzida e cultivada como ornamental. Além dele, algumas espécies de *Aloysia*, *Citharexylum*, *Duranta*, *Glandularia*, *Lantana*, *Lippia*, *Stachytarpheta* e *Verbena* também são encontradas sob cultivo, como ornamentais ou medicinais. Os gêneros ocorrentes no Estado estão agrupados em quatro tribos. A tribo Verbenae é composta por quatro gêneros, dos quais dois ocorrem no Estado, *Glandularia* e *Verbena*. A tribo Lantaneae compreende onze gêneros, dos quais seis estão representados no Estado, *Aloysia*, *Bouchea*, *Lantana*, *Lippia*, *Phyla* e *Stachytarpheta*. A tribo *Citharexyleae* é formada por cinco gêneros, dos quais três ocorrem no Estado, *Citharexylum*,

*Verbenoxylum* e *Duranta*. A tribo Petreae é formada por dois gêneros, dos quais apenas *Petrea* já foi observado no Estado, sob cultivo. Diversas espécies da família, com inúmeras variedades ocorrem como cultivadas. Duas espécies estão citadas na lista das “Espécies da flora ameaçadas de extinção do Rio Grande do Sul” (CONSEMA, 2002) e nenhuma consta da “Lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção” (MMA, 2008).

## VERBENACEAE J. St.-Hil.

### Descrição da família

**Ervas** às vezes xilopodíferas, subarbustos eretos, decumbentes ou prostrados, também às vezes xilopodíferos, arbustos, arbustos apoiantes, arvoretas ou árvores, inermes ou espinescentes. **Indumento** quase sempre presente, formado por tricomas tectores simples e tricomas glandulares; tricomas simples unicelulares a pluricelulares e unisseriados, com ou sem base rosulada (com uma coroa de células ao redor da base da célula basal, geralmente formando uma coroa simples) (Figura 1a), mais raramente coroa formada por alguns círculos concêntricos de células diferenciadas das demais células epidérmicas (Figura 1b); cutícula dos tricomas simples lisa ou verrucosa; raramente ocorrem tricomas malpighiáceos (*Phyla*) (Figura 1c); tricomas glandulares subsésseis, curto ou longo-pedicelados, com cabeça ovóide a globosa, formada por duas ou quatro células. **Folhas** simples, opostas, oposto-cruzadas ou verticiladas, ou ainda alternas (*Aloysia polystachya*), inteiras, lobadas ou pinatissectas, sem estípulas. Glândulas pelúcidas, presentes no parênquima esponjoso, são visíveis com lente de 10x ou a olho nu, em algumas espécies, marcando a face abaxial das lâminas foliares com pontuações de aspecto resinoso-brilhante. **Florescências** dos tipos racemo, racemo espiciforme, espiga ou espiga capituliforme, com raque alongada ou não na frutificação. **Brácteas** sempre presentes, às vezes caducas. **Flores** gamossépalas (às vezes sépalas bipartidas) e gamopétalas, pentâmeras ou tetrâmeras, monoclinas ou mais raro diclinas, zigomorfas a subactinomorfas. **Cálice** verde ou petalóide, às vezes inconspícuo, quase sempre persistente no fruto, acrescentado ou não, às vezes acrescentado e envolvendo totalmente o mesmo. **Corola** infundibuliforme ou hipocrateriforme, branca, creme, azul, lilás, roxa, rosa, rosado-alaranjada, amarela, laranja ou vermelha. **Androceu** com 4 estames, didínamos, mais raramente 5 ou 2, epipétalos; estaminódios presentes ou não; anteras dítecas, com tecas paralelas ou mais raro divergentes (*Stachytarpheta* e *Verbenoxylum*, este apenas na deiscência); apêndices conectivos presentes ou não, glandulares ou não. **Gineceu** de ovário

súpero, gamocarpelar, bicarpelar, monocarpelar ou mais raramente tetracarpelar, cada carpelo bilocular, lóculos com um ou dois rudimentos seminiais; estilete terminal ou mais raramente lateral. **Fruto** esquizocárpico ou drupáceo, mais raramente drupa esquizocárpica (*Verbenoxylum*). **Sementes** com embrião reto e sem endosperma.

### Chave para identificação dos gêneros de Verbenaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul

1. Cálice petalóide, muito mais longo que a corola ..... *Petrea*\*
- 1'. Cálice não petalóide, mais curto que a corola ..... 2
  
2. Estames 4 férteis e 1 estaminódio ou 5 férteis ..... 3
- 2'. Estames 4 férteis, sem estaminódios ou 2 férteis e 2 estaminódios ..... 4
  
3. Anteras divergentes na deiscência; fruto drupa esquizocárpica, com duas clusas que se separam na maturação ..... *Verbenoxylum*
- 3'. Anteras não divergentes na deiscência; fruto drupáceo, com dois pirenos inclusos ..... *Citharexylum*
  
4. Cada flor acompanhada de uma bráctea e 2 bractéolas ..... 5
- 4'. Cada flor acompanhada de apenas uma bráctea ..... 6
  
5. Fruto drupáceo, indeiscente; cálice acrescente e envolvendo todo o fruto na maturação ..... *Duranta*
- 5'. Fruto esquizocárpico, separando-se em duas clusas; cálice acrescente até 2/3 do fruto, rasgando na maturação ..... *Bouchea*
  
6. Ovário tetralocular, separando-se na maturação em um fruto esquizocárpico com 4 clusas unisseminadas ..... 7
- 6'. Ovário bilocular, com um rudimento seminal por lóculo, separando-se na maturação em um fruto esquizocárpico com 2 clusas unisseminadas ou originando fruto drupáceo ..... 8

7. Corola hipocrateriforme; anteras com ou sem conectivo glandular; tecas superando o conectivo; estilete 3 ou mais vezes o comprimento do ovário; ervas rasteiras, prostradas ou ascendentes; ramos cilíndricos ou subtetrágonos ..... ***Glandularia***
- 7'. Corola infundibuliforme; anteras sem conectivo glandular; tecas não superando o conectivo; estilete até 3 vezes o comprimento do ovário; ervas geralmente eretas; ramos tetrágonos ..... ***Verbena***
8. Raque foveolada; flores com 2 estames férteis + 2 estaminódios; anteras com tecas divergentes 180° ..... ***Stachytarpheta***
- 8'. Raque não-foveolada; flores com 4 estames férteis; anteras com tecas paralelas ..... **9**
9. Plantas com tricomas malpighiáceos no caule, ramos, pedúnculos, brácteas e corola ..... ***Phyla***
- 9'. Plantas sem tricomas malpighiáceos ..... **10**
10. Florescências em racemos espiciformes longos (exc. *A. polystachya*); brácteas menores ou iguais ao cálice em comprimento ..... ***Aloysia***
- 10'. Florescências capituliformes densas; brácteas mais longas que o cálice ..... **11**
11. Fruto seco, esquizocárpico ou drupáceo de pericarpo coriáceo, separando-se na maturação em duas clusas ..... ***Lippia***
- 11'. Fruto carnosos, drupáceo de pericarpo delgado, não se separando na maturação ..... ***Lantana***

\* Gênero com uma espécie cultivada no Rio Grande do Sul (*Petrea volubilis* L.).

***Aloysia*** Palau, *Parte Práct. Bot.* 1: 768. 1784.

**Arbustos** ou arvoretas, eretos, às vezes com ramos espinescentes; plantas pilosas, com tricomas tectores simples e tricomas glandulares subsésseis, raramente pedicelados; ramos subtetrágonos, tetrágonos ou cilíndricos, muitas vezes com estrias longitudinais e córtex descamante. **Folhas** opostas, verticiladas ou subverticiladas, às vezes acompanhadas de

pequenos fascículos foliosos, raramente alternas; lâmina inteira, ovalada, obovada, elíptica, lanceolada, oblonga, ovalado-lanceolada ou cordiforme, às vezes assimétrica, decorrente no pecíolo, de margem inteira, serrada, crenado-serrada, dentada, serrulado-crenada ou serrulada, às vezes irregular. **Florescências** em racemos espiciformes, laxos ou densos, simples ou ramificados. **Brácteas** lanceoladas, ovaladas, linear-lanceoladas, ovalado-lanceoladas, oblanceoladas ou obovadas, com margem ciliada. **Flores** subactinomorfas, monoclinas, curto-pediceladas ou subsésseis. **Cálice** gamossépalo, tubuloso, com 4 lacínias triangulares, triangular-lanceoladas ou lanceoladas. **Corola** branca, hipocrateriforme, limbo tetralobado. **Estames** 4, didínamos, inseridos no 1/4, 1/3 ou metade superior do tubo corolino, tecas paralelas. **Ovário** globoso, subgloboso, ovóide, obovóide ou elipsóide, monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, estigma oblíquo, capitado. **Fruto** esquizocárpico, elipsóide, achatado ou obovóide, achatado, formado por 2 clusas unisseminadas; cálice e estilete persistentes.

O gênero *Aloysia* compreende 30 espécies e está presente na América subtropical e temperada, estendendo-se desde o sul dos Estados Unidos e México até o norte da Patagônia (Troncoso, 1974; Múlgura *et al.*, 2003; Siedo, 2006). No Rio Grande do Sul ocorrem 7 espécies (Tabela 1), sendo 2 delas, *Aloysia citrodora* e *A. polystachya*, encontradas apenas sob cultivo. *Aloysia hatschbachii* consiste em uma nova ocorrência para o Estado. Além das espécies analisadas, existe o registro da ocorrência de *Aloysia dusenii* Moldenke para o Rio Grande do Sul, em uma citação de Siedo (2006), baseada na coleta de A. Krapovickas & A. Schinini 38344 (CTES, LL, UC), para o município de Bom Jesus (Rio Pelotas). No entanto, este material não foi visto e, portanto, postergamos a confirmação da ocorrência da espécie no Estado. Esta ocorrência também foi citada por Salimena *et al.* (2010), sem citação de material examinado. Múlgura *et al.* (2008) mencionam a espécie somente para o Paraná, de onde é o tipo. Com exceção de *Aloysia virgata*, conhecida como pau-lixia, lixa ou lixeira, devido à aspereza das folhas, que é uma arvoreta de até 6 m de altura, as demais espécies são arbustos. Salimena *et al.* (2010) não mencionam a ocorrência desta espécie para o Estado, mas a citação existe desde Rambo (1965). Algumas espécies são conhecidas pelo uso medicinal popular, como *Aloysia citrodora* [= *Aloysia triphylla* (L'Hér.) Britton], *Aloysia lycioides* e *Aloysia polystachya*. A maioria dos usos está relacionada com problemas dos aparelhos digestivo e respiratório (Simões *et al.*, 1986; Lorenzi & Matos, 2002; Barboza *et al.*, 2006).

***Bouchea*** Cham., *Linnaea* 7(2): 252-254. 1832.

**Subarbustos** a arbustos; ramos subtetrágonos a tetrágonos, frequentemente com estrias longitudinais, com tricomas tectores simples esparsos e tricomas glandulares subsésseis esparsos (concentrados nos nós). **Folhas** opostas; lâmina ovalada a lanceolada, às vezes assimétrica, membranácea, discolor, ápice agudo a acuminado, base cuneada, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, serrada ou dentada, dentes geralmente irregulares, iniciando logo acima da base até 1/3 da base, levemente revoluta ou não; **superfície adaxial** com tricomas tectores simples (marcadamente pluricelulares e unisseriados), adpressos, frequentemente caducos, esparsos sobre a lâmina e concentrados na nervura principal e margens, roseta basal pouco visível, conferindo leve aspereza à lâmina, tricomas glandulares presentes, esparsos, vermelho-alaranjados, brilhantes, principalmente nas folhas jovens; **superfície abaxial** com tricomas tectores simples (pluricelulares e unisseriados), adpressos, esparsos sobre a lâmina e concentrados nas nervuras; roseta basal pouco visível; tricomas glandulares presentes, esparsos, vermelho-alaranjados, brilhantes. **Florescências** em racemos espiciformes, com tricomas tectores simples e tricomas glandulares presentes na raque. **Brácteas** triangular-lanceoladas, com tricomas tectores simples, antrorsos, margem escariosa e ciliada; duas bractéolas internas, estreito-lanceoladas, raramente triangular-lanceoladas, com tricomas tectores simples, margem escariosa e ciliada. **Flores** zigomorfas, monoclinas, curto-pediceladas. **Cálice** gamossépalo, tubuloso, com 5 costelas terminadas em lacínias subuladas, quatro delas iguais ou quase e uma menor adaxial, superfície com tricomas tectores simples, marcadamente pluricelulares e tricomas glandulares concentrados sobre as costelas, mais densos sobre as lacínias. **Corola** roxa com fauce branca, subinfundibuliforme, pentalobada, tricomas tectores simples e tricomas glandulares pedicelados presentes na metade superior do tubo corolino internamente; externamente com tricomas tectores simples e tricomas glandulares curto-pedicelados na metade superior do tubo. **Estames** 4, didínamos, inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, inclusos, conectivo pouco exserto; anteras superiores maiores, tecas paralelas, subiguais; filetes alargados, com tricomas glandulares curtamente pedicelados (mais evidentes nos filetes superiores). **Ovário** ovóide, monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete com ápice geniculado, estigma oblíquo. **Fruto** esquizocárpico, estreito-elipsóide, achatado, com um estrangulamento próximo a base e levemente rostrado no ápice, com 2 clusas que se separam na maturação, superfície lisa; cálice acrescente até 2/3, rasgando na maturação.



As espécies de *Bouchea* ocorrem na América tropical e subtropical, desde o norte da Argentina e Uruguai, até os Estados Unidos. O gênero engloba cerca de 10 espécies (Múlgura *et al.* 2003). No Rio Grande do Sul ocorre apenas uma espécie (Tabela 1), *Bouchea fluminensis*, geralmente confundida com *Stachytarpheta cayennensis* ou com *S. laevis*, diferindo destas por possuir duas bractéolas, além da bráctea, na inserção da flor, raque não-foveolada, quatro estames férteis, anteras com tecas paralelas e estilete com ápice geniculado. Na Lista da Flora do Brasil (Salimena *et al.* 2010) o limite austral da espécie é o estado de São Paulo, o que não confere com os resultados aqui encontrados. A espécie ocorre no Estado, e foi citada por Augusto (1946) sob o nome *B. agrestis* Schauer; a ilustração não deixa dúvidas quanto à identidade do material. Teodoro Luis (1961) e Rambo (1965), mencionaram a espécie sob o nome *B. fluminensis*. No Estado ocorre em borda de matas, muitas vezes associada a cursos d'água. É conhecida pelos nomes populares gervão, gervão-de-folha-grande, gervão-do-mato e gervão-roxo (dados retirados do material examinado). Pio Corrêa (1926-1984) sob o sinônimo *Bouchea pseudogervao* (A. St.-Hil.) Cham. e nome popular gervão-falso, menciona que a espécie é reputada como antiemética e estimulante do aparelho digestivo.

*Citharexylum* L., *Sp. Pl.* 1: 625. 1753.

**Árvores** semiperenifólias; plantas glabras ou pilosas, inermes ou com espinhos axilares, opostos ou oposto-cruzados; tronco ereto, copa arredondada ou algo indefinida, ramos longos. **Folhas** opostas, raramente verticiladas, pecioladas ou sésseis; lâmina inteira, glabra a velutina e, às vezes, com pontuações glandulosas no dorso (*C. montevidense*), elíptica, ápice agudo, obtuso ou acuminado, até emarginado-mucronado, base cuneada ou aguda, margem podendo apresentar alguns dentes; às vezes ocorre um par de glândulas na base. **Florescência** em racemos multifloros, axilares, pêndulos. **Brácteas** escamosas, caducas. **Flores** subactinomorfas, monoclinas, curto-pediceladas. **Cálice** gamossépalo, tubuloso, acrescentado, persistente no fruto (cupuliforme), 5 dentado ou bilobado, às vezes com glândula na base. **Corola** branca, creme ou rosado-alaranjada, tubulosa, 5(4-6) lobada, com tricomas na garganta. **Estames** 5 ou 4, e 1 estaminódio, filetes curtos, anteras sagitadas ou ovóides, tecas paralelas. **Ovário** cilíndrico ou obovado, bicarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete incluso menor ou do tamanho do tubo corolino, estigma subgloboso, emarginado ou discretamente capitado. **Fruto** drupáceo, elipsóide a globoso, contendo dois pirenos lignificados, livres entre si, biloculares por falsos septos.

*Citharexylum* é um gênero americano de regiões tropicais e subtropicais, com cerca de 130 espécies, apresentando dispersão zoocórica. Para o Brasil, Moldenke (1958, 1959, 1966a) mencionou 10 espécies, das quais quatro para o Estado, *C. montevidense*, *C. myrianthum*, *C. solanaceum* e *C. rigidum* (Briq.) Moldenke. Essa última, mencionada por Moldenke (*loc. cit.*) como sendo muito rara, não foi constatada no presente estudo, e segundo Salimena *et al.* (2010), ocorre no estado do Pará. Todas as espécies ocorrentes no Rio Grande do Sul (Tabela 1) são arbóreas e tem frutos carnosos e vermelhos na maturação. *Citharexylum montevidense*, popularmente conhecida como tarumã-de-espinho, por apresentar ramos providos de espinhos, é árvore de até 10 m de altura, ocorrendo nas matas ciliares e nas florestas semidecíduais das bacias dos rios Paraná e Uruguai (Lorenzi, 2009), prefere solos secos e pedregosos. Segundo Pio Corrêa (1926-1984), suas flores podem servir para a indústria da perfumaria. *Citharexylum myrianthum*, popularmente conhecida como tucaneira (Sobral *et al.*, 2006), tarumã-branco, jacareúba, é uma árvore da Mata Atlântica, ocorrendo desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, chegando ao Paraguai e Argentina (Backes & Irgang, 2002). É uma espécie típica de áreas úmidas e até encharcadas, tem distribuição irregular e descontínua, com maior presença no Litoral, podendo atingir 6-20 m altura (Lorenzi, 1998). *Citharexylum solanaceum*, popularmente conhecida como tarumã-branco, tarumã-grande, tarumã, é uma árvore da Mata Atlântica e da Floresta Ombrófila Mista, tendo sua distribuição principal compatível com a distribuição da mata com Araucária, ocorrendo do Paraná ao Rio Grande do Sul (Lorenzi, 2009); pode atingir 4-9 m altura.

*Duranta* L., *Sp. Pl.* 2: 637. 1753.

**Arbustos** ou arvoretas, semiperenifólios, eretos ou apoiantes; ramos longos, flácidos, estriados, copa aberta; plantas pilosas nos ramos apicais e glabrescentes no restante; espinhos axilares opostos ou oposto-cruzados, de até 2,5 cm de comprimento. **Folhas** opostas, oposto-cruzadas, raramente verticiladas, pecioladas; lâmina elíptica, ápice agudo, base decurrente no pecíolo, margem inteira ou dentada (no mesmo exemplar podem ocorrer folhas com os dois tipos de bordo), com bordos revolutos; **face adaxial** glabra ou glabrescente; **face abaxial** glabra ou densamente pubescente, então esbranquiçada, com pontuações glandulosas, tricomas maiores e mais evidentes nas nervuras, caducos. **Florescência** em racemos axilares e terminais, pêndulos, multifloros. **Brácteas** 1, axilar e 2 bractéolas, caducas, localizadas em

pecíolo articulado (ponto de quebra). **Flores** subactinomorfas, monoclinas, pediceladas, pedicelos pilosos; parte do pedicelo permanece na raque após a queda dos frutos. **Cálice** gamossépalo, cilíndrico, truncado no ápice, 5 costado, com 5 dentes agudos sendo 1 menor, piloso no 1/3 superior da face interna, acrescente e persistente, encerrando o fruto. **Corola** azulada, hipocrateriforme, 5 lobada, lobos arredondados e ondulados nos bordos, externamente pubérula, tricomas cedo caducos. **Estames** 4, didínamos, inclusos, anteras ovóides, tecas paralelas. **Ovário** ovóide, tetracarpelar, cada carpelo bilocular e cada lóculo com dois rudimentos seminiais; estilete terminal, incluso, estigma capitado-lobado. **Fruto** drupáceo, globoso, carnosos, indeiscente, amarelo no amadurecimento, com a superfície lisa constituída pelo cálice acrescente.

O gênero *Duranta* compreende cerca de 35 espécies, de distribuição tropical e subtropical nas Américas (Troncoso, 1974). Para o Brasil, são mencionadas 4 espécies nativas (Salimena *et al.*, 2010), sendo que apenas uma delas chega ao Rio Grande do Sul (Tabela 1), *Duranta vestita*, encontrada na Floresta Ombrófila Mista. Esta espécie é uma arvoreta de até 5 m de altura, geralmente espinescente, de belo efeito decorativo, tanto pelas flores, como pelos frutos globosos e apiculados, pêndulos nas extremidades dos ramos; sua dispersão é ornitocórica. Segundo Lorenzi (2009), seu nome popular é fruta-de-jacu. Além da espécie nativa, existem variedades de *Duranta repens*, cultivadas como ornamentais e amplamente comercializadas, conhecidas como violeteira, durante, pingo-de-ouro, entre outros (Lorenzi & Souza, 1999). Possivelmente seus agentes polinizadores sejam abelhas, principalmente do gênero *Xylocopa* (mamangaba), que visitam frequentemente suas flores. Pio Corrêa (1926-1984) menciona que flores de espécies de *Duranta* são excitantes (estimulantes) e os frutos febrífugos.

*Glandularia* J.F. Gmel., *Syst. Veg.* 2(2): 920. 1792.

**Ervas ou subarbustos** perenes, eretos, decumbentes, prostrados ou rasteiros, com ramos floríferos ascendentes; plantas subglabras a pilosas, com tricomas tectores e glandulares; caule quadrangular ou subquadrangular. **Folhas** opostas; lâmina inteira, lobada ou pinatissecta, séssil ou peciolada, decurrente no pecíolo ou no caule. **Florescências** em espigas multifloras ou paucifloras, umbeliformes, cilíndricas ou ovóides na antese, com raque alongada ou não na frutificação. **Brácteas** lanceoladas, oval-lanceoladas ou linear-lanceoladas, com margem ciliada. **Flores** levemente zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Cálice**

gamossépalo, cilíndrico-tubular, frequentemente com 5 costelas evidentes e desiguais, triangulares, triangular-lanceoladas, lanceoladas, subuladas ou mucronadas, coniventes ou contortas no fruto. **Corola** lilás, roxa, branca, vermelha, rosa ou azul, hipocrateriforme ou infundibuliforme, externamente glabra ou pilosa e com tricomas moniliformes na fauce; limbo pentalobado com lobos desiguais. **Estames** 4, didínamos, o par superior com ou sem apêndices que superam ou não as tecas, inclusos ou exsertos, tecas paralelas. **Ovário** elíptico, bicarpelar, tetralocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, filiforme, estilete 3 ou mais vezes o comprimento do ovário, estigma bilobado. **Fruto** esquizocárpico formado por 4 clusas unisseminadas; clusas com ápice agudo a obtuso, base alargada, pouco alargada ou não alargada, face ventral papilosa ou lisa, face dorsal geralmente reticulada na porção superior e estriada na inferior.

O gênero *Glandularia* é representado por cerca de 84 espécies, das quais cerca de 31 ocorrem no Brasil (Peralta & Thode, 2010; Salimena *et al.*, 2010). No Rio Grande do Sul ocorrem 27 espécies (Tabela 1), algumas restritas a determinadas regiões e outras amplamente distribuídas no Estado (Thode & Mentz, 2010). As espécies de *Glandularia* são encontradas em vários ambientes no Estado, como campos secos, arenosos, pedregosos e úmidos, banhados, turfeiras, beiras de estrada e dunas. Algumas podem ser confundidas com espécies do gênero *Verbena* L., pois possuem caracteres morfológicos característicos deste gênero, só podendo ser distinguidas através do número cromossômico, que em *Glandularia* é igual a 5 e seus múltiplos e em *Verbena* é igual a 7 e seus múltiplos. Folhas de *Glandularia peruviana* são utilizadas na Argentina como antiespasmódico, estomacal e oftálmico (Barboza *et al.*, 2006). Algumas espécies deste gênero, como *Glandularia aristigera* e *Glandularia tenera*, são cultivadas como ornamentais (Lorenzi & Souza, 1999), sendo que várias outras também possuem este potencial e poderiam ser melhor exploradas para este fim.

*Lantana* L., *Sp. Pl.* 2: 626. 1753.

**Arbustos** eretos ou apoiantes, inermes ou espinescentes, ou subarbustos xilopodíferos, perenes; plantas subglabras a pilosas, com tricomas tectores, glandulares ou resinoso-glandulares; caule quadrangular ou subquadrangular. **Folhas** opostas, pecioladas; lâmina inteira, ovalada a elíptica, de margem dentada, crenada ou serrada. **Florescências** em espigas capituliformes, axilares, solitárias ou aos pares, pedunculadas, alongadas ou não na frutificação. **Brácteas** persistentes ou caducas, lanceoladas, oblongo-lanceoladas ou ovalado-

cordiformes, iguais ou desiguais entre si, com ou sem margem ciliada. **Flores** zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Cálice** gamossépalo, tubular, truncado a 4-5 laciniado ou bilabiado, acrescente ou rasgando-se irregularmente na frutificação. **Corola** amarela, alaranjada, rosada, violácea ou branca, hipocrateriforme, sub-bilabiada, externamente pilosa; tubo cilíndrico e ampliado na porção mediana; limbo com lábio inferior ampliado e dividido em 3 lobos, dos quais o mediano é o maior, e lábio superior menor e emarginado. **Estames** 4, didínamos, inseridos na porção mediana do tubo, sem apêndices conectivais, inclusos, tecas paralelas. **Ovário** globoso a ovóide, monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, filiforme, curto, incluso, estigma lateral e oblíquo, papiloso. **Fruto** drupáceo, subgloboso a globoso, bisseminado, com ou sem um sulco central na porção basal.

O gênero *Lantana* compreende cerca de 150 espécies, distribuídas nas Américas, África e Ásia (Troncoso, 1979), com 22 espécies reconhecidas no Brasil por Silva (1999) e 26 táxons listados por Salimena *et al.* (2010). Schauer (1847) ao ampliar a circunscrição de *Lantana*, provocou a sobreposição de caracteres com *Lippia*, já que ambos passaram a incluir espécies com frutos com dois pirenos. Com base em análise cladística, Silva (1999) mostrou que o gênero era polifilético e nesta sinopse adotou-se *Lantana sensu* Chamisso (1832), considerando apenas as espécies com fruto drupa (monopirenado), com mesocarpo carnoso. No Rio Grande do Sul o gênero *Lantana* está representado por três espécies nativas (Tabela 1), além de variedades e formas cultivadas. *Lantana camara* L., popularmente conhecida como camará, cambará-de-espinho ou chumbinho, é um arbusto ramificado, com ramos frequentemente espinescentes, eretos ou às vezes escandentes. As flores têm coloração variada, inclusive na mesma sinflorescência, em regra são amarelo-alaranjadas a amarelo-avermelhadas, com brácteas lanceoladas e iguais entre si. Atualmente a espécie é encontrada assilvestrada em vários continentes, sendo responsável por intoxicações em bovinos, ovinos, caprinos e coelhos, tanto no Brasil como em outros países, como México, África do Sul e Austrália. A intoxicação em animais causa hepatotoxicidade, e como consequência uma fotossensibilização e insuficiência renal, podendo levar a óbito (Tokarnia *et al.*, 2000). *Lantana camara* também é cultivada como ornamental, com inúmeras variedades com flores de cores diversas (Lorenzi & Souza, 1999) e pode ser considerada infestante em pastagens e terrenos baldios (Lorenzi, 2000). Apesar da comprovada toxicidade, esta espécie fez parte da primeira edição da Farmacopéia Brasileira (1929) e tem sido utilizada como medicinal em afecções das vias respiratórias, na forma de xarope e também na forma de compressas nas dores reumáticas (Pio Corrêa, 1926-1984; Lorenzi & Matos, 2002). As folhas da espécie são

utilizadas na Argentina por sua atividade analgésica, antipirética e antiinflamatória (Barboza *et al.*, 2006). *Lantana fucata* Lindl., popularmente conhecida como camará-roxo, é um arbusto ramificado, com ramos não espinescentes, às vezes escandente, e difere de *Lantana camara* pelas folhas mais estreitas, pela ausência de ramos espinescentes, pelas brácteas da sinflorescência de tamanhos diferentes entre si, sendo as duas externas maiores que as demais e internas, e flores lilases de fauce branca a amarelada, *Lantana fucata* também é cultivada como ornamental, com flores de cor rosa-arroxeadas (Lorenzi & Souza, 1999) e é considerada infestante em pastagens, beira de cercas e terrenos baldios (Lorenzi, 2000). Folhas e flores são referidas por Pio Corrêa (1926-1984), sob o nome *Lantana lilacina* Desf., na forma de infusões e xaropes no combate a resfriados e bronquites. Para *Lantana montevidensis* (Spreng.) Briq. nenhum nome popular foi mencionado no material examinado. Esta espécie é um subarbusto xilopodífero, de até 40 cm de altura, com flores róseas a lilases, sendo encontrado nos campos sobre morros graníticos do Rio Grande do Sul, No herbário PACA e em Rambo (1965) o material identificado como *Lantana reineckii* Briq. corresponde a esta espécie.

#### Observações

*Lantana megapotamica* (Spreng.) Tronc. é mencionada para o Rio Grande do Sul (Troncoso, 1979; Múlgura *et al.*, 2008), ocorrendo também no Paraguai, Argentina e Uruguai. O material citado em Múlgura *et al.* (*loc. cit.*), (M. Sobral 8751, MBM) não foi visto, mas a ilustração em Troncoso (1979) para a espécie poderia se referir a uma planta jovem de *Lantana fucata*. No trabalho de Silva (1999) este nome não é mencionado. *Lantana undulata* Schrank consta na “Lista de espécies da flora do Brasil” como ocorrente no Rio Grande do Sul (Salimena *et al.*, 2010). No entanto, em todo o material examinado não foi encontrada exsicata que pudesse pertencer a esta espécie. Portanto, novos estudos devem ser realizados para o gênero, na Região Sul do Brasil.

*Lippia* L., *Sp. Pl.* 2: 633. 1753.

**Ervas** xilopodíferas, subarbustos ou arbustos perenes, eretos; plantas subglabras a pilosas, com tricomas tectores simples e tricomas glandulares ou resinoso-glandulares; caule quadrangular ou subquadrangular. **Folhas** opostas, pecioladas; lâmina inteira, ovalada, elíptica ou lanceolada, margem irregularmente dentada ou serrada, raro inteira, às vezes decurrente no pecíolo; indumento geralmente formado por tricomas simples, com ou sem uma

coroa de células ao redor da base, então com parede verrucosa, e tricomas glandulares com cabeça uni ou bicelular, sésseis ou pedicelados. **Florescências** em espigas capituliformes, axilares ou terminais, solitárias ou numerosas, organizadas então em panículas terminais, sempre alongadas na frutificação. **Brácteas** imbricadas, ovaladas, ovalado-lanceoladas, obovaladas, geralmente com margem ciliada. **Flores** zigomorfas, monoclinas ou diclinas, então em plantas dióicas, sésseis. **Cálice** gamossépalo, tubuloso, comprimido, ou 2-4 dentado a fendido, persistente no fruto, rasgando-se geralmente em duas porções, parecendo dialissépalo. **Corola** amarela, lilás ou branca, bilabiada, infundibuliforme, com tubo curto, externamente glabra ou pilosa. **Estames** 4, didínamos, inseridos na porção superior do tubo, sem apêndices conectivais, inclusos, o par superior levemente exserto, tecas paralelas. **Ovário** monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, curto, incluso; estigma oblíquo. **Fruto** esquizocárpico, formado por 2 clusas unisseminadas; clusas hemisféricas ou subcilíndricas, face ventral plana, face dorsal convexa, lisa ou reticulada.

Segundo Salimena & Múlgura (2009), o gênero *Lippia* agrupa um grande número de espécies, distribuídas nas Américas, África e Caribe. Destas, 98 são mencionadas para o Brasil (Salimena *et al.*, 2010). No Rio Grande do Sul ocorrem 12 espécies nativas e uma aparentemente cultivada (Tabela 1), das quais a maioria é campestre, com exceção de *L. brasiliensis*, *L. lippioides* e *L. ramboi*, que ocorrem em beira de matas e clareiras. A maioria das espécies campestres são dióicas (Múlgura, 2000). *Lippia ramboi*, única espécie do gênero endêmica do Estado, consta da lista de “Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção do Rio Grande do Sul” (CONSEMA, 2002), na categoria “Vulnerável”. *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br., popularmente conhecida no Rio Grande do Sul como sálvia-da-gripe e erva-cidreira, é utilizada principalmente como sedativa, antiespasmódica e analgésica. Pio Corrêa (1926-1984) sob o nome *Lippia geminata* e nome popular erva-cidreira-do-campo, menciona seu uso como antiespasmódica, estomáquica e emenagoga. Gilbert *et al.* (2005) apresentam uma revisão químico-farmacológica para a espécie, destacando a detecção das atividades antimicrobiana, antiviral, sedativa, analgésica e estomáquica, as quais poderiam justificar os usos populares em problemas bronco-pulmonares, da pele e mucosas, e o uso como sedativo. Segundo Lorenzi & Matos (2002) existem no Brasil pelo menos três quimiotipos, que diferem na composição química e ação farmacológica. Salimena *et al.* (2010) colocam esta espécie como nativa no Estado, mas a maioria dos materiais examinados referem a coleta como “cultivada”. *Lippia angustifolia*, *L. coarctata* e *L. villafloridana* parecem ocorrer apenas na região dos campos do oeste do Estado, enquanto que *L. pusilla* ocorre apenas nos morros

graníticos em Porto Alegre, existindo ainda uma coleta para o município de Torres. No Herbário PACA existe uma única coleta de *Lippia angustifolia* para o Estado, que apesar de estéril confere com outro material do mesmo Herbário, coletado no Paraná (Hatschbach 661, PACA, MBM). *Lippia coarctata* difere das demais por apresentar, nas lâminas foliares, vários círculos concêntricos em coroa ao redor do tricoma tector. A ocorrência de *Lippia villafloridana* Kuntze, já citada por Rambo (1965), foi confirmada neste trabalho. Salimena *et al.* (2010) informam que a espécie não ocorre no Brasil, mas as coletas realizadas nos municípios de Barra do Quaraí, Uruguaiana e São Luiz Gonzaga mostram que a espécie ocorre no Estado. *Lippia pusilla* T. Silva & Salimena é mencionada apenas para o estado do Paraná por Salimena *et al.* (2010), mas o material depositado no Herbário PACA, sob o nome *Lantana chamaedrifolia* Cham. (nome ilegítimo), corresponde a esta espécie. Portanto, a prioridade do reconhecimento do táxon para o Estado deve-se a Rambo (1965).

*Petrea* L., *Sp. Pl.* 2: 626. 1753.

**Arbustos** sarmentosos; plantas glabras ou pilosas, então com tricomas tectores e glandulares; caule lenhoso, ramos subtetrágonos. **Folhas** opostas, raramente verticiladas, curto-pecioladas; lâmina inteira, elíptica, ápice acuminado, base arredondada a aguda, margem ondulada ou lisa. **Florescências** em racemos axilares plurifloros, pêndulos. **Brácteas** lanceoladas, curtas, com margem escariosa a quase hialina, frequentemente caducas. **Flores** zigomorfas, monoclinas, pediceladas. **Cálice** gamossépalo, tubular, persistente no fruto, com 5 lacínias lanceoladas, subiguais, petalóides, azuis a roxas, mais raramente brancas, muito mais longas do que a corola, com 5 escamas internas e alternas às sépalas. **Corola** azul a roxa, mais raramente branca, hipocrateriforme, externamente pilosa; tubo reto ou curvo; limbo pentalobado, com lobos elíptico-arredondados, um deles maior, oblíquos em relação ao tubo. **Estames** 4, didínamos ou quase, inseridos na porção superior do tubo, conectivo mais longo do que as tecas, inclusos, tecas paralelas; estaminódio às vezes presente. **Ovário** oblongo, monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal, disco basal conspícuo; estilete terminal, filiforme; estigma subcapitado. **Fruto** drupáceo, envolto pelo cálice acrescente, formado por 2 clusas unisseminadas; clusas ovóides, com a face externa coriácea.

O gênero *Petrea* compreende 11 espécies, originárias das regiões tropicais das Américas (Rueda, 1994), estando representada no Rio Grande do Sul por apenas uma espécie (Tabela 1), *Petrea volubilis*, cultivada como ornamental. A principal característica da espécie



cultivada no Estado é a presença de cálice petalóide, de maiores dimensões do que a corola. Diversos nomes populares são atribuídos à espécie, entre eles, capela-de-viúva, touca-de-viúva e flor-de-são-miguel. Lorenzi & Souza (1999) citam como cultivada no Brasil *P. subserrata* Cham., dizendo ser esta diferente de *Petrea volubilis* no comprimento e margem das folhas. Lorenzi *et al.* (2003) também mencionam *P. arborea* Kunth como cultivada no Brasil, que seria uma árvore ou arvoreta de até 6 m, com flores de cálice e corola brancos. No entanto, Rueda (1994) considera estes três nomes como sinônimos, mencionando ser a espécie muito polimorfa.

*Phyla* Lour., *Fl. Cochinch.* 1: 66. 1790.

**Ervas** a subarbustos, prostrados, com ramos herbáceos a lenhosos, paralelos ao solo, enraizados nos nós; ramificações eretas, herbáceas a sublenhosas, ramos cilíndricos ou subtetrágonos, muitas vezes com estrias longitudinais; caule e ramos com tricomas malpighiáceos. **Folhas** opostas, muitas vezes concentradas nos nós dos ramos prostrados e com entrenós bem marcados nos ramos eretos; lâmina obovada ou obovado-lanceolada, muito raramente elíptica, ápice obtuso a agudo, base cuneada a atenuada e decurrente no pecíolo, margem dentada ou serrada na metade superior do limbo ou um pouco abaixo, dentes às vezes inconspícuos; **superfície adaxial** com tricomas malpighiáceos; **superfície abaxial** com tricomas malpighiáceos e glândulas pelúcidas de coloração amarela a acastanhada na planta herborizada, às vezes pouco visíveis; nervura principal conspícua. **Florescências** em espigas capituliformes, às vezes com raque algo acrescentada na maturação (subcilíndrica ou cilíndrica), sustentadas por longos pedúnculos, cobertos por tricomas malpighiáceos densos. **Flores** zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Brácteas** obovadas ou obtruladas, cobertas por tricomas malpighiáceos; margens hialinas. **Cálice** gamossépalo, tubuloso-comprimido, bilabiado, com sinos adaxial e abaxial profundos, sinos laterais pouco evidentes. **Corola** branca com fauce amarela ou lilás, hipocrateriforme, com lobo abaxial mais desenvolvido, subdividido em três lóbulos. **Estames** 4, didínamos, inseridos na metade ou 1/3 superior do tubo corolino, tecas paralelas, subiguais. **Ovário** ovóide, monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, curto, estigma discóide, oblíquo. **Fruto** esquizocárpico, obovóide, com duas clusas, cálice e estilete persistentes.

O gênero *Phyla* compreende cerca de 11 espécies (Múlgura *et al.* 2003), amplamente distribuídas nas regiões tropicais e subtropicais. No Rio Grande do Sul o gênero está

representado por duas espécies (Tabela 1), tipicamente litorâneas, *Phyla canescens* e *P. reptans*. No entanto, Salimena *et al.* (2010), citam para o Estado *P. nodiflora* (L.) Greene, provavelmente tratando as espécies ocorrentes aqui como variedades desta. As espécies *P. canescens* e *P. reptans* podem ser diferenciadas no ambiente por *P. reptans* ser mais robusta, seus ramos e folhas mais carnosos, e por possuir ramos eretos pronunciados, além dos prostrados. As duas espécies habitam dunas e campos úmidos, estando muito presentes também em ambientes altamente antropizados, como terrenos baldios e beira de calçadas. Sob o nome *Lippia nodiflora* (L.) Michx., e com o nome popular erva-dos-mosquitos, Pio Corrêa (1926-1984) apresenta uma figura que se parece com *P. reptans*, mencionando sua importância na fixação de areias e dunas.

*Stachytarpheta* Vahl, *Enum. Pl.* 1: 205-210. 1804.

**Subarbustos** ou ervas eretos; plantas glabras ou pilosas; caule e ramos subtetrágonos a cilíndricos. **Folhas** opostas; lâmina inteira, ovalada a estreito-ovalada até elíptica, ápice agudo, base cuneada a atenuada, às vezes assimétrica, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, crenas iniciando acima de 1/4 ou mais a partir da base. **Florescências** com flores sésseis, não patentes, em espigas longas, com eixos mais ou menos engrossados, flexuosos e foveolados. **Flores** zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Brácteas** lanceoladas, margem escariosa até quase hialina. **Cálice** gamossépalo, tubuloso-comprimido, com 4 lacínias iguais ou subiguais, e uma lacínia adaxial ausente ou reduzida, com sino adaxial. **Corola** azul-pálida a azul, hipocrateriforme, limbo pentalobado com lobos desiguais, os dois superiores maiores, e os três inferiores levemente menores. **Estames** 2, com tecas divergentes e desiguais e 2 estaminódios filiformes, inseridos na metade ou 1/4 superior do tubo corolino. **Ovário** ovóide, monocarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, estigma capitado, papiloso. **Fruto** esquizocárpico, levemente obovóide, formado por 2 clusas subconatas, apiculadas, reticulado-estriadas, face adaxial levemente côncava, cálice e estilete persistentes no fruto.

O gênero *Stachytarpheta* compreende cerca de 133 espécies quase exclusivas das Américas, das quais 79 ocorrem no Brasil (Atkins, 2005). No Rio Grande do Sul ocorrem apenas duas espécies (Tabela 1). *Stachytarpheta laevis* é uma espécie tipicamente litorânea (de Torres a Santa Vitória do Palmar, ocorrendo esporadicamente mais para o interior, até o município de São Francisco de Paula) e foi descrita por Moldenke (1947) com base em

material coletado em Porto Alegre, diferindo de *Stachytarpheta cayennensis*, espécie de ampla distribuição, pela ausência de tricomas em ramos e folhas, raque, bractéolas e cálice. Ainda, as espécies do gênero *Stachytarpheta* são geralmente confundidas com *Bouchea fluminensis* (ver comentário sob este nome). Sob o nome *Stachytarpheta dichotoma* (Ruiz & Pav.) Vahl (= *S. cayennensis*), e nome popular gervão, Pio Corrêa (1926-1984) menciona o uso das folhas como sendo os mesmos referidos para espécies de *Verbena*, e também como anti-hemorroidal e laxativa. Sob o nome popular gervão-roxo o mesmo autor menciona *Valerianoides cayennensis* (Rich.) Kuntze (= *S. cayennensis*), no combate às dores do peito e estômago, como estimulante, sudorífica, febrífuga, diurética, e para lavar úlceras. Também é cultivada como ornamental (Lorenzi & Souza, 1999).

*Verbena* L., *Sp. Pl.* 1: 18. 1753.

**Ervas** anuais ou perenes, ou subarbustos, eretos ou menos comumente ascendentes; plantas glabras a pilosas, com tricomas tectores e glandulares; caule quadrangular. **Folhas** opostas; lâmina inteira, raramente lobada ou pinatissecta, séssil ou peciolada, decurrente no pecíolo ou no caule. **Florescências** em espigas multifloras ou paucifloras, umbeliformes, cilíndricas ou ovóides na antese, com raque alongada na frutificação. **Brácteas** lanceoladas, oval-lanceoladas ou linear-lanceoladas, com margem ciliada. **Flores** levemente zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Cálice** gamossépalo, cilíndrico-tubular, com 5 costelas frequentemente evidentes e desiguais, triangulares, triangular-lanceoladas, lanceoladas ou subuladas, coniventes no fruto. **Corola** lilás, roxa, rosa ou azul, infundibuliforme ou raramente hipocrateriforme, externamente glabra ou pilosa e com tricomas moniliformes na fauce; limbo pentalobado, com lobos desiguais. **Estames** 4, didínamos, o par superior sem apêndices, tecas paralelas. **Ovário** elíptico, bicarpelar, tetralocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, filiforme, estilete até 3 vezes o comprimento do ovário, estigma bilobado. Fruto esquizocárpico formado por 4 clusas unisseminadas, clusas com ápice em geral obtuso, base pouco alargada ou não alargada, face ventral papilosa ou lisa, face dorsal geralmente reticulada na porção superior e estriada na inferior.

O gênero *Verbena* é representado por cerca de 45 espécies, das quais cerca de 20 ocorrem no Brasil (O'Leary *et al.*, 2007; Salimena *et al.*, 2010). No Rio Grande do Sul ocorrem 13 espécies (Tabela 1). Um nome mencionado para o Brasil desde Rambo (1965) é *Verbena ephedroides* Cham. Salimena *et al.* (2010) referem a espécie para toda a Região Sul do Brasil.

No entanto, mesmo Rambo (1965) tinha dúvidas quanto à identidade da espécie e, nos comentários após o único material mencionado (Rambo 30934, PACA), ele deixa claro que não consegue separar este material dos demais sob o nome de *V. alata*. O material foi visto e trata-se realmente de *V. alata*. Outro material citado sob este nome por O’Leary (2007) é mais uma coleta de Balduino Rambo, de número 34721 (SI), e que não foi vista. Neste momento é mais prudente não considerar este nome, até que coletas da espécie sejam examinadas. Todas as espécies de *Verbena* são campestres, ocorrendo em diferentes regiões do Estado. Algumas espécies, como *V. gracilescens*, *V. intercedens* e *V. ovata* são mais típicas dos campos da porção oriental do Estado, enquanto que *V. filicaulis* e *V. lindbergii* ocorrem nas regiões de maior altitude, principalmente na porção mais ao leste. Uma das espécies nativas, *V. rigida*, é citada por Lorenzi & Souza (1999) como ornamental, com o nome popular erva-aramé. Folhas e flores de *V. bonariensis* são referidas na Argentina como antiespasmódicas e emenagogas (folhas) e como peitorais (flores), e folhas de *V. litoralis* como hepáticas, digestivas, emenagogas, anticefalálgicas e febrífugas, e as raízes como béquicas (Barboza *et al.*, 2006).

*Verbenoxylum* Tronc., *Darwiniana* 16: 622. 1971.

**Árvores** perenifólias, tronco ereto; ramos cilíndricos, glabros, estriados e com lenticelas, escurecidos em material herborizado. **Folhas** opostas; lâmina elíptica ou obovóide, ápice arredondado ou agudo, base trinervada, longamente atenuada no pecíolo, margem dentada na metade superior; nervuras secundárias bem marcadas na face abaxial, com tufo de tricomas nas axilas. **Florescências** em racemos multifloros, pêndulos, pedunculados, axilares e solitários no ápice dos ramos. **Brácteas** filiformes a lanceoladas, maiores que o cálice, caducas. **Flores** subactinomorfas, monoclinas, curto-pediceladas, dispostas desordenadamente ao longo da raque. **Cálice** gamossépalo, cupuliforme, truncado no ápice, 5 costado, culminando em 5 dentes curtos, face interna pilosa na metade superior, glabro externamente; sépalas esverdeadas, persistentes na deiscência, atingindo a metade do fruto. **Corola** branca, perfumada, infundibuliforme, pubérula, 5 lobada, lobos arredondados, discretamente desiguais. **Estames** 4 didínamos e 1 estaminódio, inclusos, fixos no 1/3 inferior do tubo, tecas divergentes na deiscência. **Ovário** ovóide, bicarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete longo, incluso, escuro, encurvado na porção terminal e estigma com 2 lobos curtos, desiguais. **Fruto** drupa esquizocárpica, obovóide, atenuada na base e

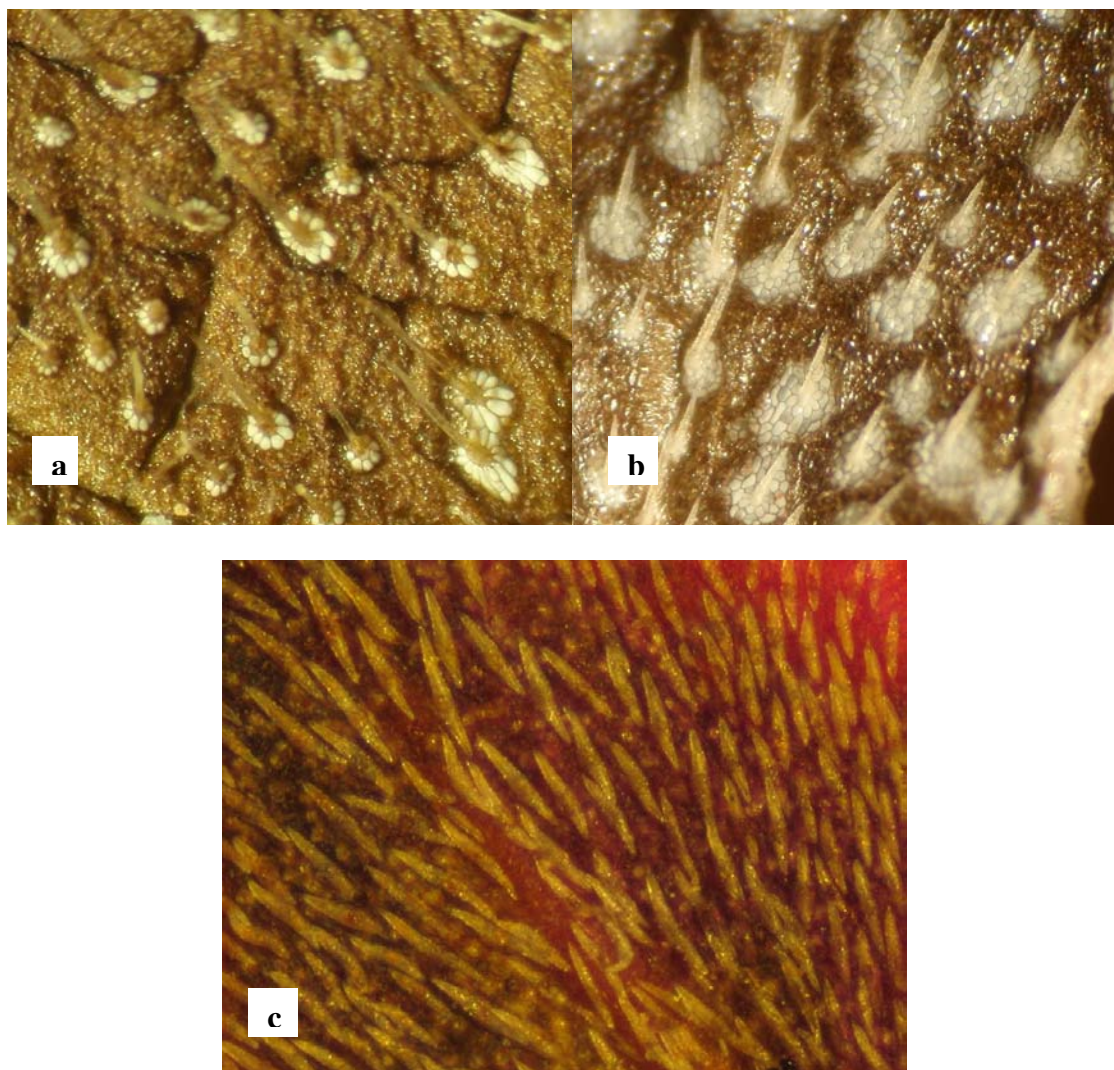
apiculada no ápice, escura ao amadurecer, separando-se em duas clusas biloculares, formadas por falsos septos, contendo duas sementes.

*Verbenoxylum* é um gênero monotípico do Brasil austral, ocorrendo nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Tabela 1). A única espécie do gênero, *Verbenoxylum reitzii*, é uma árvore de até 12 m de altura, típica da Mata Atlântica litorânea, com ocorrência mais discreta na Floresta Ombrófila Mista. Esta espécie consta da lista de “Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção do Rio Grande do Sul” (CONSEMA, 2002), na categoria “Vulnerável”.

## Conclusões

Considerando-se as 61 espécies mencionadas por Rambo (1965), mais as 22 citadas por ele como ocorrentes no Estado, mas não encontradas no Herbário PACA, nesta revisão deveriam ter sido encontradas pelo menos 83 espécies de Verbenaceae *sensu stricto*. No entanto, foram registradas 71 espécies nativas. Este fato se deve a algumas sinonímias estabelecidas posteriormente e ao entendimento atual da maioria dos gêneros, que foram objeto de revisões por especialistas. Uma espécie, *Aloysia hatschbachii* Moldenke, corresponde à citação de nova ocorrência e quatro espécies são endêmicas no Estado, *Glandularia guaibensis* P. Peralta & Thode, *Glandularia humifusa* (Cham.) Botta, *Glandularia rectiloba* (Moldenke) P. Peralta & Thode e *Lippia ramboi* Moldenke. Esta última e *Verbenoxylum reitzii* (Moldenke) Tronc. fazem parte da lista de “Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção do Rio Grande do Sul”, na categoria “Vulnerável”. Apesar de somente estas estarem incluídas na flora nativa ameaçada do Estado, muitas espécies do grupo, tais como *Aloysia chamaedryfolia* e *A. polygaliifolia*, encontram-se em ambientes sob forte pressão antrópica e possuem populações reduzidas, enquanto que *Aloysia lycioides*, *Lantana fucata* e *Stachytarpheta cayennensis* ocorrem nas diferentes formações vegetais, e não sofrem maiores ameaças. Alguns gêneros são tipicamente campestres, como *Verbena* e *Glandularia*, outros florestais, como *Citharexylum*, *Duranta* e *Verbenoxylum* e outros parecem ter adquirido um comportamento ruderal, como *Stachytarpheta* e algumas espécies de *Lantana*, como *Lantana camara* e *L. fucata*. O potencial ornamental da família parece extraordinário, mas poucas espécies nativas já foram exploradas, principalmente *Lantana camara*, além de poucas espécies de *Glandularia* e de *Verbena*.

Este trabalho teve como resultado uma lista mais atualizada do que as que constavam na literatura, além da identificação de materiais nos maiores herbários do Estado (ICN, HAS e PACA). Foi possível observar que poucos especialistas se detiveram em examinar estas coleções. Nas viagens de coleta ficou muito evidente o grau de destruição dos ambientes pelos cultivos de soja, trigo e milho, além da silvicultura e da invasão de espécies exóticas. Como perspectivas futuras, seriam importantes revisões florísticas e taxonômicas das espécies de alguns gêneros, como *Verbena*, *Lantana* e *Lippia* no Estado e no Sul do Brasil.



**Figura 1** – Exemplos de tricomas na família Verbenaceae: **a.** tricomas simples com uma coroa de células ao redor da base da célula basal, na face adaxial da folha em *Lippia turnerifolia* Cham. (Hatschbach 1006); **b.** tricomas simples com coroa formada por alguns círculos concêntricos de células diferenciadas das demais células epidérmicas, na face adaxial da folha em *Lippia coarctata* Tronc. (B. Rambo s.n. PACA 26114); **c.** tricomas malpighiáceos na face abaxial da bráctea em *Phyla reptans* (Kunth) Greene (G. Grazziotin s.n. HUCS 7467).

**Tabela 1.** Verbenaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil com citação de uma exsicata representativa depositada nos herbários HAS, ICN ou PACA e presença nas regiões fisiográficas, segundo Fortes (1959). Após o nome de cada espécie é mencionada a obra em que consta a descrição original. As siglas correspondem: Alto Uruguai = AU, Campanha = C, Campos de Cima da Serra = CCS, Depressão Central = DC, Encosta do Sudeste = ES, Encosta Inferior do Nordeste = EIN, Encosta Superior do Nordeste = ESN, Litoral = L, Missões = M, Planalto Médio = PM, Serra do Sudeste = SS

Táxon	Material testemunho	Regiões fisiográficas
<i>Aloysia chamaedryfolia</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 234. 1832.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 169 (ICN)	AU, C, DC, ES, EIN, M, PM, SS
<i>Aloysia citrodora</i> Palau, <i>Parte Pract. Bot.</i> 1: 768. 1784.	G.S. Vendruscolo 224 (ICN)	Cultivada no Estado
<i>Aloysia hatschbachii</i> Moldenke, <i>Phytologia</i> 18: 341. 1967.	K. Emrich <i>s.n.</i> (PACA 29993)	<b>Ocorrência Nova</b> EIN
<i>Aloysia lycioides</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 237. 1832.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 164 (ICN)	Presente em todas as regiões fisiográficas; também cultivada
<i>Aloysia polygalifolia</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 236. 1832.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 139 (ICN)	AU, CCS, DC, EIN, PM
<i>Aloysia polystachya</i> (Griseb.) Moldenke, <i>Lilloa</i> 5: 380. 1940.	A. Alvarez <i>s.n.</i> (ICN 157226)	Cultivada no Estado
<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Pers., <i>Syn. Pl.</i> 2(1): 139. 1806.	M. Molz <i>s.n.</i> (ICN 161927)	AU
<i>Bouchea fluminensis</i> (Vell.) Moldenke, <i>Fedde Rep.</i> 49: 117. 1940.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 183 (ICN)	AU, C, CCS, DC, EIN, ESN, L
<i>Citharexylum montevidense</i> (Spreng.) Moldenke, <i>Phytologia</i> 1: 17. 1933.	E. Vianna <i>s.n.</i> (ICN 9661)	C, DC, ES, EIN, L, M, PM, SS
<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 117. 1832.	C. Leonhardt & C. Fior <i>s.n.</i> (HAS 46255)	DC, ES, EIN, ESN, L
<i>Citharexylum solanaceum</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 119. 1832.	O. Bueno 6622 (HAS)	AU, CCS, DC, EIN, ESN, L
<i>Duranta repens</i> L., <i>Sp. Pl.</i> 2: 637. 1753. e suas variedades	A.A. Schneider 39 (ICN)	Cultivada no Estado
<i>Duranta vestita</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 115. 1832.	J.C. Lindeman <i>s.n.</i> (HAS 3029)	CCS, EIN
<i>Glandularia aristigera</i> (S. Moore) Tronc., <i>Darwiniana</i> 14(4): 636. 1968.	V. Thode 188 (ICN)	AU, C, M, PM
<i>Glandularia catharinae</i> (Moldenke) N. O'Leary & P. Peralta, <i>Darwiniana</i> 45(2): 219. 2007.	V. Thode 15 (ICN)	CCS, EIN, ESN



<i>Glandularia corymbosa</i> (Ruiz & Pav.) N. O'Leary & P. Peralta, <i>Darwiniana</i> 45(2): 219. 2007.	A. Sehnem 4155 (PACA)	CCS, EIN, SS
<i>Glandularia guaibensis</i> P. Peralta & Thode, <i>Rodriguésia</i> 61(1): S30. 2010	N.I. Matzenbacher <i>s.n.</i> (ICN 63933)	<b>Endêmica no Estado</b> DC
<i>Glandularia guaranitica</i> Tronc., <i>Darwiniana</i> 16(3-4): 618. 1971.	E.T.H. Franco <i>s.n.</i> (ICN 64366)	AU, M, PM
<i>Glandularia hasslerana</i> (Briq.) Tronc., <i>Darwiniana</i> 19(2-4): 738. 1975.	B. Rambo 9388 (PACA)	C, PM
<i>Glandularia herteri</i> (Moldenke) Tronc., <i>Darwiniana</i> 19(2-4): 738. 1975.	B. Rambo 26125 (PACA)	C
<i>Glandularia humifusa</i> (Cham.) Botta, <i>Hickenia</i> 2(28): 128. 1995.	M. Fleig 753 (ICN)	<b>Endêmica no Estado</b> DC, EIN, SS
<i>Glandularia jordanensis</i> (Moldenke) N. O'Leary & P. Peralta, <i>Darwiniana</i> 45(2): 228. 2007.	M. Sobral & J.R. Stehmann 2742 (ICN)	CCS
<i>Glandularia lobata</i> (Vell.) P. Peralta & Thode, <i>Rodriguésia</i> 61(1): S30.2010	V. Thode 147 (ICN)	AU, CCS, EIN, ESN, M
<i>Glandularia marrubioides</i> (Cham.) Tronc., <i>Darwiniana</i> 19: 738. 1975.	V. Thode 29 (ICN)	AU, CCS, DC, ESN, PM
<i>Glandularia megapotamica</i> (Spreng.) Cabrera & Dawson, <i>Revista Mus. La Plata, Secc. Bot.</i> 5: 357. 1944.	V. Thode 122 (ICN)	SS
<i>Glandularia nana</i> (Moldenke) Tronc., <i>Darwiniana</i> 19(2-4): 738. 1975.	I. Boldrini & R. Setubal 1549 (ICN)	C
<i>Glandularia peruviana</i> (L.) Small, <i>Man. Southeast. Fl.</i> 1139. 1933.	V. Thode 112 (ICN)	Presente em todas as regiões fisiográficas; também cultivada
<i>Glandularia phlogiflora</i> (Cham.) Schnack & Covas, <i>Darwiniana</i> 6: 475. 1944.	V. Thode 146 (ICN)	AU, CCS, DC, EIN, ESN, L, PM
<i>Glandularia platensis</i> (Spreng.) Schnack & Covas, <i>Darwiniana</i> 6(3): 475. 1944.	R. Setubal & I. Boldrini 733 (ICN)	C, SS

<i>Glandularia pulchra</i> (Moldenke) Botta, <i>Hickenia</i> 2(28): 128. 1995.	E. Henz 29682 (PACA)	DC, EIN
<i>Glandularia rectiloba</i> (Moldenke) P. Peralta & Thode, <i>Rodriguésia</i> 61(1): S32.2010	V. Thode 230 (ICN)	<b>Endêmica no Estado C</b>
<i>Glandularia scrobiculata</i> (Griseb.) Tronc., <i>Darwiniana</i> 19(2-4): 738. 1975.	J. Larocca <i>s.n.</i> (PACA 97350)	ESN, M
<i>Glandularia selloi</i> (Spreng.) Tronc., <i>Darwiniana</i> 13(2-4): 481. 1964.	V. Thode 79 (ICN)	C, CCS, DC, EIN, ES, L, M, PM, SS
<i>Glandularia sessilis</i> (Cham.) Tronc., <i>Fl. Il. Entre Ríos</i> 6(5): 247. 1979.	V. Thode 111 (ICN)	C, M, SS
<i>Glandularia stellarioides</i> (Cham.) Schnack & Covas, <i>Bol. Soc. Argent. Bot.</i> 1: 284. 1946.	B. Rambo 10156 (PACA)	PM
<i>Glandularia subincana</i> Tronc., <i>Darwiniana</i> 13(2-4): 478, f. 5. 1964.	V. Thode 197 (ICN)	C, M
<i>Glandularia tenera</i> (Spreng.) Cabrera, <i>Man. Fl. Al. Buenos Aires</i> : 398. 1953.	L. Eggers 291 (ICN)	C, CCS, DC, EIN, L, M, PM, SS
<i>Glandularia tessmannii</i> (Moldenke) P. Peralta & Thode, <i>Rodriguésia</i> 61(1): S30. 2010	M.G. Rossoni 546 (ICN)	L
<i>Glandularia thymoides</i> (Cham.) N. O'Leary, <i>Novon</i> 17(4): 509. 2007.	V. Thode 104 (ICN)	AU, C, CCS, DC, EIN, ESN, L, M, PM, SS
<i>Glandularia tomophylla</i> (Briq.) P. Peralta, <i>Darwiniana</i> 45(2): 241. 2008.	V. Thode 201 (ICN)	M, PM
<i>Lantana camara</i> L., <i>Sp. Pl.</i> 2: 627. 1753.	K. Hagelund 6591 (ICN)	Presente em todas as regiões fisiográficas; também cultivada
<i>Lantana fucata</i> Lindl., <i>Bot. Reg.</i> 10: t. 798. 1824.	K. Hagelund 12384 (ICN)	Presente em todas as regiões fisiográficas; também cultivada
<i>Lantana montevidensis</i> (Spreng.) Briq., <i>Annuaire Conserv. Jard. Bot. Genève</i> 7-8: 301. 1904.	R. Setubal & J. Bassi 390 (ICN)	AU, C, DC, EIN, ES, M, PM, SS
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br., <i>Bot. Porto Rico</i> 6: 141. 1925.	K. Hagelund 1507 (ICN)	AU, C, CCS, DC, EIN, L, M, PM; também cultivada

<i>Lippia angustifolia</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 377. 1832.	B. Rambo 25780 (PACA)	C
<i>Lippia arechavaletae</i> Moldenke, <i>Lilloa</i> 5: 420. 1940.	M. Sobral 2595 (ICN)	AU, C, DC, EIN
<i>Lippia asperrima</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 215. 1832.	M. Sobral 3288 (ICN)	C, M, PM
<i>Lippia brasiliensis</i> (Link) T. Silva, <i>Darwiniana</i> 40: 58. 2002.	J.A. Jarenkow 2011 (ICN)	AU, EIN, L
<i>Lippia coarctata</i> Tronc., <i>Darwiniana</i> 19: 490. 1975.	I. Boldrini <i>et al.</i> 1598 (ICN)	C
<i>Lippia ekmanii</i> Moldenke, <i>Phytologia</i> 2: 365. 1947.	K. Hagelund 5639 (ICN)	AU, M, PM
<i>Lippia hieracifolia</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 375. 1832.	J.C. Lindeman <i>et al. s.n.</i> (ICN 21096)	Presente em todas as regiões fisiográficas
<i>Lippia lippoides</i> (Cham.) Rusby, <i>Mem. Torrey Bot.</i> <i>Club</i> 6: 106. 1896.	B. Rambo 47135 (PACA)	AU, CCS, DC, EIN, PM
<i>Lippia pusilla</i> T. Silva & Salimena, <i>Darwiniana</i> 40: 59. 2002.	H. Longhi-Wagner & A. Guglieri 7208 (ICN)	DC, L
<i>Lippia ramboi</i> Moldenke, <i>Lloydia</i> 13: 223-224. 1950.	M. Sobral & J.A. Jarenkow 5416 (ICN)	<b>Endêmica no Estado</b> CCS, DC, ES, SS
<i>Lippia turnerifolia</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 217. 1832.	M.R. Ritter 1231 (ICN)	AU, C, M, PM
<i>Lippia villafloridana</i> Kuntze, <i>Revis. Gen. Pl.</i> 3(3): 253. 1898.	M. Sobral 3423 (ICN)	C
<i>Petrea volubilis</i> L., <i>Sp. Pl.</i> 2: 626. 1753.	Irmão Augusto <i>s.n.</i> (ICN 18846)	Cultivada no Estado
<i>Phyla canescens</i> (Kunth) Greene, <i>Pittonia</i> 4: 48. 1899.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 106 (ICN)	C, DC, ES, L
<i>Phyla reptans</i> (Kunth) Greene, <i>Pittonia</i> 4: 47. 1899.	Irmão Ary, 19 (ICN)	ES, L
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl, <i>Enum. Plant.</i> 1: 208. 1804.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 182 (ICN)	AU, C, CCS, DC, EIN, ES, ESN, L, M e PM; também cultivada
<i>Stachytarpheta laevis</i> Moldenke, <i>Phytologia</i> 2: 369. 1974.	P.C. Crespam <i>et al.</i> 80 (ICN)	CCS, DC, EIN, ES, L; também cultivada
<i>Verbena alata</i> Otto ex Sweet, <i>Brit. Fl. Gard.</i> 4: tab. 41. 1830.	A. Knob & S. Bordignon 7604 (ICN)	CCS, DC, EIN, ESN, ES, L
<i>Verbena bonariensis</i> L., <i>Sp.</i> <i>Pl.</i> 1: 20. 1753.	L.O.Castro <i>s.n.</i> (ICN 66753)	AU, C, CCS, DC, EIN, ESN, ES, L, M, PM

<i>Verbena filicaulis</i> Schauer, <i>Prodr.</i> 11: 549. 1847.	V.F.Kinupp & Lorenzi 3094 (ICN)	CCS, ESN
<i>Verbena gracilescens</i> (Cham.) Herter, <i>Revista Sudamer.</i> <i>Bot.</i> 4: 186. 1937.	M. Sobral 3335 (ICN 63450)	C, M
<i>Verbena hirta</i> Spreng., <i>Syst.</i> <i>Veg.</i> ed. 16, 2: 749. 1825.	M. Sobral 7738 (ICN)	AU, CCS, ESN, PM
<i>Verbena intercedens</i> Briq., <i>Bull. Herb. Boissier</i> , sér. 2, 4(10): 1057. 1904.	H.L.-Wagner <i>et al.</i> 1662 (ICN)	AU, C
<i>Verbena intermedia</i> Gillies et Hook. ex Hook., <i>Bot. Misc.</i> 1: 166. 1829.	M. Sobral <i>et al.</i> 5396 (ICN)	AU, C, DC, M, PM, SS
<i>Verbena lindbergii</i> Moldenke, <i>Phytologia</i> 2: 322. 1947.	J.L. Waechter 1913 (ICN)	CCS, ESN
<i>Verbena litoralis</i> Kunth, <i>Nov.</i> <i>Gen. Sp.</i> (4ed.) 2: 276. t. 137. 1817 [1818].	K. Hagelund 2121 (ICN)	Presente em todas as regiões fisiográficas
<i>Verbena montevidensis</i> Spreng., <i>Syst. Veg.</i> ed. 16, 2: 747. 1825.	K. Hagelund 5919 (ICN)	Presente em todas as regiões fisiográficas
<i>Verbena ovata</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 263. 1832.	K. Hagelund 1604 (ICN)	AU, M, PM
<i>Verbena rigida</i> Spreng., <i>Syst.</i> <i>Veg.</i> ed. 16, 4(2): 230. 1827.	M. Sobral 3785 (ICN)	AU, C, CCS, DC, EIN, ES, M, PM, SS; também cultivada
<i>Verbena sagittalis</i> Cham., <i>Linnaea</i> 7: 259. 1832.	M. Sobral 1175 (ICN)	CCS, DC, ES, L, SS
<i>Verbenoxylum reitzii</i> (Moldenke) Tronc., <i>Darwiniana</i> 16: 626. 1971.	R.G. Magalhães 274 (HAS)	CCS, EIN, L

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ATKINS, S. 2004. Verbenaceae. *In*: N. SMITH *et al.* **Flowering plants of the Neotropics**. New Jersey, The New York Botanical Garden.

ATKINS, S. 2005. The genus *Stachytarpheta* (Verbenaceae) in Brazil. **Kew Bulletin** 60: 161-272.

AUGUSTO, Irmão. 1946. **Flora do Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial. 639p.

BACKES, P.; IRGANG, B. 2002. **Árvores do Sul: guia de identificação & interesse ecológico**. Porto Alegre, Clube da Árvore, Instituto Souza Cruz.325p.

BARBOZA, G.E.; CANTERO, J.J.; NUÑEZ, C.O.; ARIZA ESPINAR, L. (eds.) 2006. **Flora medicinal de la Provincia de Córdoba (Argentina)** – pteridófitas y antófitas silvestres o naturalizadas. Córdoba, Museo Botánico. 1264p.

BARROSO, G.M; PEIXOTO, A.L.; COSTA, C.G.; ICHASO, C.L.F.; GUIMARÃES, E.F.; LIMA, H.C. 1986. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. v. 3. Viçosa: UFV. 326p.

BENTHAM, G. 1876. Verbenaceae. *In*: G. BENTHAM. & W.J HOOKER (eds.). **Genera Plantarum** 2. London, Reeve & Co. p. 1131-1160. Disponível em <<http://www.botanicus.org/page/658293>>. Capturado em 17 de agosto de 2008.

BOTTA, S.M. 1979. Las especies argentinas del género *Aloysia* (Verbenaceae). **Darwiniana** 22(1-3): 67-108.

BRIQUET, J. 1895. Verbenaceae. Pp 132-182. *In*: A. ENGLER & K. PRANTL (eds.). **Natürlichen Pflanzenfamilien** 4, v. 3a. Leipzig, W. Engelmann.

CANTINO, P.D. 1992. Evidence for a polyphyletic origin of the Lamiaceae. **Ann. Missouri Bot. Gard.** 79: 361-379.

CONSEMA - Conselho Estadual do Meio Ambiente. Decreto Estadual N. 42.099/2002. **Espécies da flora ameaçadas de extinção do Rio Grande do Sul, 2002.** Disponível em <<http://www.sema.rs.gov.br/sema/html/espec.htm>>. Acessado em 15 de abril de 2010.

CRONQUIST, A. 1981. **An integrated system of classification of flowering plants.** New York, Columbia University. 1262p.

ENGLER, A. 1924. **Syllabus der Pflanzenfamilien.** Berlin, Gebrüder Borntraeger. 420p.

FARMACOPÉIA BRASILEIRA. 1929. São Paulo, Atheneu.

FORTES, A.B. 1959. **Geografia física do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Globo.

GILBERT, B.; FERREIRA, J.L.P.; ALVES, L.F. 2005. **Monografias de plantas medicinais brasileiras e aclimatadas.** Curitiba: ABIFITO 250p. il.

HOLMGREN, P.K.; HOLMGREN, N.H. 2010. **Index Herbariorum on the internet.** Disponível em <<http://sciweb.nybg.org/science2/IndexHerbariorum.asp>>. Capturado em 26 de maio de 2010.

JUDD, W.S., CAMPBELL, C.S., KELLOGG, E.A., STEVENS, P.F., DONOGHUE, M.J. **Sistemática Vegetal: Um Enfoque Filogenético.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 612p.

JUNELL, S. 1934. Zur Gynäceummorphologie und Systematik der Verbenaceen und Labiaten. **Symbolae Botanicae Upsaliensis** 4. Uppsala, Lundequitska Bokhandeln.

LORENZI, H. 1998. **Árvores brasileiras.** v. 2. Nova Odessa, Plantarum.

LORENZI, H. 2000. **Plantas daninhas do Brasil, terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas.** Nova Odessa, Plantarum.

LORENZI, H. 2009. **Árvores brasileiras.** v. 3. Nova Odessa, Plantarum.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. 2002. **Plantas medicinais no Brasil, nativas e exóticas**. Nova Odessa, Plantarum.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. 1999. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 2ed. Nova Odessa, Plantarum. 1088p.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M.; TORRES, M.A.V.; BACHER, L.B. 2003. **Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas**. Nova Odessa: Plantarum. 384p.

MMA, 2008. **Lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção**. Instrução Normativa de setembro 2008, anexo I. Disponível em <[http://www.mma.gov.br/estruturas/179/\\_arquivos/179\\_05122008033615.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/179/_arquivos/179_05122008033615.pdf)>. Capturado em 26 de maio de 2010.

MOLDENKE, H.N. 1938. A monograph of the genus *Petrea*. **Repertorium specierum novarum regni vegetabilis** 43:1-48: 161-221.

MOLDENKE, H.N. 1940a. A monograph of the genus *Bouchea*. **Repertorium specierum novarum regni vegetabilis** 48:16-29.

MOLDENKE, H.N. 1940b. A monograph of the genus *Bouchea*. II. **Repertorium specierum novarum regni vegetabilis** 49: 91-139.

MOLDENKE, H. 1947. Notes on new and noteworthy plants, III. **Phytologia** 2: 369.

MOLDENKE, H.N. 1958. Materials toward a monograph of the genus *Citharexylum*, I. **Phytologia** 6:242-256.

MOLDENKE, H.N. 1959. Materials toward a monograph of the genus *Citharexylum*, VI. **Phytologia** 7:7-48.

MOLDENKE, H.N. 1961a. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. I. **Phytologia** 8(2): 95-104.

MOLDENKE, H.N. 1961b. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. II. **Phytologia** 8(3): 108-152.

MOLDENKE, H.N. 1962a. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. III. **Phytologia** 8(4): 175-216.

MOLDENKE, H.N. 1962b. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. IV. **Phytologia** 8(5): 230-272.

MOLDENKE, H.N. 1962c. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. V. **Phytologia** 8

MOLDENKE, H.N. 1962d. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. VI. **Phytologia** 8(7): 371-384.

MOLDENKE, H.N. 1962e. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. VII. **Phytologia** 8(8): 395-453.

MOLDENKE, H.N. 1963a. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. VIII. **Phytologia** 8(9): 460-496.

MOLDENKE, H.N. 1963b. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. IX. **Phytologia** 9: 8-54.

MOLDENKE, H.N. 1963c. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. X. **Phytologia** 9: 59-97.

MOLDENKE, H.N. 1963d. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XI. **Phytologia** 9: 113-181.

MOLDENKE, H.N. 1963e. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XII. **Phytologia** 9: 189-238.



MOLDENKE, H.N. 1964a. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XVI. **Phytologia** 9: 501-505.

MOLDENKE, H.N. 1964b. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XVII. **Phytologia** 10(1): 56-88.

MOLDENKE, H.N. 1964c. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XVIII. **Phytologia** 10(2): 89-161.

MOLDENKE, H.N. 1964d. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XIX. **Phytologia** 10(3): 173-236.

MOLDENKE, H.N. 1964e. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XX. **Phytologia** 10(4): 271-319.

MOLDENKE, H.N. 1964f. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XXI. **Phytologia** 10(5): 406-416.

MOLDENKE, H.N. 1964g. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XXII. **Phytologia** 10(6): 490-505.

MOLDENKE, H.N. 1964h. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XXIII. **Phytologia** 11: 1-68.

MOLDENKE, H.N. 1964i. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XXIV. **Phytologia** 11: 80-142.

MOLDENKE, H.N. 1965a. Materials towards a monograph of the genus *Lippia*. I. **Phytologia** 12:6-71; II, 73-120; III, 130-131; IV, 187-242; V, 331-367; VII, 429-464.

MOLDENKE, H.N. 1965b. Additional notes on the genus *Verbena*. IV. **Phytologia** 16: 48-56.

MOLDENKE, H.N. 1965c. Additional notes on the genus *Verbena*. VII. **Phytologia** 16: 183-215.

MOLDENKE, H.N. 1965d. Materials toward a monograph of the genus *Verbena*. XXVI. **Phytologia** 11: 290-357.

MOLDENKE, H.N. 1966a. Additional notes on the genus *Citharexylum* II. **Phytologia** 13: 277-304.

MOLDENKE, H.N. 1966b. Additional notes on the genus *Lippia*. I. **Phytologia** 13: 343-368.

MOLDENKE, H.N. 1966c. Materials towards a monograph of the genus *Lippia*. VIII. **Phytologia** 12:480-506; IX, 13:1-35; X, 164-168; XI, 169-179.

MOLDENKE, H.N. 1967. Additional notes on the genus *Lippia*. II. **Phytologia** 14: 400-419.

MOLDENKE, H.N. 1975. Additional notes on the genus *Verbena*. XVIII. **Phytologia** 30: 129-180.

MÚLGURA, M.E. 2000. Las especies de *Lippia* L. sect. *Dioicolippia* Tronc. (Verbenaceae). **Candollea** 55(2): 227-254.

MÚLGURA, M.E. 2007. Verbenaceae. In: ZULOAGA, F.O.; MORRONE, O. **Catálogo de las Plantas Vasculares de la República Argentina. II**. p. 1-34. Disponível em <[www.darwin.edu.ar/Publicaciones/CatalogoVascII/CatalogoVascII.asp](http://www.darwin.edu.ar/Publicaciones/CatalogoVascII/CatalogoVascII.asp)>. Capturado em 20 de julho de 2008.

MÚLGURA, M.E.; O'LEARY, N. 2009. **Estado del conocimiento de la familia Verbenaceae en América del Sur** in Resumos do 60° Congresso Nacional de Botânica, Feira de Santana BA. Salvador. EDUNEB.

MÚLGURA, M.E.; ROTMAN, A.D.; ATKINS, S. 2003. Verbenaceae, parte 1. In: **Flora Fanerogámica Argentina**, fasc. 84: 1-46.

MÚLGURA, M.E.; ROTMAN, A.D.; O'LEARY, N.; PERALTA, P.; ATKINS, S.; FRANÇA, F.; SALIMENA, F.R.G. 2008. **Catálogo de las Plantas Vasculares del Cono Sur**. v. 3. in ZULOAGA, F.O.; MORRONE, O.; BELGRANO, M.J. eds. St. Louis, Missouri Botanical Garden.

O'LEARY, N. 2006. Typifications in *Verbena* (Verbenaceae). **Darwiniana** 44(2): 493-499.

O'LEARY, N. 2007. **Estudios sistemáticos y filogenéticos en el género *Verbena* L.** (Verbenaceae). Instituto de Botánica Darwinion, Universidad de Buenos Aires, Tesis de Doctorado.

O'LEARY, N.; MÚLGURA, M.E.; MORRONE, O. 2007. Revisión taxonómica de las especies del género *Verbena* (Verbenaceae): serie *Pachystachyae*. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 94: 571-621.

PERALTA, P.; THODE, V.A. 2010. Una nueva especie, un nuevo status y nuevas combinaciones en *Glandularia* (Verbenaceae) para el Sur de Brasil. **Rodriguésia** 61(1): S29-S32.

PIO CORRÊA, M. 1926-1984. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional e IBDF. 6v.

RAMBO, B. 1965. Verbenaceae Riograndenses. São Leopoldo, **Pesquisas**, série Botânica 21: 1-59.

RUA, G. 1999 **Inflorescencias: bases teóricas para su análisis**. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Botânica.

RUEDA, R.M. 1994. Systematics and evolution of the genus *Petrea* (Verbenaceae). **Ann. Missouri Bot. Gard.** 81: 610-652.

SALIMENA, F.R.G. 2000. **Revisão taxonômica de *Lippia* L. sect. *Rhodolippia* Schauer (Verbenaceae)**. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências. Universidade de São Paulo.

SALIMENA, F.R.G.; MÚLGURA, M.E. 2009. *Lippia* L. (Verbenaceae) Neotropical in Resumos do 60º Congresso Nacional de Botânica, Feira de Santana BA. Salvador. EDUNEB.

SALIMENA, F.R.G., THODE, V., MULGURA, M., O'LEARY, N. 2010. *Verbenaceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB015140>).

SCHAUER, J. C. 1847. Verbenaceae. In: A.P. De Candolle (ed.). **Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis** 11: 522-700. Disponível em <<http://www.botanicus.org/page/161456>>. Capturado em 27 de agosto de 2008.

SCHAUER, J.C. 1851. Verbenaceae. In: C.F.P von Martius (ed.). 1965-1967. **Flora brasiliensis: enumeratio plantarum**. Reimpressão: Weinheim: J. Cramer. v. 9. p. 169-322. II. 33-47.

SIEDO, S.J. 2006. **Systematics of Aloysia (Verbenaceae)**. Austin, University of Texas, PhD Thesis. Disponível em <<http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/3492/siedod21650.pdf?sequence=2>>. Capturado em 15 de maio de 2010.

SILVA, T.R.S. 1999. **Redelimitação e revisão taxonômica do gênero *Lantana* L. (Verbenaceae) no Brasil**. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências. Universidade de São Paulo.

SILVA, T.R.S.; SALIMENA, F.R.G. 2002. Novas combinações e novos sinônimos em *Lippia* e *Lantana* (Verbenaceae). **Darwiniana**, v. 40(1-2), p. 57-59.

SIMÕES, C.M.O., MENTZ L.A., SCHENKEL E.P., IRGANG B.E., STEHMANN J.R. 1986. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS.

SOBRAL, M.; JARENKOW, J.A.; BRACK, P.; IRGANG, B.; LAROCCA, J.; RODRIGUES, R.S. 2006. **Flora arbórea e arborescente do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Carlos: RiMa : Novo Ambiente. 350p.

SOUZA, V.C.; LORENZI, H. 2005. **Botânica Sistemática**: guia ilustrado para a identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa, Plantarum. 640p.

SOUZA, V.C.; LORENZI, H. 2008. **Botânica Sistemática**: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II. 2 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.

STEVENS, P.F. (2001 onwards). **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 9, June 2008 [and more or less continuously updated since]. <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>. Capturado em 28 de maio de 2010.

TAKHTAJAN, A. 1997. **Diversity and classification of flowering plants**. New York, Columbia University. 643p.

TEODORO LUIS, Irmão. 1961. **Flora Analítica de Porto Alegre**. Canoas, Instituto Geobiológico La Salle. 285p.

THODE, V.A.; MENTZ, L.A. 2010. O gênero *Glandularia* J.F. Gmel. (Verbenaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 24(2): 529-557.

THORNE, R.F. 1992. Classification and geography of the flowering plants. **Botanical Review** 58: 225-348.

TOKARNIA, C.H.; DÖBEREINER, J.; PEIXOTO, P.V. 2000. **Plantas tóxicas do Brasil**. Rio de Janeiro: Helianthus. 310p.

TRONCOSO, N.S. 1965. Verbenaceae. *In*: A.L. CABRERA. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. pt. 5. Buenos Aires, INTA. p. 516-526.

TRONCOSO, N.S. 1974. Los Géneros de Verbenáceas de Sudamérica extratropical. **Darwiniana** 18(3-4): 295-412.

TRONCOSO, N.S. 1979. Verbenaceae. *In*: A. BURKART. **Flora Ilustrada de Entre Rios** (Argentina). v. 6, pt. 5. Buenos Aires, INTA. p. 229-294.

TRONCOSO, N.S.; BOTTA, S. 1993. Verbenaceae. *In*: A.L. CABRERA. **Flora de la Provincia de Jujuy**. pt. 9. Buenos Aires, INTA. p. 1-117.

WAGSTAFF, S.J.; OLMSTEAD R.D. 1997. Phylogeny of Lamiaceae inferred from rbcL sequences. **Systematic Botany** 22: 165-179.

ZOMLEFER, W.B. 1994. **Guide to Flowering Plants Families**. Chapel Hill & London, The University of North Carolina Press. 430p.

**Os gêneros *Aloysia*, *Bouchea*, *Phyla* e *Stachytarpheta* (Tribo Lantaneae, Verbenaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil**

*Priscila Ceribola Crespam & Lilian Auler Mentz*

**RESUMO** – A tribo Lantaneae no Rio Grande do Sul agrupa os gêneros *Aloysia*, *Bouchea*, *Lantana*, *Lippia*, *Phyla* e *Stachytarpheta*. Neste trabalho foram revisados os gêneros *Aloysia*, *Bouchea*, *Phyla* e *Stachytarpheta*, representados por 12 espécies, *Aloysia chamaedryfolia*, *A. citrodora*, *A. hatschbachii*, *A. lycioides*, *A. polygalifolia*, *A. polystachya*, *A. virgata*, *Bouchea fluminensis*, *Phyla canescens*, *P. reptans*, *Stachytarpheta cayennensis* e *S. laevis*. Destas, *Aloysia citrodora* e *A. polystachya* são cultivadas no Estado. Viagens de coleta, análise de material proveniente das coletas e de diversos herbários propiciaram a elaboração de chaves de identificação para gêneros e espécies, descrições e ilustrações, além de comentários e mapas de ocorrência. *Aloysia hatschbachii*, tratada até o momento como endêmica do Paraná, constitui ocorrência nova para o Estado.

**Palavras-chave:** Verbenaceae, Lantaneae, flora, Rio Grande do Sul, Brasil.

**ABSTRACT** – (Taxonomic studies in tribe Lantaneae from Rio Grande do Sul, Brazil) The tribe Lantaneae in Rio Grande do Sul groups the genera *Aloysia*, *Bouchea*, *Lantana*, *Lippia*, *Phyla* and *Stachytarpheta*. For the present work it was revised the genera *Aloysia*, *Bouchea*, *Phyla* and *Stachytarpheta*, which are represented by 12 species, *Aloysia chamaedryfolia*, *A. citrodora*, *A. hatschbachii*, *A. lycioides*, *A. polygalifolia*, *A. polystachya*, *A. virgata*, *Bouchea fluminensis*, *Phyla canescens*, *P. reptans*, *Stachytarpheta cayennensis* and *S. laevis*. From these, *Aloysia citrodora* and *A. polystachya* are cultivated in the state. Through field work and analysis of exsicates from several herbaria, keys for identification for genera and species, descriptions and illustrations were prepared, as well as comments and maps for geographic distribution are presented. The species *Aloysia hatschbachii*, which was considered as endemic from Paraná state, is recorded for the first time in the state.

**Key words:** Verbenaceae, Lantaneae, flora, Rio Grande do Sul, Brazil.

## **INTRODUÇÃO**

A família Verbenaceae possui, de acordo com o Angiosperm Phylogeny Group III (Stevens, 2010), 34 gêneros e 1175 espécies, e encontra-se amplamente distribuída na

América, com alguns representantes nos demais continentes. Os centros de alta diversidade são as regiões subtropicais e subáridas da América do Sul, e as cordilheiras do México aos Andes (Sanders, 2001). Para o Brasil são apontados 16 gêneros e cerca de 310 espécies (Salimena *et al.*, 2010). No estado do Rio Grande do Sul, o primeiro levantamento sobre a família foi o de Irmão Augusto (Augusto, 1946), citando 11 gêneros: *Aegiphyla* Jacq., *Bouchea* Cham., *Citharexylum* L., *Clerodendrum* L., *Duranta* L., *Lantana* L., *Lippia* L. (incluindo *Aloysia* Palau e *Phyla* Lour.), *Petrea* L. (cultivada), *Stachytarpheta* Vahl, *Verbena* L. (incluindo *Glandularia* J.F. Gmel.) e *Vitex* L. Os gêneros *Aegiphyla*, *Clerodendrum* e *Vitex* atualmente pertencem à família Lamiaceae (Judd *et al.*, 2009). Irmão Teodoro Luis (Teodoro Luis, 1961) na Flora Analítica de Porto Alegre incluiu para este município 11 gêneros (*Aegiphyla*, *Aloysia*, *Bouchea*, *Citharexylum*, *Junellia* Moldenke, *Lantana*, *Lippia*, *Phyla*, *Stachytarpheta*, *Verbena* e *Vitex*). Destes, *Junellia* não está representada no Brasil e a espécie citada (*Junellia pseudojuncea* (Gay) Moldenke) corresponde à *Verbena sagittalis* Cham. (que em Augusto, 1946, consta como *Verbena pseudojuncea* Gay (Augusto s.n. ICN 18823)). Rambo, em 1965, citou a ocorrência de 12 gêneros para o Rio Grande do Sul, *Aegiphyla*, *Aloysia*, *Bouchea*, *Citharexylum*, *Duranta*, *Lantana*, *Lippia*, *Phyla*, *Stachytarpheta*, *Timotocia* Moldenke, *Verbena* e *Vitex*. *Timotocia* é um sinônimo de *Casselia* Nees & C. Mart., gênero não representado no Estado. Rambo equivocou-se na identificação, pois as coletas sob este nome pertencem a *Glandularia jordanensis* (Moldenke) N. O’Leary & P. Peralta. Posteriormente aos trabalhos mencionados, mais um gênero foi reconhecido e descrito para o sul do Brasil, *Verbenoxylum* Tronc.

No presente trabalho a família Verbenaceae será tratada de acordo com os autores mais atuais, Cantino (1992), Thorne (1992), Wagstaff & Olmstead (1997), estando restrita, portanto, aos gêneros que pertencem à subfamília Verbenoideae Briq., já que os demais, pertencentes à subfamília Viticoideae, foram transferidos para Lamiaceae. Segundo Troncoso (1974), a subfamília Verbenoideae está representada no sul do Brasil pelas tribos Casselieae (Sch.) Tronc., Citharexyleae Briq., Lantaneae Briq., Petreae Briq. e Verbeneae Schauer. No entanto, a primeira delas não ocorre no Estado.

### **Considerações sobre o gênero *Aloysia* Palau**

Em 1784, Palau publicou validamente *Aloysia* Palau como gênero (Armada & Barra, 1992). Posteriormente, diversos autores incluíram *Aloysia* em *Lippia* L. ou *Verbena* L. Em 1845, Walpers criou a seção *Aloysioides* dentro de *Verbena* (*apud* Botta, 1979). Schauer em *DC. Prodr.* (1847) e na *Flora Brasiliensis* (1851) criou a seção *Aloysia*, posicionando-a



dentro de *Lippia*, posição esta aceita por Bentham & Hooker em *Gen. Plant.* (1876). Briquet (1895) manteve as espécies de *Aloysia* em *Lippia*, reunindo-as no subgênero *Aloysia* (Ortega) Schauer. A partir dos trabalhos de Moldenke (*apud* Botta, 1979) e Troncoso (1962-1979) o gênero *Aloysia* foi aceito como independente de *Lippia* (Botta, 1979). Botta diferencia *Aloysia* de *Lippia* pelo fato de o primeiro apresentar florescências em racemos espiciformes, em geral compridos e laxos (embora em algumas espécies possam ser densos e curtos), cálice marcadamente 4-dentado e a corola subactinomorfa, enquanto que em *Lippia* as florescências em regra são espigas capituliformes, o cálice pode ser 2-4-dentado a fendido e a corola é zigomorfa.

O gênero compreende 30 espécies e está presente na América subtropical e temperada, estendendo-se desde o sul dos Estados Unidos e México até o norte da Patagônia (Troncoso, 1974; Múlgura *et al.*, 2003; Siedo, 2006), das quais 9 são nativas no Brasil (Salimena *et al.*, 2010). Múlgura *et al.* (2008) citam nove espécies para o Brasil austral. Dados de ocorrência para o Rio Grande do Sul são confusos, já que Augusto (1946) refere quatro espécies, e Rambo (1965) e Salimena *et al.* (2010) mencionam seis.

### **Considerações sobre o gênero *Bouchea* Cham.**

O gênero *Bouchea* foi descrito por Chamisso em 1832. Algumas de suas espécies foram descritas como *Verbena* e *Stachytarpheta*, por sua semelhança com esses gêneros, no hábito e aparência. Um exemplo disso é a espécie típica, *Bouchea fluminensis* (Vell.) Moldenke, que foi tratada como *Verbena* na *Flora Fluminensis* de Vellozo (1825). As espécies de *Bouchea* ocorrem na América tropical e subtropical, desde o norte da Argentina e Uruguai, até os Estados Unidos. O gênero engloba cerca de 10 espécies (Múlgura *et al.* 2003). Para o Rio Grande do Sul é citada a espécie *B. fluminensis* (Vell.) Moldenke (Moldenke, 1940; Rambo, 1965; Múlgura, 2007). No entanto, Múlgura *et al.* (2008) mencionam que no Rio Grande do Sul ocorre apenas *B. fluminensis* f. *albiflora* Moldenke. Augusto (1946) referiu *B. agrestis* Schauer como ocorrente no Estado.

### **Considerações sobre o gênero *Phyla* Lour.**

O gênero *Phyla* foi descrito por Loureiro em 1790. Muitas vezes as espécies do gênero estiveram incluídas em *Lippia*, como na *Flora Brasiliensis* (Schauer, 1847). No entanto, Troncoso (1974) definiu os limites dos gêneros, aceitando *Phyla* como independente, levando em consideração a pubescência característica, única na família, de tricomas estrigoso-bicúspidos (malpighiáceos) e pelo hábito prostrado ou procumbente. O gênero compreende

cerca de 11 espécies (Múlgura *et al.*, 2003), amplamente distribuídas nas regiões tropicais e subtropicais. Para o Brasil, Salimena *et al.* (2010), citam duas espécies, *P. betulifolia* (Kunth) Greene e *P. nodiflora* (L.) Greene, esta última referenciada como ocorrente no Estado. Para o Rio Grande do Sul, Rambo (1965) cita a espécie *P. nodiflora*, enquanto que Augusto (1946) refere mais especificamente *P. nodiflora* var. *canescens* (Kunth) Moldenke. Já Múlgura *et al.* (2008) relatam a ocorrência de *P. canescens* (Kunth) Greene e *P. reptans* (Kunth) Greene para o Brasil austral.

### **Considerações sobre o gênero *Stachytarpheta* Vahl**

O gênero *Stachytarpheta* foi descrito em 1804 por Vahl, que criou este gênero, com 12 espécies, para acomodar aquelas que haviam sido descritas como “verbenas”, mas que possuíam somente dois estames férteis e dois estaminódios, e tinham fruto que se dividia em dois e não em quatro mericarpos. Em 1847, Schauer teve acesso a muitas coleções do Brasil, incluindo as de Sellow, Martius e Pohl e, em seu trabalho para o *Prodromus*, de De Candolle, relatou 43 espécies, das quais 34 foram descritas como ocorrentes no Brasil. Já no século XX, Moldenke (1959, 1971, *apud* Atkins, 2005) trabalhou com o grupo e descreveu muitas novas espécies (Atkins, 2005). *Stachytarpheta* é um gênero quase exclusivo do Novo Mundo e compreende cerca de 133 espécies. No Brasil ocorrem 79 espécies, das quais 73 são endêmicas (Atkins, 2005). Para o Rio Grande do Sul, Augusto (1946) citou uma espécie e Rambo (1965) contabilizou cinco táxons. Já Atkins (2005) e Múlgura *et al.* (2008), em trabalhos recentes, citam duas espécies, *S. cayennensis* (Rich.) Vahl e *S. laevis* Moldenke.

O objetivo do presente trabalho é estudar a tribo Lantaneae no Rio Grande do Sul, a qual está representada pelos gêneros *Aloysia*, *Bouchea*, *Lantana*, *Lippia*, *Phyla* e *Stachytarpheta* (Troncoso, 1974). O gênero *Lantana* já foi alvo de investigação por Silva (1999) que registrou para o Estado três espécies (*L. camara* L., *L. fucata* Lindl. e *L. montevidensis* (Spreng.) Briq.). O gênero *Lippia* é formado por sete seções (Troncoso, 1974) das quais a seção *Rhodolippia*, que contém as espécies típicas do Brasil Tropical, foi revisada por Salimena (2000), sendo que as demais seções encontram-se em estudo por Salimena e Múlgura para posterior publicação na Flora Neotropica (Múlgura & O’Leary, 2009). Este trabalho propõe-se então a estudar a tribo Lantaneae para o Rio Grande do Sul, apresentando uma chave para todos os gêneros presentes, além de descrições, comentários e mapas para as espécies dos gêneros *Aloysia*, *Bouchea*, *Phyla* e *Stachytarpheta*.

## METODOLOGIA

Para a execução deste trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica, sendo consultadas obras específicas sobre o grupo estudado. Coletas a campo foram realizadas entre os anos de 2008 e 2010, preferencialmente na primavera e verão, nas seguintes regiões fisiográficas, Alto Uruguai (duas excursões), Campanha, Campos de Cima da Serra, Encosta do Sudeste, Encosta Inferior do Nordeste, Encosta Superior do Nordeste, Litoral, Missões e Planalto Médio. Não foi possível realizar excursões em grande parte da Serra do Sudeste e Depressão Central, onde foram realizadas coletas esporádicas.

As coletas foram fotografadas no campo e quando possível geo-referenciadas. O material coletado foi herborizado seguindo-se as técnicas usuais, sendo posteriormente catalogado e identificado com base na literatura específica para o grupo e confirmado através de descrições originais e fotografias de tipos.

Foram analisadas as coleções dos seguintes Herbários: **\*CNPO, CRI, HAS, \*HUCS, \*HUI, HURG, \*HVAT, ICN, MPUC, PACA, PEL, UNILASALLE, SMDB**. As siglas dos herbários listados estão de acordo com o *Index Herbariorum* (Holmgren & Holmgren, 2010), com exceção daqueles antecédidos por um asterisco, não registrados até a data de publicação da obra consultada. O material coletado foi incorporado ao acervo do herbário ICN e as duplicatas serão distribuídas em herbários a serem determinados.

As chaves analíticas para a identificação dos gêneros da tribo Lantaneae e das espécies de *Aloysia*, *Bouchea*, *Phyla* e *Stachytarpheta* confirmadas para o estado do Rio Grande do Sul foram elaboradas a partir da análise das estruturas vegetativas e reprodutivas dos materiais examinados. Para os gêneros *Lantana* e *Lippia* foram examinados os herbários ICN e PACA, com o objetivo de encontrar caracteres diferenciais para a elaboração da chave. Para a descrição das espécies foram utilizadas no mínimo dez exsiccatas de cada espécie (quando possível), abrangendo a variação morfológica. O material foi observado em microscópio estereoscópico e as medidas foram realizadas com régua milimetrada. A terminologia utilizada para descrição das estruturas baseia-se em Radford *et al.* (1974) e Stearn (2000), além de obras sobre a família Verbenaceae que utilizam nomenclatura específica para as várias estruturas, tal como Troncoso (1979), Botta (1979) e Atkins (2005).

Cada táxon foi descrito, com dados sobre o hábitat, floração e frutificação. A medida da florescência foi obtida medindo-se desde a inserção desta no ramo até o ápice (incluindo o pedúnculo). Neste trabalho foi adotada a nomenclatura usual da família para designar as faces do cálice: face adaxial (voltada para a raque), abaxial (face voltada para a bráctea) e faces

laterais. Foi medido o comprimento total do cálice, de suas lacínias e a profundidade de seus sinos. Para descrição do formato e tricomas do cálice foi realizado um corte longitudinal no sino lateral imediatamente à esquerda do sino abaxial (exceto em *Bouchea* e *Stachytarpheta*, que possuem 5 lacínias, onde o corte longitudinal foi efetuado na metade da face abaxial). O comprimento total da corola foi obtido medindo da base até o ápice do lobo mais comprido (com os lobos estendidos), e para a medida do limbo, foram somados os comprimentos do(s) lobo(s) adaxial e abaxial.

Foram organizados mapas de ocorrência geográfica dos táxons estudados, utilizando as regiões fisiográficas de acordo com Fortes (1959) (figura 1). O hábito das espécies, assim como detalhes, foram elaborados pelos ilustradores botânicos Edson L. Carvalho Soares e Márcia Vignoli-Silva, com o auxílio de microscópio estereoscópico acoplado à câmara-clara. Após, os desenhos foram cobertos com tinta nanquim, sobre papel vegetal.

## TRATAMENTO TAXONÔMICO

No Rio Grande do Sul foram encontradas sete espécies para *Aloysia* (das quais cinco nativas), uma para *Bouchea*, duas para *Phyla* e duas para *Stachytarpheta*.

### Chave para identificação dos gêneros da tribo Lantaneae ocorrentes no estado do Rio Grande do Sul

1. Raque foveolada; flores com 2 estames férteis + 2 estaminódios; anteras com tecas divergentes 180° ..... *Stachytarpheta*
- 1'. Raque não-foveolada; flores com 4 estames férteis; anteras com tecas paralelas ..... 2
2. Bráctea acompanhada de 2 bractéolas na base de cada flor; cálice 5 laciniado com 11-13 mm compr.; corola com ca. de 35 mm compr.; estilete com ápice geniculado, medindo 11-14 mm compr. .... *Bouchea*
- 2'. Bráctea não acompanhada por bractéolas na base de cada flor; cálice 4 ou 2-laciniado com menos de 3,5 mm compr.; corola com menos de 15 mm compr.; estilete com ápice não-geniculado, medindo até 3,5 mm compr. .... 3
3. Plantas com tricomas malpighiáceos no caule, ramos, pedúnculos, brácteas e corola ..... *Phyla*
- 3'. Plantas sem tricomas malpighiáceos ..... 4
4. Florescências em racemos espiciformes longos (exceto *A. polystachya*); brácteas mais curtas ou iguais que o cálice ..... *Aloysia*

4'. Florescências capituliformes densas; brácteas mais longas que o cálice ..... 5

5. Fruto seco, esquizocárpico ou drupáceo de pericarpo coriáceo, separando-se na maturação em duas clusas ..... *Lippia*

5'. Fruto carnoso, drupáceo de pericarpo delgado, não se separando na maturação ..... *Lantana*

*Aloysia* Palau, *Parte Práct. Bot.* 1: 768. 1784.

**Arbustos** ou arvoretas, eretos, às vezes com ramos espinescentes; plantas pilosas, com tricomas tectores simples e tricomas glandulares subsésseis, raramente pedicelados; ramos subtetrágonos, tetrágonos ou cilíndricos, muitas vezes com estrias longitudinais e córtex descamante. **Folhas** opostas, verticiladas ou subverticiladas, às vezes acompanhadas de pequenos fascículos foliosos, raramente alternas; lâmina inteira, ovalada, obovada, elíptica, lanceolada, oblonga, ovalado-lanceolada ou cordiforme, às vezes assimétrica, decurrente no pecíolo, de margem inteira, serrada, crenado-serrada, dentada, serrulado-crenada ou serrulada, às vezes irregular. **Florescências** em racemos espiciformes, laxos ou densos, simples ou ramificados. **Brácteas** lanceoladas, ovaladas, linear-lanceoladas, ovalado-lanceoladas, oblanceoladas ou obovadas, com margem ciliada. **Flores** subactinomorfas, monoclinas, curto-pediceladas ou subsésseis. **Cálice** gamossépalo, tubuloso, com 4 lacínias triangulares, triangular-lanceoladas ou lanceoladas. **Corola** branca, hipocrateriforme, limbo tetralobado. **Estames** 4, didínamos, inseridos no 1/4, 1/3 ou metade superior do tubo corolino, tecas paralelas, filetes curtos. **Ovário** globoso, subgloboso, ovóide, obovóide ou elipsóide, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, estigma oblíquo, capitado. **Fruto** esquizocárpico, elipsóide, achatado ou obovóide, achatado, formado por 2 clusas unisseminadas; cálice e estilete persistentes.

**Comentários:** No Rio Grande do Sul ocorrem 7 espécies, sendo 2 delas, *Aloysia citrodora* e *A. polystachya*, encontradas apenas sob cultivo. *Aloysia hatschbachii* consiste em uma nova ocorrência para o Estado. Além das espécies analisadas, existe o registro da ocorrência de *Aloysia dusenii* Moldenke para o Rio Grande do Sul, em uma citação de Siedo (2006), baseada na coleta de A. Krapovickas & A. Schinini 38344 (CTES, LL, UC), para o município de Bom Jesus (Rio Pelotas). No entanto, este material não foi visto e, portanto, postergamos a confirmação da ocorrência no Estado. Esta ocorrência também foi citada por Salimena *et al.* (2010), sem citação de material examinado. Múlgura *et al.* (2008) mencionam a espécie

somente para o Paraná, de onde é o tipo. No herbário NY existe material de um sinônimo desta espécie (*Aloysia ternifolia* Moldenke), do qual a fotografia disponível mostra que nenhuma das coletas vistas neste trabalho poderia corresponder à espécie (figura 2).

### Chave para identificação das espécies do gênero *Aloysia* ocorrentes no estado do Rio Grande do Sul

1. Folhas alternas; florescência densa de até 0,7 cm compr. .... 6. \**A. polystachya*  
 1'. Folhas opostas, verticiladas ou subverticiladas; florescência laxa com mais de 1 cm compr. .... 2
2. Ovário com tricomas no ápice ..... 3  
 2'. Ovário glabro ..... 4
3. Folhas lanceoladas a estreitamente lanceoladas, com nervuras secundárias marcadamente paralelas entre si, lâmina membranácea a papirácea ..... 2. \**A. citrodora*  
 3'. Folhas ovaladas a largamente ovaladas ou obovadas, com nervuras secundárias arqueadas, lâmina coriácea ..... 1. *A. chamaedryfolia*
4. Folhas membranáceas a papiráceas ..... 5  
 4'. Folhas coriáceas ..... 6
5. Folhas ovaladas a ovalado-lanceoladas, margem serrulado-crenada a serrulada, geralmente irregular; ramos nunca espinescentes ..... 7. *A. virgata*  
 5'. Folhas obovadas, oblongas, elípticas, às vezes levemente lanceoladas, margem inteira ou crenado-serrada, às vezes acompanhadas de pequenos fascículos foliosos; ramos espinescentes ou não ..... 4. *A. lycioides*
6. Folhas de margem inteira, com tricomas glandulares pedicelados nos ramos, folhas, brácteas e cálice (mais fáceis de serem visualizados próximo ao pecíolo e pedicelo), além de tricomas glandulares subsésseis ..... 5. *A. polygalifolia*  
 6'. Folhas de margem serrada, crenado-serrada ou dentada, com (2-4)5-9(10) pares de dentes, somente com tricomas glandulares subsésseis ..... 3. *A. hatschbachii*

\* espécies encontradas sob cultivo no Estado.

1. *Aloysia chamaedryfolia* Cham., Linnaea 7: 234. 1832.

Fig. 3 e 15

**Arbustos** de até 3(4) m de altura, raro mais. Ramos subtetrágonos, com estrias longitudinais, algumas vezes com córtex descamante, com tricomas tectores simples curtos ou longos, esparsos a densos, e tricomas glandulares subsésseis esparsos a bem distribuídos (concentrados nos nós). **Folhas** opostas, às vezes verticiladas, coriáceas; lâmina 1,3-3,1 cm (incluído o pecíolo) x 0,6-2,6 cm, ovalada a largamente ovalada ou obovada, discolor, nervuras secundárias arqueadas, ápice agudo e/ou obtuso, frequentemente no mesmo material, base cuneada a arredondada, não dentada e decurrente no pecíolo, margem serrada, crenado-serrada ou dentada, com (0-2)3-5(6) pares de dentes, revoluta; **superfície adaxial** áspera, com tricomas tectores simples com célula basal frequentemente alargada, base rosulada, antrorsos, curtos ou longos, subdensos a esparsos no limbo, concentrados na porção basal da nervura principal e na decurrência da lâmina no pecíolo, tricomas glandulares subsésseis raros a esparsos; **superfície abaxial** com tricomas tectores simples, densos sobre todo o limbo, sem direção definida, tricomas glandulares subsésseis bem distribuídos, nervuras de várias ordens bem evidentes, geralmente cobertas com tricomas tectores antrorsos e mais robustos. **Florescências** em racemos espiciformes laxos, axilares, de até 18 cm compr., pedicelo 0,6-1,3 mm compr., raque e pedicelo com tricomas tectores e tricomas glandulares subsésseis. **Brácteas** 1,2-2,2 x 0,5-0,8 mm, lanceoladas a ovaladas, ápice acuminado, levemente naviculada, com tricomas tectores simples antrorsos, mais densos na base, e tricomas glandulares subsésseis; margem ciliada. **Cálice** 2-3 mm compr., com quatro lacínias triangulares subiguais, sinos laterais de 0,3-0,8 mm compr., sinos abaxial e adaxial (0,6-1,2 mm compr.) mais profundos que os laterais, com tricomas tectores simples, mais longos e mais ou menos patentes na base do tubo, encurtando e tornando-se mais esparsos em direção às lacínias; tricomas glandulares subsésseis (raramente curto-pedicelados), margem das lacínias ciliadas; face interna do cálice com tricomas tectores raros. **Corola** 4-5 mm compr., branca a levemente rosada ou levemente azulada, lobo adaxial inteiro ou emarginado; tricomas tectores densos e longos, internamente nos 2/3 superiores do tubo corolino até os lobos e tricomas glandulares subsésseis; tricomas tectores esparsos a densos e curtos, externamente no 1/3 superior do tubo corolino até os lobos; tubo com 3-4 mm compr., limbo 2,7-3,8 mm. **Estames** 0,6-1 mm compr., inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, os superiores levemente exsertos, tecas subiguais, com 0,4-0,7 mm compr. **Ovário** globoso, 0,5-0,7 mm compr., com tricomas tectores antrorsos no ápice, estilete 1-1,8 mm compr., estigma alargado, levemente bilobado, oblíquo e papiloso. **Fruto** 1,5-2 mm compr., elipsóide, achatado.

**Comentários:** Esta espécie é muito próxima a *Aloysia hatschbachii*, da qual difere pela forma das folhas, pelo menor número de dentes na lâmina foliar e pela presença de tricomas no ápice do ovário. É referenciada no material examinado como “cambarazinho”. No Estado distribuiu-se no Alto Uruguai, Campanha, Depressão Central, Encosta do Sudeste, Encosta Inferior do Nordeste, Missões, Planalto Médio e Serra do Sudeste. Ocorre em campo arbustivo, borda de matas e topos de morro. Floresce e frutifica de outubro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Arroio dos Ratos**, fl.fr., 20/X/1976, K. Hagelund 10519 (ICN); **Bagé**, 10/IV/1986, fl.fr., Girardi-Deiro *et al.* s.n. (CNPO 1100); **idem**, 22/II/2000, fl.fr., A.M. Girardi-Deiro *et al.* 1757 (CNPO); **Caçapava do Sul**, 21/X/2001, fl.fr., M. Rossato 91 (HUCS); **idem**, 22/III/2009, fl.fr., G.A. Dettke & L.F. Lima 555 (ICN); **Camaquã**, III/1972, fl.fr., A. Sehnem 12994 (PACA); **Canguçu**, 1/III/1979, fl.fr., A. Sehnem 16472 (PACA); **Encruzilhada do Sul**, 31/I/2004, fl.fr., V.F. Kinupp *et al.* 2861 (ICN); **Giruá**, 16/XI/1966, fl.fr., K. Hagelund 4875 (ICN); **Jari**, 26/I/1942, bot.fr., B. Rambo s.n. (PACA 9147); **Lavras do Sul**, 26/III/1985, fl.fr., O. Bueno *et al.* 4230 (HAS); **Pareci Novo**, 30/X/1945, fl.fr., E. Henz s.n. (PACA 32621); **Passo Fundo**, 26/I/1953, fl.fr., Ir. Teodoro Luis s.n. (PEL 1446); **Porto Alegre**, 1943, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 11794); **Quaraí**, 1/XII/2009, fl.fr., G.A. Dettke 242 e P.P.A. Ferreira (ICN); **Roque Gonzales–São Luiz Gonzaga**, 16/I/1949, fl.fr., A. Sehnem 3587 (PACA); **Rosário do Sul**, 9/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 169 (ICN); **Santana do Livramento**, 31/I/2001, fl.fr., A. Knob & S. Bordignon 6682 (UNILASALLE); **idem**, 7/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 158 (ICN).

**2. *Aloysia citrodora*** Palau, Parte Pract. Bot. 1: 768. 1784.

*Verbena triphylla* L'Hér.

*Aloysia triphylla* (L'Hér.) Britton

Fig. 4

**Arbustos** de até 2 m de altura, às vezes mais. Ramos tetragonos; ramos jovens com tricomas simples adpressos e antrorsos nas costelas, e tricomas glandulares subsésseis principalmente nas regiões intercostais. **Folhas** verticiladas, com 3 ou 4 folhas por nó, membranáceas a papiráceas quando secas; lâmina 3-10,5 cm (incluído o pecíolo) x 0,7-2,3 cm, lanceoladas a estreitamente lanceoladas, levemente assimétricas, nervuras secundárias marcadamente paralelas, ápice agudo, base cuneada e decurrente, margem inteira, às vezes



dentada, com 1-11 pares de dentes concentrados na porção mediana da lâmina, levemente revoluta; **superfície adaxial** áspera, tricomas simples com base rosulada bem distribuídos a esparsos, adpressos, com o ápice voltado para a margem da folha ou antrorsos, tricomas glandulares subsésseis esparsos a bem distribuídos, e tricomas simples (sem base rosulada visível) ao longo da nervura principal; **superfície abaxial** não áspera, com tricomas simples adpressos antrorsos apenas ao longo das nervuras, esparsos a raros; tricomas glandulares subsésseis densos, sobre o limbo e nervuras; glândulas pelúcidas bem distribuídas a esparsas (nem sempre visíveis); nervuras bem marcadas. **Florescências** em racemos espiciformes laxos, agrupados em panículas terminais e axilares, de até 12,5 cm compr.; flores subsésseis com pedicelo de ca. 0,3 mm compr.; raque com tricomas simples bem distribuídos a esparsos, e tricomas glandulares subsésseis bem distribuídos a esparsos. **Brácteas** 1-1,6 x 0,6-0,8 mm, ovalado-lanceoladas ou obovadas, levemente naviculadas, ápice agudo, cobertas de tricomas tectores simples, esparsos, e tricomas glandulares subsésseis esparsos a raros; margem ciliada. **Cálice** 2,7-3 mm compr., quatro lacínias triangulares, subiguais ou desiguais, sinos laterais de 0,3-0,5 mm compr., sinos adaxial e abaxial (com 0,4-0,6 mm e 0,5-0,8 mm compr. respectivamente) mais profundos que os laterais; cálice densamente coberto de tricomas tectores simples e com tricomas glandulares subsésseis bem distribuídos; lacínias ciliadas; face interna glabra ou com tricomas muito curtos. **Corola** 5-5,6 mm compr., lobo adaxial emarginado ou não, internamente com tricomas tectores simples concentrados na porção mediana do tubo corolino, externamente com tricomas tectores simples na metade superior do tubo corolino e nos lobos, e tricomas glandulares subsésseis; tubo 3,4-3,6 mm compr., limbo 2,2-2,8 mm compr. **Estames** 0,7-0,8 mm, inseridos na metade superior do tubo corolino, levemente exsertos, tecas subiguais, com 0,7 mm compr. **Ovário** obovóide, com 0,6-0,8 mm compr., com tricomas tectores simples antrorsos e tricomas glandulares subsésseis na metade superior do ovário, estilete 1,5-1,8 mm compr., terminal, com inserção deslocada para a face adaxial, estigma oblíquo e papiloso. **Fruto** 1,3-2 mm compr., obovóide, achatado, com tricomas tectores simples antrorsos e tricomas glandulares subsésseis no ápice.

**Comentários:** Esta espécie era tradicionalmente referida como originária do Chile, tendo sido introduzida na Europa em 1784 (Pio Corrêa, 1926-1984), de onde veio para o Brasil, em data não determinada. No entanto, Siedo (2006) menciona que a espécie ocorre de forma nativa em áreas temperadas e áridas no Noroeste da Argentina, nas Províncias de Catamarca, Jujuy, La Rioja, Salta e Tucumán. No Rio Grande do Sul ocorre sob cultivo. O material observado indica floração e frutificação de outubro a julho.

*Aloysia citrodora* Palau é mais conhecida na literatura sob o nome *Aloysia triphylla* (L'Hér.) Britton, sendo cultivada e utilizada como ornamental e medicinal em várias partes do mundo. A espécie tem diversos nomes populares no Estado, entre eles erva-cidreira, erva-lúisa (Simões *et al.*, 1986), cidrilha (Pio Corrêa, 1926-1984) e cidró (Pio Corrêa, 1926-1984; Marodin *et al.*, 2003). Os usos medicinais populares são diversos, principalmente relacionados a doenças do sistema nervoso, como melancolia, hipocondria e histeria (Pio Corrêa, 1926-1984; Font Quer, 1978), como sedativo brando ou calmante (Lorenzi & Matos, 2002; Simões *et al.*, 1986; Marodin *et al.*, 2003; Soares *et al.*, 2004), na depressão e insônia (Marodin *et al.*, 2003) e do aparelho digestivo (Simões *et al.*, 1986; Pio Corrêa, 1926-1984; Font Quer, 1978), como antiespasmódico (Lorenzi & Matos, 2002; Simões *et al.*, 1986; Pio Corrêa, 1926-1984), eupéptico e carminativo (Simões *et al.*, 1986). A espécie também é mencionada como antifebril (Lorenzi & Matos, 2002), útil na cistite, como vermífugo e para baixar a pressão (Marodin *et al.*, 2003) e também como emenagoga (Pio Corrêa, 1926-1984). Na Argentina, folhas da espécie são referidas como estimulante, tônico, antiespasmódico, carminativo (Toursarkissian, 1980). As folhas são utilizadas na indústria de perfumaria (Pio Corrêa, 1926-1984), sob o nome de “óleo de verbena” (utilizado na fabricação do “Eau de Verveine”). Apesar de Pio Corrêa (1926-1984) mencionar que a espécie, sob o nome *Lippia citriodora* (Lam.) Kunth e nome popular cidrão, ocorre nos campos secos e abertos do Rio Grande do Sul, o material examinado sempre indicou que as coletas provêm de material cultivado. Botta (1979) menciona que o ovário pode, algumas vezes, ser glabro, o que não foi observado no material selecionado.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Caxias do Sul**, cult., 27/X/1997, fl.fr., J. Rech s.n. (HUCS 12145); **Derrubadas-Tenente Portela**, 14 a 17/X/1982, fl.fr., Z.S.V. Ceroni *et al.* s.n. (ICN 94901); **Dom Pedro de Alcântara**, cult., 21/III/1997, fl., S.M. Marodin 74 (ICN); **Ijuí**, cult., 07/III/2008, fl.fr., J. Noronha s.n. (HUI 6109); **Ipê**, cult., 27/XII/1995, fl.fr., T. Alessi s.n. (ICN 112147); **Lajeado**, cult., 05/V/2005, fl.fr., G. Von Mühlen s.n. (HVAT 1880); **idem**, cult., 26/IV/2007, fl.fr., C. Becker s.n. (HVAT 2016); **Pelotas**, 26/I/1941, st., Irmão Augusto s.n. (ICN 18853); **Porto Alegre**, cult., 18/III/2003, fl., G.S. Vendruscolo 224 (ICN); **Rio Grande**, cult., 24/III/1981, fl.fr., M.P. Silva s.n. (HURG 081); **Riozinho**, cult., 25/XI/1997, fl.fr., V. Koch s.n. (PACA 95182); **Santa Maria**, cult., 27/III/2005, fl., T.S. Canto-Dorow s.n. (SMDB 9918); **São Leopoldo**, cult., 24/XII/1988, fl.fr., C.J. Steffen s.n. (PACA 95183); **São João do Polêsine**, cult., 15/III/2000, fl.fr., R.Záchia *et al.* 4496 (SMDB); **Torres**, cult., 04/XII/1976, fl., L.R.M. Baptista *et al.* s.n. (ICN

33868); **Triunfo**, 07/VI/1977, fl.fr., I. Ungaretti 387 (HAS); **Viamão**, cult., 23/V/1988, fl.fr., L. Mentz & L. Wanmacher s.n. (ICN 69613).

**3. *Aloysia hatschbachii*** Moldenke, *Phytologia* 18: 341. 1967.

Fig. 5 e 15

**Arbustos** de até 1,5-2 m de altura. Caules e ramos subtetrágonos a tetrágonos, com estrias longitudinais, algumas vezes com córtex descamante, com tricomas tectores simples, bem distribuídos a densos, e tricomas glandulares subsésseis, esparsos a bem distribuídos. **Folhas** opostas, coriáceas; lâmina 1,5-4,8 cm (incluindo o pecíolo) x 0,7-2,5 cm, elíptica ou mais raramente obovada, ápice agudo a obtuso, base cuneada, não dentada e decurrente no pecíolo, margem serrada, crenado-serrada ou dentada, com (2-4)5-9(10) pares de dentes, revoluta; **superfície adaxial** áspera, com tricomas tectores simples, longos, antrorsos, de base rosulada, bem distribuídos a esparsos no limbo, concentrados na porção basal da nervura principal e na decurrência da lâmina no pecíolo, tricomas glandulares subsésseis esparsos; **superfície abaxial** com tricomas tectores simples, densos sobre todo o limbo, sem direção definida, tricomas glandulares subsésseis bem distribuídos, nervuras de várias ordens bem evidentes, geralmente cobertas com tricomas tectores antrorsos e mais robustos. **Florescências** em racemos espiciformes laxos, axilares, de até 13 cm compr., pedicelo ca. de 0,5 mm compr., raque e pedicelo com tricomas tectores e tricomas glandulares subsésseis. **Brácteas** 1,3-2,3 x 0,4-0,5 mm, linear-lanceoladas a lanceoladas, levemente naviculadas, com tricomas tectores simples antrorsos, mais densos na base, e tricomas glandulares subsésseis, com margem ciliada. **Cálice** 2,2-2,6 mm compr., com quatro lacínias triangular-lanceoladas, duas lacínias da face adaxial levemente menores que as da face abaxial, sinus laterais de 0,7-1 mm compr., sinus adaxial e abaxial (1-1,2 mm compr.) mais profundos que os laterais, com tricomas tectores simples, mais longos e mais ou menos patentes na base do tubo, encurtando e tornando-se mais esparsos em direção às lacínias, tricomas glandulares subsésseis, margem das lacínias ciliadas, face interna do cálice com tricomas tectores raros. **Corola** 3,7-4,7 mm compr., lilás-esbranquiçada, lobo adaxial emarginado ou inteiro, tricomas internamente na metade superior do tubo corolino em direção aos lobos, aumentando sua densidade e comprimento na fauce, tricomas externamente na metade superior do tubo corolino até os lobos; tubo com 3-3,5 mm compr., limbo 2,5-2,7 mm. **Estames** 0,8-1,3 mm compr., inseridos no 1/4 superior do tubo, os superiores exsertos, tecas desiguais, com 0,5-0,7 mm compr.

**Ovário** globoso a elipsóide, 0,6-0,8 mm compr., glabro, estilete 1,4-1,8 mm compr., estigma levemente bilobado, alargado, oblíquo, papiloso. **Fruto** 1,6-2 mm compr., elipsóide, achatado.

**Comentários:** Segundo Múlgura (2007), esta espécie é endêmica do Paraná, não tendo sido citada para o Estado até o momento. Trata-se, portanto, de citação de nova ocorrência. Foram encontradas quatro coletas para o município de Canela, no Parque do Caracol, e mais uma, sem local definido, mas coletada na mesma data de outras coletas, por Karner Hagelund, em Gramado ou Canela. A decisão de que este material corresponde a *A. hatschbachii* foi tomada examinando a fotografia do material tipo (TEX), o qual foi coletado no município de Piên, Paraná, que se localiza próximo às escarpas da Serra Geral. A descrição original da espécie confere com as observações feitas no material examinado. Ocorre na Encosta Inferior do Nordeste, em matilhas arbustivas, em capões e em florestas com araucária. Foi realizada uma saída de campo específica para o Parque do Caracol e arredores, mas a espécie não foi encontrada. Foi observado material florido e frutificado em outubro e de janeiro a março.

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Canela**, 22/I/1941, fl.fr., *K. Emrich s.n.* (PACA 29993); **idem**, 14/III/1945, fl., *K. Emrich s.n.* (PACA 28763); **idem**, 19/II/1946, fl.fr., *K. Emrich s.n.* (PACA 33313); **idem**, 29/X/1961, fl.fr., *G. Pabst 6381 & E. Pereira 6554* (PEL); *s.l.*, 10/I/1965, fl.fr., *K. Hagelund 3173* (ICN).

Material adicional: **BRASIL. Paraná: Piên**, 20/II/1988, fl.fr., *G. Hatschbach 51897 & O.S. Ribas* (HUCS); **idem**, 15/IX/1993, fl., *R. Kummrow 3324 & J.M. da Cruz* (PEL). **Santa Catarina: Capão Alto**, 21/I/2007, fl.fr., Grupo de Estudos-Reófitas UHBG 1917 (UHBG fotografia do material enviado por Marcos Sobral/UFSJ).

#### 4. *Aloysia lycioides* Cham., Linnaea 7: 237. 1832.

Fig. 6 e 16

**Arbustos** ou arvoretas com até 5(6) m de altura. Ramos subtetrágonos a cilíndricos, muitas vezes com estrias longitudinais, geralmente com ramos espinescentes, com tricomas tectores simples muito curtos, densos a esparsos, e tricomas glandulares subsésseis geralmente pouco visíveis. **Folhas** opostas, às vezes acompanhadas de pequenos fascículos foliosos, membranáceas a papiráceas; lâmina 0,7-7,3 cm (incluído o pecíolo) x 0,3-1,8 cm, obovada,

oblonga, elíptica, às vezes levemente lanceolada, geralmente discolor, ápice obtuso a agudo, base cuneada a atenuada, decurrente, margem revoluta ou não, inteira ou crenado-serrada na metade ou 1/3 superior da lâmina (raramente também no 1/3 inferior) no mesmo ramo; **superfície adaxial** levemente áspera ou áspera, com tricomas tectores simples muito curtos, com base rosulada, tricomas tectores simples sem base rosulada visível na metade basal da nervura principal, e tricomas glandulares subsésseis esparsos, concentrados na base da folha (muitas vezes pouco visíveis); **superfície abaxial** com indumento pubérulo, mais evidente na nervura principal (às vezes também na lâmina), tricomas glandulares subsésseis bem distribuídos, e glândulas pelúcidas nem sempre visíveis. **Florescências** em racemos espiciformes laxos, axilares, de até 16,5 cm, raque e pedicelo com tricomas tectores simples e tricomas glandulares subsésseis; pedicelo 0,5-0,8 mm compr. **Brácteas** 1-2,2 x 0,4-0,8 mm lanceoladas, obtruladas, com tricomas tectores simples, antrorsos ou não, esparsos a bem distribuídos, e tricomas glandulares subsésseis, esparsos a bem distribuídos, margem ciliada. **Cálice** 2,5-3,2 mm compr., quatro lacínias triangulares, sinos laterais de 0,5-0,7 mm compr., sinos adaxial e abaxial (com 0,7-1,2 mm compr.) mais profundos que os laterais, cálice coberto externamente com tricomas simples, mais longos, patentes e densos ao longo do tubo, encurtando e tornando-se mais esparsos em direção às lacínias, e tricomas glandulares sésseis (bem distribuídos a raros), face interna com tricomas simples bem distribuídos ou esparsos, margem das lacínias ciliadas. **Corola** 4,8-6,7 mm compr., branca a levemente rosada, lobo adaxial inteiro ou emarginado, com tricomas internamente nos 2/3 ou metade superior do tubo corolino até a metade dos lobos, externamente glabro ou, raras vezes, com poucos tricomas tectores na base dos lobos, tubo 4,2-5 mm compr., limbo 2,4-4 mm compr. **Estames** 0,6-1 mm compr., inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, exsertos, tecas subiguais, com 0,6-0,7 mm compr. **Ovário** elipsóide, com 0,5-1 mm compr., glabro, estilete 1,8-3 mm compr., estigma oblíquo, levemente bilobado ou bilobado e papiloso. **Fruto** 1,6-2,4 mm compr., elipsóide, achatado.

**Comentários:** Siedo (2006) realizou uma mudança na circunscrição de *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc., *A. lycioides* e *A. pulchra* (Briq.) Moldenke, não confirmando a ocorrência de *A. gratissima* para o Brasil, delimitando sua ocorrência dos Estados Unidos até a Argentina e Paraguai. O autor refere para o Brasil (incluindo o nosso Estado) a presença de *A. lycioides* Cham. var. *lycioides*, delimitando sua ocorrência para Bolívia, Argentina, Paraguai, sul do Brasil e Uruguai. Esta nova circunscrição de Siedo (*loc. cit.*) baseia-se em caracteres morfológicos (como formato e dimensão das folhas, simetria do cálice, e tamanho

comparativo do cálice e tubo da corola), diferença no número cromossômico (dados obtidos de trabalhos distintos para cada espécie, não realizados pelo autor) e observação da não-hibridização entre as espécies. Corrobora com Siedo (*loc. cit.*) o fato do material tipo de *A. lycioides* ser originário provavelmente do Brasil (Brasília prov. Cisplatina, Sellow), e os de seus sinônimos do Paraguai e Rio Grande do Sul, enquanto que o material tipo de *A. gratissima* é originário de Mendoza (Argentina), e as dos seus sinônimos do México e Estados Unidos. Siedo também sinonimizou *A. pulchra* com *A. lycioides*. No entanto, Botta (1979), em sua revisão de *Aloysia*, referiu para o Brasil *A. pulchra* e *A. gratissima*, separando-as por caracteres no cálice (dimensão do tubo calicinal e lacínias, e formato das lacínias) e formato das folhas. Estes caracteres não foram eficientes para delimitar estas espécies no material presente aqui no Estado. Em publicação recente, Salimena *et al.* (2010) referem para o Estado a ocorrência tanto de *Aloysia gratissima* quanto de *A. lycioides*, o que reforça a necessidade de estudos aprofundados com outras abordagens.

A espécie está presente em todas as regiões fisiográficas e é um elemento importante na constituição dos campos arbustivos, ocorrendo em borda de matas, topos de morro, frequente em beira de estradas, e muitas vezes encontrada sob cultivo. Floresce e frutifica o ano inteiro.

Sob o nome *Aloysia gratissima*, os nomes populares encontrados no material examinado são erva-de-nossa-senhora, erva-santa, erva-cidreira, erva-da-graça, cidró, cidrozinho, cidrozinho-garupá, cidrozinho-do-campo, cambarazinho, garupá, mimo-do-brasil, erva-da-colônia, erva-da-pontada, erva-da-sepultura e jatobá. A espécie tem suas folhas indicadas popularmente, nas formas decocção, infusão e alcoolatura, nas dores em geral, dor de cabeça, dor na coluna, dor de friagem, febre, resfriado, tosse, gripe, gripe recolhida, bronquite, pontada, pneumonia, má digestão, estômago, dores por dentro, fígado/enjôo, vermes, hemorróidas, baixar a pressão, calmante, excitantes (estimulantes) e aromáticas (Simões *et al.*, 1990; Mentz *et al.*, 1997; Kubo, 1997; Garlet, 2000; Marodin, 2000; Possamai, 2000; Sebold, 2003; Vendruscolo & Mentz, 2006; Soares *et al.*, 2004). Não existem, na literatura, dados que comprovem estas indicações populares.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Alegrete**, 8/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 164 (ICN); **Arroio do Ratos**, 6/II/1980, fl., K. Hagelund 13263 (ICN, PACA); **Bagé**, 25/I/1973, fl.fr., J.C. Lindeman s.n. (ICN 21198); **Barra do Quaraí**, 17/XI/1984, fl., M. Sobral 3390 (ICN); **Caçapava do Sul**, 13/X/1985, fl.fr., J.R. Stehmann 682 (ICN); **idem**, 19/X/2003, fl.fr., M. Rossato 196 (HUCS); **Cerro Largo**, 25/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 131b (ICN); **Dom Pedrito**, 15/X/1971, fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 8595);

**Erechim**, 25/I/1995, fl.fr., A. Butzke & M. Nodari s.n. (HUCS 11364); **Porto Alegre**, 21/IX/1979, bot.fl., O. Bueno 1736 (HAS); **Quaraí**, 7/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 159 (ICN); **Rio Grande**, 3/V/1986, fl.fr., J.A. Jarenkow *et al.* 328 (PEL); **Riozinho**, 25/XI/1997, fl.fr., V. Koch s.n. (PACA 95178); **Santa Maria**, 14/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 179 (ICN); **São Borja**, XII/1989, fl.fr., R. Záchia 78 (ICN); **São Francisco de Paula**, 22/X/1997, fl.fr., A. Knob 5387 (UNILASALLE); **idem**, 5/XI/1995, fl.fr., B. Harter s.n. (MPUC 10725); **São Gabriel**, I/1986, fl.fr., M. Sobral *et al.* 4892 (ICN); **São José dos Ausentes**, 14/XII/2008, fl.fr., L.F. Lima & R. Oliveira Neto 540 (ICN); **São Luiz Gonzaga**, 28/I/1941, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 3037); **Tramandaí**, 8/XII/1981, fl.fr., M. Sobral & P. Brack s.n. (ICN 51087); **Uruguaiana**, 20/VII/1976, st., M. Fleig 443 (ICN); **Vacaria**, 20/XI/1986, fl., O. Bueno 4749 (HAS).

##### 5. *Aloysia polygalifolia* Cham., Linnaea 7: 236. 1832.

Fig. 7 e 17

**Arbustos** de até 2,5 m de altura. Ramos subtetrágonos, com estrias longitudinais, algumas vezes com córtex descamante, geralmente com cicatrizes das folhas bem marcadas no ramo, com tricomas tectores simples, esparsos a bem distribuídos, tricomas glandulares pedicelados esparsos a raros (geralmente concentrados nos nós), e tricomas glandulares subsésseis raros a esparsos (geralmente concentrados nos nós). **Folhas** opostas, verticiladas ou subverticiladas, coriáceas; lâmina 0,7-4,5 cm (incluindo o pecíolo, quando presente) x 0,5-1,4 cm, ovalada, cordiforme ou elíptica, ápice agudo a acuminado, base obtusa a cuneada ou cordada, margem inteira, revoluta; folhas sésseis a curtamente pecioladas (nesse caso com lâmina decurrente); **superfície adaxial** áspera com tricomas tectores simples, longos a curtos, antrorsos, com base rosulada, esparsos a bem distribuídos, geralmente com tricomas tectores simples sem base rosulada visível (semelhantes aos presentes nos ramos) na metade basal da nervura principal, e tricomas glandulares pedicelados esparsos a raros; **superfície abaxial** com tricomas tectores simples, esparsos a bem distribuídos, tricomas glandulares subsésseis raros a esparsos, e tricomas glandulares pedicelados esparsos (concentrados na base da lâmina e nos curtos pecíolos), geralmente com nervuras bem marcadas. **Florescências** em racemos espiciformes laxos, axilares, de até 17 cm compr., pedicelo 0,5-1 mm compr., raque e pedicelo com tricomas tectores simples e tricomas glandulares pedicelados. **Brácteas** 2,2-3,2 x 0,7-1 mm, lanceoladas a ovalado-lanceoladas ou linear-lanceoladas, levemente naviculadas a naviculadas, com tricomas simples, antrorsos, tricomas glandulares pedicelados (raramente

ausentes), e tricomas glandulares subsésseis (raramente ausentes); face interna da bráctea glabra ou com tricomas tectores simples pequenos, bem esparsos; margem ciliada. **Cálice** 3-3,2 mm compr., com quatro lacínias triangular-lanceoladas, subiguais a desiguais, sinos laterais de 0,4-1,3 mm compr., sinos adaxial e abaxial (com 1-1,5 mm compr.) mais profundos que os laterais, com tricomas tectores simples, mais longos e mais ou menos patentes na base do tubo, encurtando e tornando-se mais esparsos em direção às lacínias, tricomas glandulares pedicelados (às vezes ausentes), e tricomas glandulares subsésseis (às vezes ausentes), margem das lacínias ciliadas; face interna do cálice com tricomas tectores simples. **Corola** 5,3-6,5 mm compr., branca e/ou levemente arroxeadada, lobo adaxial emarginado e sinuoso, tricomas internamente na metade ou 2/3 superior do tubo corolino (onde são densos a concentrados), tornando-se escassos em direção ao ápice dos lobos, tricomas externamente na metade superior do tubo (concentrados a esparsos), tornando-se escassos em direção ao ápice dos lobos; tubo 3,7-4,7 mm compr., limbo 3,2-4,3 mm. **Estames** 0,5-1 mm compr., inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, os superiores levemente exsertos, tecas subiguais, com 0,5-0,6 mm compr. **Ovário** elipsóide a ovóide, com 0,5-0,8 mm compr., glabro, estilete 2,3-3 mm compr., estigma alargado e oblíquo, papiloso. **Fruto** 1,3-1,7 mm compr., obovóide, achatado.

**Comentários:** São características marcantes desta espécie a presença de tricomas glandulares pedicelados nos ramos, folhas, brácteas e cálice (mais fáceis de serem visualizados próximo ao pecíolo e pedicelo), folhas coriáceas, ovaladas, cordiformes ou elípticas, muito ásperas, de margem inteira. Embora a maioria do material examinado apresente tricomas glandulares pedicelados, no material P.C. Crespam *et al.* 188 (ICN) estes foram raramente encontrados e somente na raque da florescência. A espécie ocorre geralmente nos banhados em campos arbustivos ou abertos, e borda de matas, nas regiões do Alto Uruguai, Campos de Cima da Serra, Depressão Central, Encosta Inferior do Nordeste e Planalto Médio. Floresce e frutifica de outubro a abril.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Esmeralda**, 23/X/1985, fl.fr., J.R. Stehmann 702 (ICN); **Fontoura Xavier-Soledade**, 12/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 188 (ICN); **Guaíba**, 24/X/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 73 (ICN); **idem**, 12/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 139 (ICN); **Nonoai**, III/1945, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 28141); **Palmeira das Missões**, X/1957, fl.fr., K. Hagelund 59 (ICN); **Rio Pardo**, 10/XI/1988, fl.fr., M.L. Abruzzi 1674 (HAS); **Santa Maria**, 14/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 177 (ICN);



**Santo Antônio da Patrulha**, 5/XI/1993, fl.fr., A. Knob *et al.* 7514 (UNILASALLE); **São Leopoldo**, 24/X/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 44118).

6. *Aloysia polystachya* (Griseb.) Moldenke, Lilloa 5: 380. 1940.

Fig. 8

**Arbustos** de até 2 m de altura. Ramos subtetrágonos, com estrias longitudinais; nos ramos novos ocorrem tricomas simples adpressos, antrorsos, e tricomas glandulares subsésseis, concentrados a esparsos. **Folhas** alternas, fasciculadas, membranáceas; lâmina 1,5-4,2 cm (incluindo o pecíolo) x 0,3-0,7 cm, discolor, decurrente no pecíolo, inteira; **superfície adaxial** áspera, com tricomas simples adpressos, de ápice voltado para a margem, base rosulada e tricomas glandulares subsésseis, esparsos a raros; **superfície abaxial** com tricomas tectores simples, densos, e tricomas glandulares subsésseis bem distribuídos; nervura principal bem marcada, com tricomas simples, antrorsos. **Florescências** em racemos espiciformes densos, axilares, muitas vezes com até 5 florescências por axila, de até 0,7 cm compr.; flores subsésseis, muito densas, raque com tricomas tectores simples e tricomas glandulares subsésseis. **Brácteas** 1,2 x 1,3 mm, largamente ovaladas, truncadas no ápice, que é geralmente levemente mucronado, com tricomas tectores simples, e tricomas glandulares subsésseis. **Cálice** ca. de 1,3 mm compr., 4 lacínias largamente triangulares subiguais, sinos quase inconspícuos de 0,3-0,4 mm compr., com tricomas tectores simples em várias direções, e tricomas glandulares subsésseis. **Corola** 2,5 mm compr., branca, tubo 1,5 mm compr., limbo 1,8 mm compr., com tricomas tectores simples internamente nos 2/3 superiores do tubo corolino; tricomas tectores simples muito curtos e tricomas glandulares subsésseis externamente no 1/3 superior do tubo e lobos. **Estames** ca. de 0,5 mm compr., levemente exsertos, inseridos no 1/3 superior do tubo corolino, tecas iguais com ca. de 0,5 mm compr. **Ovário** subgloboso, 0,3 mm compr., glabro, estilete 0,8 mm compr., estigma alargado, oblíquo, papiloso. **Fruto** não visto.

**Comentários:** existem apenas duas coletas desta espécie no Estado, ambas cultivadas, nas regiões da Depressão Central e Encosta Inferior do Nordeste. Difere das demais espécies do gênero por apresentar folhas alternas e pela florescência densa e muito curta.

Folhas e flores são usadas na Argentina como tônico-digestivas, hepáticas, gastrálgicas e antigripais (Barboza *et al.*, 2006). O material analisado mostrou floração em abril e maio.

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Santa Maria**, 21/V/1995, fl., A. Alvarez *s.n.* (ICN 157226, PEL 17313); **São Leopoldo**, 1/IV/1998, fl., D.M. Schnorr *s.n.* (PACA 95181).

**7. *Aloysia virgata*** (Ruiz & Pav.) Pers., Syn. Pl. 2(1): 139. 1806.

Fig. 9 e 18

**Arvoretas** de até 7 m de altura. Ramos tetrágonos a subtetrágonos, com tricomas tectores simples, e tricomas glandulares subsésseis (concentrados próximo ao pecíolo e raque). **Folhas** opostas, membranáceas a papiráceas; lâmina 4,2-14 cm (incluindo o pecíolo) x 1,7-6,2 cm, ovalada a ovalado-lanceolada, às vezes assimétrica, ápice agudo, raramente obtuso, com lâmina decurrente no pecíolo; margem serrulado-crenada a serrulada, geralmente irregular, levemente revoluta, ciliada; **superfície adaxial** áspera e rugosa, com tricomas tectores simples de base rosulada, geralmente curtos, bem distribuídos, e tricomas concentrados ao longo da nervura principal (semelhantes aos presentes nos ramos); **superfície abaxial** com tricomas tectores simples bem distribuídos, e tricomas glandulares subsésseis, nervuras bem marcadas. **Florescências** em racemos espiciformes laxos, axilares, em muitos casos 2-3 por axila, de até 16 cm compr., pedicelo ca. de 0,7-0,8 mm, raque e pedicelo com tricomas tectores. **Brácteas** 1,3-2,5 x 0,3-0,6 mm, lanceoladas a oblanceoladas, geralmente assimétricas, ápice agudo, às vezes obtuso, face externa com tricomas tectores simples densos a bem distribuídos, sem direção definida, tricomas glandulares subsésseis esparsos, e raramente com tricomas glandulares pedicelados, face interna com tricomas tectores simples; margem ciliada. **Cálice** 2,2-3,2 mm compr., quatro lacínias lanceoladas, subiguais, sinos laterais de 1-1,8 mm compr., sinos adaxial e abaxial (com 1,3-2 mm compr.) mais profundos que os laterais, face externa com tricomas tectores simples, mais longos, patentes e densos ao longo do tubo, encurtando e tornando-se mais esparsos em direção às lacínias, tricomas glandulares subsésseis (bem distribuídos a raros), raramente com tricomas glandulares pedicelados, margem das lacínias ciliadas, face interna com raros tricomas tectores simples ou glabra. **Corola** 4-5 mm compr., branca, lobo adaxial levemente emarginado a emarginado ou inteiro, com tricomas internamente a partir da metade do tubo corolino em direção aos lobos, aumentado sua densidade e comprimento na fauce, face externa glabra, tubo 2,8-3,3 mm compr., limbo 2-2,6 mm. **Estames** 0,5-0,7 mm compr., inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, levemente exsertos, tecas iguais ou subiguais, com 0,4-0,5 mm compr. **Ovário**

globoso a subgloboso, com 0,3-0,6 mm compr., glabro, estilete 1,7-2 mm compr., estigma levemente bilobado, alargado, papiloso. **Fruto** 1,3-1,5 mm compr., elipsóide, achatado.

**Comentários:** A autoria de *Aloysia virgata* tem causado polêmica, já que em 1806 tanto Persoon quanto A.L. Jussieu transferiram o basônimo *Verbena virgata* Ruiz & Pav. para *Aloysia*. A transferência de Persoon (1806) parece mais apropriada, pois indica claramente a nova combinação, enquanto que Jussieu (1806) apenas faz um comentário dentro de um texto genérico. Seria necessário definir se esta última obra poderia ter prioridade sobre a de Persoon. Na Lista de Espécies da Flora do Brasil, Salimena *et al.* (2010) não mencionam a ocorrência desta espécie para o Estado, mas a citação existe desde Rambo (1965). Ocorre no Alto Uruguai, no interior e bordas de áreas florestais. O material indica que ela deve florescer e frutificar o ano todo.

Segundo Pio Corrêa (1926-1984), esta espécie, sob o nome *Lippia urticoides* (Cham.) Steud., possui flores que podem servir para a indústria de perfumaria. No Estado é referida como cambará, cambará-de-lixia e lixeira, segundo o material examinado.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: (Derrubadas) P.E. Turvo**, 5/IV/1976, fl.fr., F.R. Machado s.n. (HARS 1017); **idem**, 13/I/1977, fr., J. Mattos *et al.* 16636 (HAS); **idem**, 17/III/1977, fr., K. Hagelund 11327 (ICN); **idem**, 7/X/1980, fl.fr., P. Brack s.n. (ICN 47725); **idem**, 16/X/1989, fl.fr., N. Silveira 8867 (HAS); **idem**, 13/IX/1990, fl.fr., N. Silveira 9008 (HAS); **Iraí**, 21/VII/1931, fl.fr., Schultz 939 (ICN); **Nonoai**, 3/III/1949, fl., B. Rambo s.n. (PACA 28292); **Porto Mauá**, 01/X/1975, fl.fr., K. Hagelund 9398 (ICN); **Porto Mauá, Tuparendi**, 17/VII/1967, fl.fr., K. Hagelund 5400 (ICN); **idem**, 18/XI/1974, fr., A.G. Ferreira 693 (ICN); **s.l.**, s.d., fl.fr. B. Rambo s.n. (PACA 9395); **Tenente Portela**, 13/I/1977, bot.fr., J. Mattos *et al.* 16631 (HAS); **Três Passos**, V/2008, fl.fr., M. Molz s.n. (ICN 161927).

*Bouchea* Cham., *Linnaea* 7(2): 252-254. 1832.

**Subarbustos** a arbustos; ramos subtetrágonos a tetrágonos, frequentemente com estrias longitudinais, com tricomas tectores simples esparsos e tricomas glandulares subsésseis esparsos (concentrados nos nós). **Folhas** opostas; lâmina ovalada a lanceolada, às vezes assimétrica, membranácea, discolor, ápice agudo a acuminado, base cuneada, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, serrada ou dentada, dentes geralmente irregulares, iniciando logo acima da base até 1/3 da base, levemente revoluta ou não; **superfície adaxial**

com tricomas tectores simples (marcadamente pluricelulares e unisseriados), adpressos, frequentemente caducos, esparsos sobre a lâmina e concentrados na nervura principal e margens, roseta basal pouco visível, conferindo leve aspereza à lâmina, tricomas glandulares presentes, esparsos, vermelho-alaranjados, brilhantes, principalmente nas folhas jovens; **superfície abaxial** com tricomas tectores simples (pluricelulares e unisseriados), adpressos, esparsos sobre a lâmina e concentrados nas nervuras; roseta basal pouco visível; tricomas glandulares presentes, esparsos, vermelho-alaranjados, brilhantes. **Florescências** em racemos espiciformes, com tricomas tectores simples e tricomas glandulares presentes na raque. **Brácteas** triangular-lanceoladas, com tricomas tectores simples, antrorsos, margem escariosa e ciliada; duas bractéolas internas, estreito-lanceoladas, raramente triangular-lanceoladas, com tricomas tectores simples, margem escariosa e ciliada. **Flores** zigomorfas, monoclinas, curto-pediceladas. **Cálice** gamossépalo, tubuloso, com 5 costelas terminadas em lacínias subuladas, quatro delas iguais ou quase e uma menor adaxial, superfície com tricomas tectores simples, marcadamente pluricelulares e tricomas glandulares concentrados sobre as costelas, mais densos sobre as lacínias. **Corola** roxa com fauce branca, subinfundibuliforme, pentalobada, tricomas tectores simples e tricomas glandulares pedicelados presentes na metade superior do tubo corolino internamente; externamente com tricomas tectores simples e tricomas glandulares curto-pedicelados na metade superior do tubo. **Estames** 4, didínamos, inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, inclusos, conectivo pouco exserto; anteras superiores maiores, tecas paralelas, subiguais; filetes alargados, com tricomas glandulares curtamente pedicelados (mais evidentes nos filetes superiores). **Ovário** ovóide, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete com ápice geniculado, estigma oblíquo. **Fruto** esquizocárpico, estreito-elipsóide, achatado, com um estrangulamento próximo a base e levemente rostrado no ápice, com 2 clusas que se separam na maturação, superfície lisa; cálice acrescente até 2/3, rasgando na maturação.

**Comentários:** No Rio Grande do Sul ocorre apenas uma espécie, *Bouchea fluminensis* (Vell.) Moldenke. Apesar de Augusto (1946) ter citado *B. agrestis* Schauer como ocorrente no Estado, esta espécie tem distribuição restrita à Bahia (Moldenke, 1940; Salimena *et al.*, 2010).

**9. *Bouchea fluminensis*** (Vell.) Moldenke, Fedde Rep. 49: 117. 1940.

*Verbena fluminensis* Vell., Fl. Flum. 17. 1825, Icon. 1: 38. 1827.

*Bouchea pseudo-gervao* (A. St.-Hil.) Cham., Linnaea 7: 253. 1831.

Fig. 10 e 19

**Subarbustos** a arbustos de até 2,5 m de alt. Ramos subtetrágonos a tetrágonos frequentemente com estrias longitudinais, com tricomas toctores simples esparsos e tricomas glandulares subsésseis esparsos (concentrados nos nós). **Folhas** opostas, membranáceas; lâmina 2,5-18 cm (incluindo o pecíolo) x 1-8,5 cm, ovalada a lanceolada, às vezes assimétrica, discolor, ápice agudo a acuminado, base cuneada, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, serrada ou dentada, dentes geralmente irregulares, iniciando logo acima da base até 1/3 da base, levemente revoluta ou não; **superfície adaxial** com tricomas toctores simples (marcadamente pluricelulares unisseriados), adpressos, frequentemente caducos, esparsos sobre a lâmina e concentrados na nervura principal e margens; roseta basal pouco visível, conferindo leve aspereza à lâmina; tricomas glandulares presentes, esparsos, vermelho-alaranjados, brilhantes, principalmente nas folhas jovens; **superfície abaxial** com tricomas toctores simples (pluricelulares unisseriados), adpressos, esparsos sobre a lâmina e concentrados nas nervuras; roseta basal pouco visível; tricomas glandulares presentes, esparsos, vermelho-alaranjados, brilhantes. **Florescências** em racemos espiciformes, de até 47 cm de compr., pedicelo de 1-1,3 mm compr., com tricomas toctores simples e tricomas glandulares presentes na raque e pedicelo. **Bráctea** 2-3 x 0,6-1,5 mm, triangular-lanceolada, com tricomas toctores simples antrorsos, margem escariosa e ciliada; duas bractéolas internas 1,2-2 x 0,3-0,6 mm, estreito-lanceoladas, raramente triangular-lanceoladas, com tricomas toctores simples, margem escariosa e ciliada. **Cálice** 11-13 mm compr., com cinco costelas terminadas em lacínias subuladas, quatro delas iguais ou quase (com 1-1,7 mm compr.) e uma menor adaxial (com ca. de 0,3-0,8 mm), superfície com tricomas toctores simples marcadamente pluricelulares e tricomas glandulares concentrados sobre as costelas, mais densos sobre as lacínias. **Corola** ca. de 35 mm compr., roxa com fauce branca, subinfundibuliforme, com 5 lobos, tricomas toctores simples e tricomas glandulares pedicelados presentes na metade superior do tubo corolino internamente; externamente com tricomas toctores simples e tricomas glandulares curto-pedicelados na metade superior do tubo; tubo 16-18 mm compr., limbo ca. de 25 mm compr. **Estames** com 2,3-3,5 mm compr., inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, inclusos, conectivo pouco exserto; anteras superiores maiores (com ca. de 1,2-1,7 mm compr.), tecas com 1,2-1,7mm; filetes alargados, com tricomas glandulares curtamente pedicelados (mais evidentes nos filetes superiores). **Ovário** ovóide, 3-4 mm compr, estilete com ápice geniculado, com 11-14 mm compr., estigma oblíquo. **Fruto** 13-15 mm compr., estreito-elipsóide, achatado, com um

estrangulamento próximo a base e levemente rostrado no ápice, com 2 clusas que se separam na maturação, superfície lisa.

**Comentários:** *Bouchea fluminensis* é geralmente confundida com *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl ou com *S. laevis* Moldenke, diferindo destas por possuir duas bractéolas, além da bráctea, na inserção da flor, raque não-foveolada, quatro estames férteis, anteras com tecas paralelas e estilete com ápice geniculado. Na Lista de Espécies da Flora do Brasil (Salimena *et al.*, 2010) o limite austral da espécie é o estado de São Paulo, o que não confere com os resultados aqui encontrados. A espécie ocorre no Estado, já estando citada em Augusto (1946) sob o nome *B. agrestis* Schauer, e cuja ilustração não deixa dúvidas quanto à identidade do material, Teodoro Luis (1961) e Rambo (1965), ambos sob o nome *B. fluminensis*. No Estado a espécie está presente no Alto Uruguai, Campanha, Campos de Cima da Serra, Depressão Central, Encosta Inferior do Nordeste, Encosta Superior do Nordeste e Litoral. Ocorre em borda de matas, muitas vezes associada a cursos d'água. Floresce e frutifica o ano todo.

É conhecida pelos nomes populares gervão, gervão-de-folha-grande, gervão-do-mato e gervão-roxo (dados retirados do material examinado). Pio Corrêa (1926-1984) sob o sinônimo *Bouchea pseudogervao* (A.St.-Hil.) Cham. e nome popular gervão-falso, menciona que a espécie é reputada como antiemética e estimulante do aparelho digestivo.

**Material selecionado: BRASIL. RIO GRANDE DO SUL: (Barra do Ouro)** Perto da Vila do Ouro, na subida da Serra Geral, para São Francisco de Paula, 27/IX/1978, fl., J. Mattos *et al.* 20074 (HAS); **Canela**, II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 183 (ICN); **Caxias do Sul**, 13/V/2000, fr., L. Scur 772 (HUCS); **(Derrubadas) Tenente Portela**, 22/VII/1977, fl., J.L. Waechter s.n. (HAS 3718); **Erechim**, 14/XII/1993, fl.fr., A. Butzke *et al.* s.n. (HUCS 11516); **Feliz**, 10/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam 181 (ICN); **Garibaldi**, 07/XI/1987, fl., M.T. Poloni *et al.* s.n. (HUCS 3601); **Maquiné**, 20/XI/1991, fl.fr., J.A. Jarenkow & F. Cortes Rodrigues 1961 (PEL); **Marquês de Souza - Pouso Novo**, 12/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 185 (ICN); **idem**, 12/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 184 (ICN); **(Montenegro) Santa Teresinha do Forromeco**, 15/XI/1949, fl., A. Sehnem 4071 (PACA 47762); **Morrinhos do Sul**, 28/IX/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 63 (ICN); **Novo Hamburgo**, 12/VIII/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 42903); **Osório**, 11/I/1977, fl., L.R.M. Baptista *et al.* s.n. (ICN 33865); **idem**, 15/XI/1992, fl.fr., I.A. dos Santos s.n. (MPUC 10723); **Porto Alegre**, 14/XII/1950, fl.fr., B. Rambo 44756 (ICN); **Quaraí**, 14/I/1941, fl., B. Rambo s.n. (PACA 9496); **Santa**

**Cruz do Sul**, 1/XI/1987, fl., J.A. Jarenkow *et al.* 792 (PEL); **Torres**, 27/III/1990, bot.fr., J.A. Jarenkow & J.L. Waechter 1666 (PEL); **Tramandaí**, 8/X/1959, fl., Schultz 3732 (ICN).

*Phyla* Lour., *Fl. Cochinch.* 1: 66. 1790.

**Ervas** a subarbustos, prostrados, com ramos herbáceos a lenhosos, paralelos ao solo, enraizados nos nós; ramificações eretas, herbáceas a sublenhosas, ramos cilíndricos ou subtetrágonos, muitas vezes com estrias longitudinais; caule e ramos com tricomas malpighiáceos. **Folhas** opostas, muitas vezes concentradas nos nós dos ramos prostrados e com entrenós bem marcados nos ramos eretos; lâmina obovada ou obovado-lanceolada, muito raramente elíptica, ápice obtuso a agudo, base cuneada a atenuada e decurrente no pecíolo, margem dentada ou serrada na metade superior do limbo ou um pouco abaixo, dentes às vezes inconspícuos; **superfície adaxial** com tricomas malpighiáceos; **superfície abaxial** com tricomas malpighiáceos e glândulas pelúcidas de coloração amarela a acastanhada na planta herborizada, às vezes pouco visíveis; nervura principal conspícua. **Florescências** em espigas capituliformes, às vezes com raque algo acrescente na maturação (subcilíndrica ou cilíndrica), sustentadas por longos pedúnculos, cobertos por tricomas malpighiáceos densos. **Flores** zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Brácteas** obovadas ou obtruladas, cobertas por tricomas malpighiáceos; margens hialinas. **Cálice** gamossépalo, tubuloso-comprimido, bilabiado, com sinos adaxial e abaxial profundos, sinos laterais pouco evidentes. **Corola** branca com fauce amarela ou lilás, hipocrateriforme, com lobo abaxial mais desenvolvido, subdividido em três lóbulos. **Estames** 4, didínamos, inseridos na metade ou 1/3 superior do tubo corolino, tecas paralelas, subiguais. **Ovário** ovóide, unicarpelar, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, curto, estigma discóide, oblíquo. **Fruto** esquizocárpico, obovóide, com duas clusas, cálice e estilete persistentes.

**Comentários:** No Rio Grande do Sul o gênero está representado por duas espécies tipicamente litorâneas, *Phyla canescens* (Kunth) Greene e *Phyla reptans* (Kunth) Greene. No entanto, Salimena *et al.* (2010), citam para o Estado *P. nodiflora* (L.) Greene, provavelmente tratando as espécies ocorrentes aqui como variedades desta. As espécies do gênero distribuem-se nas regiões da Campanha, Depressão Central, Encosta do Sudeste e Litoral, e habitam dunas e campos úmidos. Enquanto *P. canescens* ocorre em áreas da Campanha próximas ao Rio Uruguai e no Litoral, *P. reptans* fica restrita à esta última região. Nos municípios de Cassino, Pelotas, Praia do Pinhal e Rio Grande as duas espécies de *Phyla*

ocorrem no mesmo ambiente. Sob o nome *Lippia nodiflora* (L.) Michx., e com o nome popular erva-dos-mosquitos, Pio Corrêa (1926-1984) apresenta uma figura que parece referir *P. reptans*, mencionando sua importância na fixação de areias e dunas.

### Chave para identificação das espécies do gênero *Phyla* ocorrentes no estado do Rio Grande do Sul

1. Cálice com o sino abaxial levemente mais profundo que o adaxial (com 0,7-1,2 mm e 0,4-0,8 mm compr., respectivamente); carenas do cálice, com tricomas tectores espiralados, uncinados ou uncinulados, longos e densos. Corola com 4,4 mm compr. ou mais, limbo da corola com mais de 2,8 mm ..... 9. *P. canescens*  
 1'. Cálice com o sino abaxial muito mais profundo que o adaxial (quase até a base ou até a base do cálice, restando no máximo 0,4 mm do tubo); carenas do cálice com tricomas tectores antrorsos retos ou arqueados, curtos. Corola de até 4 mm compr., limbo da corola com até 2,5 mm ..... 10. *P. reptans*

9. *Phyla canescens* (Kunth) Greene, Pittonia 4: 48. 1899.

*Phyla nodiflora* var. *canescens* (Kunth) Moldenke

Fig. 11 e 20

**Ervas** a subarbustos, prostrados, de até 1,20 m de compr., com ramos herbáceos a lenhosos, paralelos ao solo, enraizados nos nós, ramificações eretas herbáceas a sublenhosas, entrenós de 0,3-6 cm compr., ramos cilíndricos a subtetrágonos, muitas vezes com estrias longitudinais. Caule e ramos com tricomas malpighiáceos. **Folhas** geralmente concentradas nos nós dos ramos prostrados e opostas, com entrenós bem marcados nos ramos eretos, membranáceas; folha (lâmina e pecíolo) com 1-3 x 0,4-1,4 cm, obovada a obovado-lanceolada, muito raramente elíptica, ápice obtuso a agudo, base cuneada a atenuada e decurrente no pecíolo, margem dentada na metade superior do limbo ou um pouco abaixo, dentes às vezes inconspícuos; **superfície adaxial** com tricomas malpighiáceos; **superfície abaxial** com tricomas malpighiáceos e glândulas pelúcidas de coloração amarela a acastanhada na planta herborizada, às vezes pouco visíveis; nervura principal conspícua. **Florescências** de até 9,5 cm compr., em espigas capituliformes, às vezes com raque algo acrescente na maturação (subcilíndrica, de até 1 cm de compr.), sustentadas por longos pedúnculos com tricomas malpighiáceos densos; flores sésseis. **Brácteas** 2,5-4 x 1,4-2,8 mm, obovadas a levemente obtruladas, naviculadas na porção mediano-basal, ápice levemente a marcadamente cuspidado, cobertas por tricomas malpighiáceos; margens hialinas, às vezes



com coloração vinosa, levemente irregulares, ciliadas. **Cálice** 2-2,7 x 1,2-1,3 mm, bilabiado, com sinos adaxial e abaxial profundos, com 0,4-0,8 mm e 0,7-1,2 mm respectivamente, levemente hialino na porção mediana das faces abaxial e adaxial, sinos laterais pouco evidentes; tricomas tectores concentrados nas carenas, espiralados, uncinados ou uncinulados, longos e densos e tricomas glandulares subsésseis esparsos; ápice das lacínias ciliado. **Corola** 4,4-5,5 mm compr., branca com fauce amarela ou lilás, lobo adaxial reduzido, profundamente dividido, emarginado ou inteiro, o abaxial mais desenvolvido, tricomas tectores malpighiáceos (geralmente com uma das projeções da bifurcação mais reduzida) e tricomas glandulares subsésseis no ápice do tubo corolino e lobos externamente, tubo 2,2-3 mm compr., limbo 2,8-4,2 mm. **Estames** 0,5-0,6 mm compr., inseridos na metade ou 1/3 superior do tubo corolino, exsertos, tecas com 0,4 mm compr. **Ovário** ovóide, 0,4-0,8 mm compr., estilete curto, 0,4-0,7 mm compr., estigma discóide, oblíquo. **Fruto** 1,4-2 mm compr., obovóide.

**Comentários:** Esta espécie possui cálice com sino abaxial menos profundo (com 0,7-1,2 mm de profundidade), enquanto que *P. reptans* possui cálice com sino abaxial profundamente fendido (quase até a base ou até a base do cálice, restando no máximo 0,4 mm do tubo); ainda no cálice, os tricomas das carenas são espiralados, uncinados ou uncinulados, longos, em *P. canescens*, enquanto que em *P. reptans* são antrorsos, retos ou arqueados, curtos. No Estado, *P. canescens* ocorre na Campanha, Depressão Central, Encosta do Sudeste e Litoral, habita dunas e campos úmidos, muitas vezes presente em ambientes altamente degradados, em terrenos baldios e beira de calçadas. Segundo o material examinado, inicia o florescimento em agosto, continuando a florescer e frutificar até abril.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Bagé**, 21/I/1976, fl.fr., A.M.G. Deiro s.n. (CNPO 238); **Barra do Quaraí**, 16/XII/2009, fl.fr., M. Grings & R. Paniz, 993 (ICN); **Canoas**, 10/VIII/1933, fl., Irmão Augusto s.n. (ICN 18848); **Camaquã**, 04/II/1999, fl., A. Knob & S. Bordignon 5908 (UNILASALLE); **Capivari do Sul**, 23/XI/2001, fl., E.N. Garcia 621 (ICN); **Cassino**, 12/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 96 (ICN); **Pelotas**, 2/XII/1957, fl.fr., Sacco 757 (PACA); **Porto Alegre**, 16/X/1932, fl., B. Rambo s.n. (PACA 445); **Praia do Hermenegildo**, 11/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 92 (ICN); **Praia do Pinhal**, 26/I/1975, fl., L. Arzivenco s.n. (ICN 44305); **Quaraí**, I/1945, fl., B. Rambo s.n. (PACA 26001); **Rio Grande**, 30/XI/1978, fl., Waechter 1045 (ICN); **Santa Vitória do Palmar**, 13/XII/1986, fl.fr., J.A. Jarenkow 560 (PACA); **idem**, 17/III/2008, fl.fr., L. Crippa 117

(HUCS); *sem município*, **Taim**, III/1981, fl.fr., B. Irgang *et al.* s.n. (ICN 49951); **Tavares**, 13/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 106 (ICN).

**10. *Phyla reptans*** (Kunth) Greene, Pittonia 4: 47. 1899.

*Phyla nodiflora* var. *reptans* (Kunth) Moldenke

Fig. 12 e 21

**Ervas** a subarbustos, prostrados, de até 1,92 m de compr., com ramos herbáceos a lenhosos paralelos ao solo, enraizados nos nós, ramificações eretas herbáceas a sublenhosas, entrenós de 1,5-10,5 cm compr., ramos muitas vezes vinhosos, subtetragonos, com estrias longitudinais. Caule e ramos com tricomas malpighiáceos. **Folhas** opostas, com entrenós bem marcados nos ramos prostrados e eretos, às vezes concentradas nos nós dos ramos prostrados, geralmente subcarnosas e com coloração vinosa; folha (lâmina e pecíolo) com 1,5-3,8 x 0,8-1,9 cm, obovada, ápice obtuso a agudo, base cuneada a atenuada e decurrente no pecíolo, margem serrada na metade superior do limbo ou um pouco abaixo; **superfície adaxial** com tricomas malpighiáceos; **superfície abaxial** com tricomas malpighiáceos e glândulas pelúcidas de coloração amarela a acastanhada na planta herborizada, às vezes pouco visíveis; nervura principal conspícua, nervuras secundárias levemente marcadas. **Florescências** de até 12,5 cm compr., em espigas capituliformes, com raque acrescente na maturação (cilíndrica, de até 2,5 cm), sustentadas por longos pedúnculos cobertos de tricomas malpighiáceos densos; flores sésseis. **Brácteas** 2,4-3,2 x 2,4-3,2 mm, obtruladas, levemente naviculadas, com ápice mucronado, cobertas por tricomas malpighiáceos, de nervura mediana glabra ou quase e margem hialina, frequentemente com coloração vinosa, levemente irregular. **Cálice** 1,7-2,5 x 1-1,4 mm, bilabiado, sino abaxial profundamente fendido (quase até a base ou até a base do cálice, restando no máximo 0,4 mm do tubo), sino adaxial menos fendido que o abaxial, com 0,7-1 mm, cálice levemente hialino nas faces abaxial e adaxial, sinos laterais pouco evidentes, carenas com tricomas tectores antrorsos retos ou arqueados, curtos, raramente com tricomas glandulares subsésseis. **Corola** 3-4 mm compr., branca, com fauce amarela ou lilás, lobo adaxial profundamente dividido ou emarginado, lobo abaxial bem desenvolvido, tricomas tectores malpighiáceos (geralmente com uma das projeções da bifurcação mais reduzida) e raros tricomas glandulares subsésseis nos lobos externamente; tubo 1,8-2,2 mm compr., limbo 1,8-2,5 mm. **Estames** 0,4-0,5 mm compr., inseridos na metade ou 1/3 superior do tubo corolino, levemente exsertos, tecas com 0,3-0,4 mm compr. **Ovário** ovóide, 0,4-0,7 mm

compr., estilete curto, 0,4-0,5 mm, estigma discóide, oblíquo. **Fruto** 1,2-1,3 mm compr., obovóide.

**Comentários:** Nesta espécie, às vezes, um único pedúnculo pode sustentar 2 a 7 espigas capituliformes, ou ainda pode haver uma bifurcação da espiga capituliforme em sua porção mediana. No ambiente é facilmente diferenciada da anterior por ser mais robusta, seus ramos e folhas mais carnosos, e por possuir ramos eretos pronunciados, além dos prostrados. No Estado a espécie ocorre na Encosta do Sudeste e Litoral, e assim como *P. canescens*, habita dunas e campos úmidos, e muitas vezes está presente em ambientes altamente degradados, em terrenos baldios e beira de calçadas. O material examinado indica que o início do florescimento e frutificação se dá em novembro, indo até julho.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Capão da Canoa**, 9/I/1991, fl.fr., G. Grazziotin s.n. (HUCS 7467); **Capão da Canoa–Xangrilá**, 31/XII/1991, fl.fr., J.A. Jarenkow 2024 (ICN); **Cassino**, 12/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 103 (ICN); **Cidreira**, 14/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 118 (ICN); **idem**, 14/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 119 (ICN); **idem**, 17/I/2010, fl.fr., F. Gouveia & M. Vignoli-Silva 05 (ICN); **Pelotas**, 23/I/1950, fl.fr., Irmão Ary, 19 (ICN); **Praia do Magistério**, 14/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 112 (ICN); **Praia do Pinhal**, 26/I/1975, fl.fr., L. Arzivenco s.n. (ICN 44297); **idem**, 14/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 117 (ICN); **Rio Grande**, 4/I/1950, fl.fr., Irmão Teodoro 20014 (ICN); **idem**, 23/I/1973, fl.fr., A. Sehnem 13289 (PACA); **Torres**, 8/II/1984, fl.fr., K. Hagelund 15061 (ICN); **idem**, 22/I/2005, fl.fr., V.C. Souza & V.F. Kinupp 30554 (ICN); **idem**, 5/III/2005, fl.fr., F. Marchetti 125 (HUCS); **Tramandaí**, II/1980, fl.fr., P. Brack & M. Sobral s.n. (ICN 47332).

*Stachytarpheta* Vahl, *Enum. Pl.* 1: 205-210. 1804.

**Subarbustos** ou ervas eretos; plantas glabras ou pilosas; caule e ramos subtetrágonos a cilíndricos. **Folhas** opostas; lâmina inteira, ovalada a estreito-ovalada até elíptica, ápice agudo, base cuneada a atenuada, às vezes assimétrica, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, crenas iniciando acima de 1/4 ou mais a partir da base. **Florescências** com flores sésseis, não patentes, em espigas longas, com eixos mais ou menos engrossados, flexuosos e foveolados. **Flores** zigomorfas, monoclinas, sésseis. **Brácteas** lanceoladas, margem escariosa até quase hialina. **Cálice** gamossépalo, tubuloso-comprimido, com 4

lacínias iguais ou subiguais, e uma lacínia adaxial ausente ou reduzida, com sino adaxial. **Corola** azul-pálida a azul, hipocrateriforme, limbo pentalobado com lobos desiguais, os dois superiores maiores, e os três inferiores levemente menores. **Estames** 2, com tecas divergentes e desiguais e 2 estaminódios filiformes, inseridos na metade ou 1/4 superior do tubo corolino. **Ovário** ovóide, bilocular, cada lóculo com um rudimento seminal; estilete terminal, estigma capitado, papiloso. **Fruto** esquizocárpico, levemente obovóide, formado por 2 clusas subconatas, apiculadas, reticulado-estriadas, face adaxial levemente côncava, cálice e estilete persistentes no fruto.

**Comentários:** O gênero *Stachytarpheta* compreende cerca de 133 espécies, das quais 79 ocorrem no Brasil (Atkins, 2005). No Rio Grande do Sul ocorrem apenas duas espécies. *Stachytarpheta laevis* é uma espécie tipicamente litorânea (de Torres a Santa Vitória do Palmar, ocorrendo esporadicamente mais para o interior, até o município de São Francisco de Paula) e foi descrita por Moldenke (1947) com base em material coletado em Porto Alegre e difere de *Stachytarpheta cayennensis*, espécie de ampla distribuição, pela ausência de tricomas em ramos e folhas, raque, bractéolas e cálice. Ainda, as espécies do gênero *Stachytarpheta* são geralmente confundidas com *Bouchea fluminensis* (ver comentário em *B. fluminensis*).

#### **Chave para identificação das espécies do gênero *Stachytarpheta* ocorrentes no estado do Rio Grande do Sul**

1. Planta pilosa, brácteas ciliadas ..... 11. *S. cayennensis*  
 1'. Planta glabra, brácteas inteiras ou muito levemente ciliadas ..... 12. *S. laevis*

**11. *Stachytarpheta cayennensis*** (Rich.) Vahl, Enum. Pl. 1: 208. 1804.

Fig. 13 e 22

**Subarbustos** ou ervas de até 1,70 m de altura. Caule e ramos subtetrágonos a cilíndricos, com tricomas tectores simples (marcadamente pluricelulares unisseriados), esparsos a subdensos. **Folhas** opostas, membranáceas; lâmina 2-11 cm (incluindo o pecíolo) x 0,5-3,8 cm, ovalada a estreito-ovalada até elíptica, ápice agudo, base cuneada a atenuada, às vezes assimétrica, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, ciliada, levemente revoluta ou não, com crenas iguais ou desiguais na mesma folha, crenas iniciando acima de 1/4 ou mais a partir da base; **superfície adaxial** levemente áspera ou não, com tricomas tectores simples

(marcadamente pluricelulares unisseriados), curtos a longos, esparsos a densos, tricomas glandulares subsésseis raros a ausentes, tricomas glandulares pedicelados raros a ausentes, **superfície abaxial** levemente áspera com tricomas simples (marcadamente pluricelulares unisseriados), esparsos a densos sobre a lâmina e margem, mais concentrados sobre as nervuras principal e secundárias, de base rosulada nem sempre visível com lente de até 25x. **Florescências** de até 40,5 cm compr. com flores sésseis, não patentes, em espigas longas, com eixos mais ou menos engrossados, flexuosos e foveolados, com tricomas tectores simples (pluricelulares unisseriados). **Brácteas** 3-6(-7) x 0,6-1,2 mm, lanceoladas, margem escariosa até quase hialina, ciliadas, raros tricomas além dos cílios marginais. **Cálice** 3,5-8(-9) x 1-2 mm, 4 lacínias iguais e agudas com 0,4-0,5 mm compr., lacínia adaxial ausente ou muito reduzida, com sino adaxial de 0,5-0,8 mm compr., geralmente fimbriado; face adaxial escariosa até quase hialina, cálice com tricomas tectores dispostos em faixas longitudinais, na face adaxial menores ou subglabra. **Corola** ca. de 10 mm compr., azul-pálida a azul, com 5 lobos desiguais, os dois superiores maiores e os três inferiores levemente menores, com tricomas glandulares longo-pedicelados internamente, na metade superior do tubo corolino, externamente glabra ou com tricomas glandulares pedicelados nos lobos, tubo ca. de 5,5 mm compr., limbo ca. de 7,5 mm compr. **Estames** 2, férteis, com 1,2 mm compr., com tecas divergentes e desiguais (a maior com ca. de 0,8 mm compr.); 2 estaminódios filiformes, estames inseridos na metade superior do tubo corolino, levemente exsertos. **Ovário** ovóide, 1,2 mm compr., estilete 5 mm compr., estigma capitado, papiloso. **Fruto** 4-6,5 mm compr., levemente obovóide, esquizocárpico, formado por 2 clusas subconatas, apiculadas, reticulado-estriadas, face adaxial levemente côncava.

**Comentários:** *Stachytarpheta cayennensis* difere de *S. laevis* pela presença de tricomas em ramos e folhas, raque, bractéolas e cálice, além de possuir brácteas ciliadas, enquanto que *S. laevis* possui brácteas inteiras ou muito levemente ciliadas. Os tricomas tectores da face adaxial das folhas possuem base rosulada de difícil visualização, geralmente na margem da lâmina encontram-se mais evidentes. Os tricomas glandulares subsésseis e pedicelados são mais facilmente encontrados na base da folha, próximo a nervura principal, mas podem estar nas demais partes da lâmina.

Distribui-se no Alto Uruguai, Campanha, Campos de Cima da Serra, Depressão Central, Encosta do Sudeste, Encosta Inferior do Nordeste, Encosta Superior do Nordeste, Litoral, Missões e Planalto Médio. Não foram encontradas coletas para a Serra do Sudeste, porém é provável que a espécie ocorra nesta formação, pois possui grande plasticidade,

ocorrendo em ambientes iluminados como borda de matas, capoeiras, beira de estradas, sendo também muito cultivada por suas propriedades medicinais. Floresce e frutifica o ano inteiro.

Sob o nome *Stachytarpheta dichotoma* (Ruiz & Pav.) Vahl (= *S. cayennensis*), e nome popular gervão, Pio Corrêa (1926-1984) menciona o uso das folhas como sendo os mesmos referidos para espécies de *Verbena*, e também como anti-hemorroidal e laxativa. Sob o nome popular gervão-roxo o mesmo autor menciona *Valerianoides cayennensis* (Rich.) Kuntze (= *S. cayennensis*), no combate às dores do peito e estômago, como estimulante, sudorífica, febrífuga, diurética, e para lavar úlceras. Também é cultivada como ornamental (Lorenzi & Souza, 1999).

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Barra do Ribeiro**, 25/X/2005, fl., E.A. Barp s.n. (ICN 142175); **(Derrubadas) P.E. Turvo**, 17/III/1977, fl.fr., K. Hagelund 11359 (ICN); **Feliz**, 10/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 182 (ICN); **General Câmara**, 28/III/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 197 (ICN); **Giruá**, II/1964, fl.fr., K. Hagelund 1839 (ICN); **Guaíba**, 12/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 140 (ICN); **Itaroqué**, 25/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 126 (ICN); **Machadinho**, 18/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 153 (ICN); **Maquiné**, 2/XII/2008, fl.fr., G.H. Silveira 720 (ICN); **(Maquiné), Barra do Ouro**, 3/II/2002, fl.fr., E.N. Garcia *et al.* 738 (ICN); **Nonoai**, III/1945, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 28375); **Osório**, 20/X/1991, fl.fr., I.A. dos Santos s.n. (MPUC 10721); **Pelotas**, 1953, fl.fr., D. Boeira s.n. (HAS 87879); **Porto Alegre**, 2008, fl.fr., P.C. Crespam & A.C. Fernandes 200 (ICN); **idem**, 16/II/2010, fl.fr., P.C. Crespam & G.A. Dettke 199 (ICN); **Quaraí**, I/1945, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 26166); **Santo Ângelo**, 18/II/1941, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 4683); **São João do Polêsine**, 20/I/2000, fl.fr., R. Záchia *et al.* 4101 (SMDB); **São Borja**, 7/XI/1988, fl.fr., Equipe Campo Projeto UHE Garabi s.n. (MPUC 7891); **São Sepé**, 20/III/1978, fl.fr., J. Vasconcellos s.n. (ICN 43019); **Torres**, 7/II/1975, fl.fr., K. Hagelund 8502 (ICN); **Vespasiano Corrêa**, 17/II/2006, fl.fr., E. Mundeleski s.n. (HVAT 1843).

## 12. *Stachytarpheta laevis* Moldenke, Phytologia 2: 269. 1947.

Fig. 14 e 23

**Subarbustos** a ervas de até 1,10 m de altura. Caule e ramos subtetrágonos a cilíndricos, glabros. **Folhas** opostas, membranáceas; lâmina 2-10 cm (incluindo o pecíolo) x 1-3,5 cm, ovalada a estreito-ovalada até elíptica, ápice agudo, base cuneada a atenuada, às vezes assimétrica, decurrente no pecíolo, margem crenado-serrada, levemente revoluta ou não, com

crenas iguais ou desiguais na mesma folha, crenas iniciando acima de 1/4 ou mais a partir da base; **superfícies adaxial e abaxial** glabras. **Florescências** de até 55 cm compr., com flores sésseis, não patentes, em espigas longas, com eixos mais ou menos engrossados, flexuosos e foveolados, raque glabra. **Brácteas** (4-5)5,5-8 x 0,8-2 mm, lanceoladas, glabras, margem escariosa até quase hialina, inteira ou muito levemente ciliada. **Cálice** (6-)7-9 x 1,2-2 mm, 4 lacínias subiguais (com (0,5-)0,7-1,2 mm compr.), e uma lacínia adaxial reduzida ou ausente, sino adaxial (0,6-0,8)1-1,6 mm compr., cálice glabro. **Corola** 12-15 mm compr., azul-pálida a azul, com 5 lobos desiguais, os dois superiores maiores e os três inferiores levemente menores, tricomas glandulares longo-pedicelados internamente, na metade ou 2/3 superiores do tubo, externamente com tricomas glandulares pedicelados nos lobos, tubo ca. de 9 mm compr., limbo ca. de 9 mm compr. **Estames** 2, férteis, com 1,2-2 mm compr., tecas divergentes e desiguais (com ca. de 0,6-0,8 mm compr.), 2 estaminódios filiformes, estames inseridos no 1/4 superior do tubo corolino, levemente exsertos. **Ovário** ovóide, 1,6-1,8 mm compr., estilete 8-8,5 mm compr., estigma capitado, papiloso. **Fruto** 5-5,5mm compr., levemente obovóide, esquizocárpico, formado por 2 clusas subconatas, apiculadas, reticulado-estriadas, face adaxial levemente côncava.

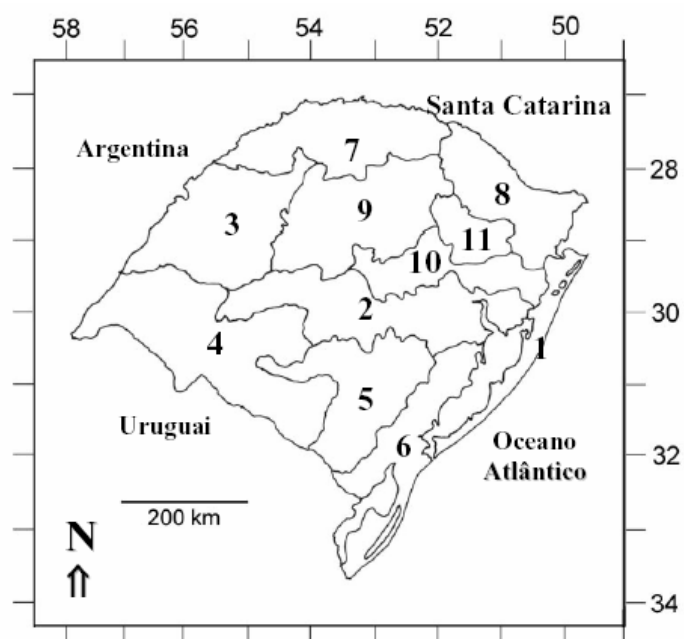
**Comentários:** Moldenke descreveu *Stachytarpheta laevis* em 1947, para designar indivíduos glabros daqueles pilosos, aceitos por ele como *S. cayennensis*. Atkins em seu trabalho recente “The genus *Stachytarpheta* (Verbenaceae) in Brazil” (2005) adotou a circunscrição de Moldenke para separar *S. cayennensis* de *S. laevis* pelo indumento (ver comentários em *S. cayennensis*). Neste trabalho resolvemos seguir esses autores após analisar a distribuição geográfica de *S. laevis*, que fica restrita a regiões próximas do litoral do Estado (apesar de haver uma coleta para o município de São Francisco de Paula).

Distribui-se nas regiões fisiográficas dos Campos de Cima da Serra (apenas no município de São Francisco de Paula), Depressão Central, Encosta do Sudeste, Encosta Inferior do Nordeste e Litoral. Ocorre em ambientes iluminados como borda de matas, capoeiras, beira de estradas, sendo também cultivada por suas propriedades medicinais. Floresce e frutifica de setembro a junho.

Material selecionado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Barra do Ribeiro**, 15/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 190 (ICN); **Guaíba**, 12/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam 137 (ICN); **Osório**, 14/XII/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 44716); **Pelotas**, 10/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 80 (ICN); **idem**, 10/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 83 (ICN); **Porto Alegre**,

20/V/1980, fl.fr., O. Bueno 2504 (HAS); **idem**, 17/IV/1986, fl.fr., M. Neves 639 (HAS); **idem**, 2008 , fl.fr., P.C. Crespam & A.C. Fernandes 201 (ICN); **Rio Grande**, 24/IV/1981, fl.fr., C. Pereira s.n. (HURG 115); **Santa Vitória do Palmar**, 17/III/2008, fl.fr., L. Crippa 115 (HUCS); **São Francisco de Paula**, 16/II/2003, fl.fr., R. Wasum 1763 (HUCS); **São Leopoldo**, 12/IV/1993, fl.fr., L. Bergamaschi s.n. (PACA 95215); **idem**, 4/X/2004, fl., L. Miguens s.n. (PACA 91018); **Sapucaia do Sul**, 10/XI/1991, fl.fr., R.A. Záchia 470 (ICN); **Taquara**, 20/XII/1978, fl.fr., G.C. Hiltl 832 (MPUC); **Torres**, 04/II/1984, fl., K. Hagelund 15025 (ICN); **idem**, 9/XII/1986, fl.fr., J. Guaranha 93 (HAS); **Viamão**, 5/XI/1985, fl.fr., M. Hoffmann s.n. (MPUC 2671).

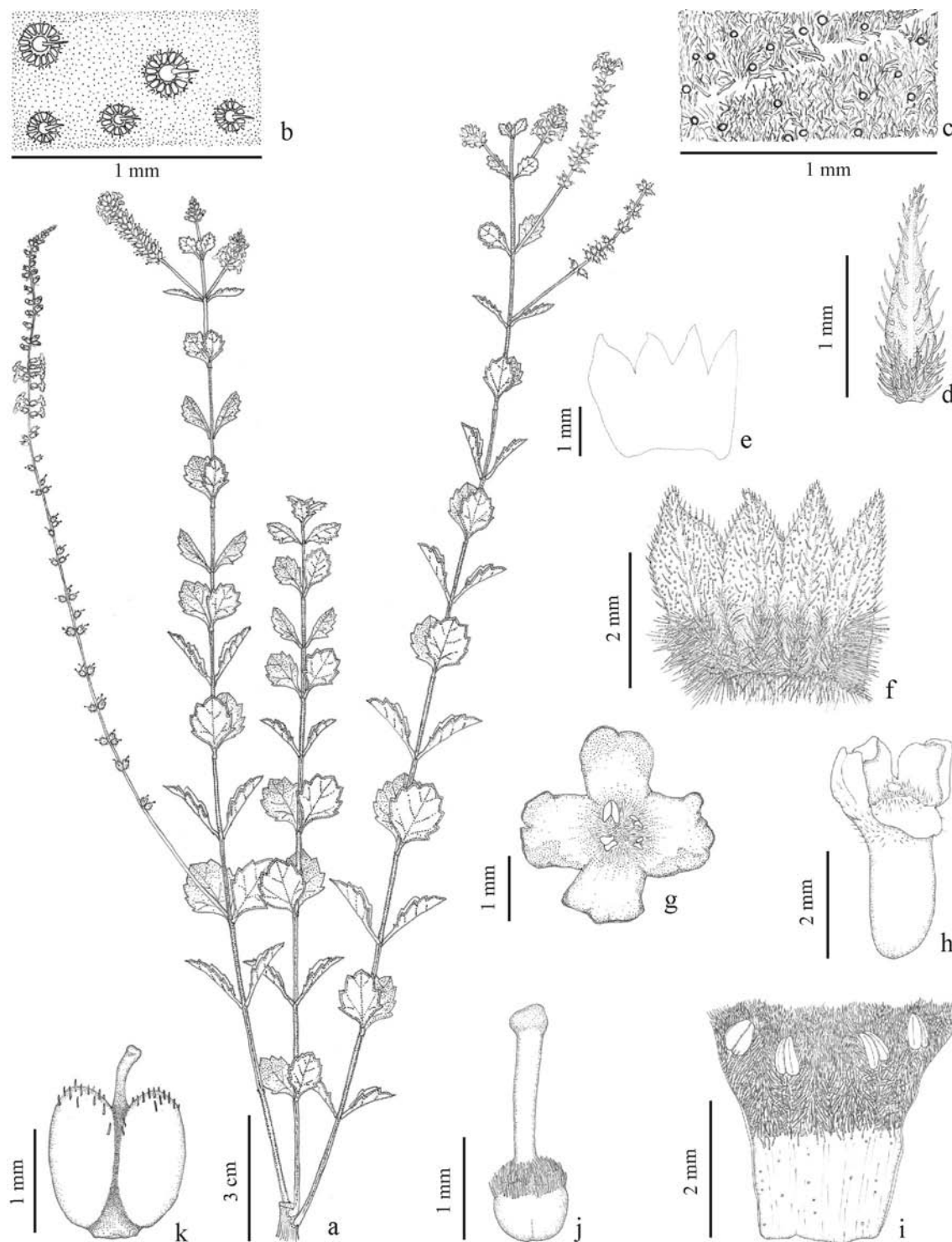




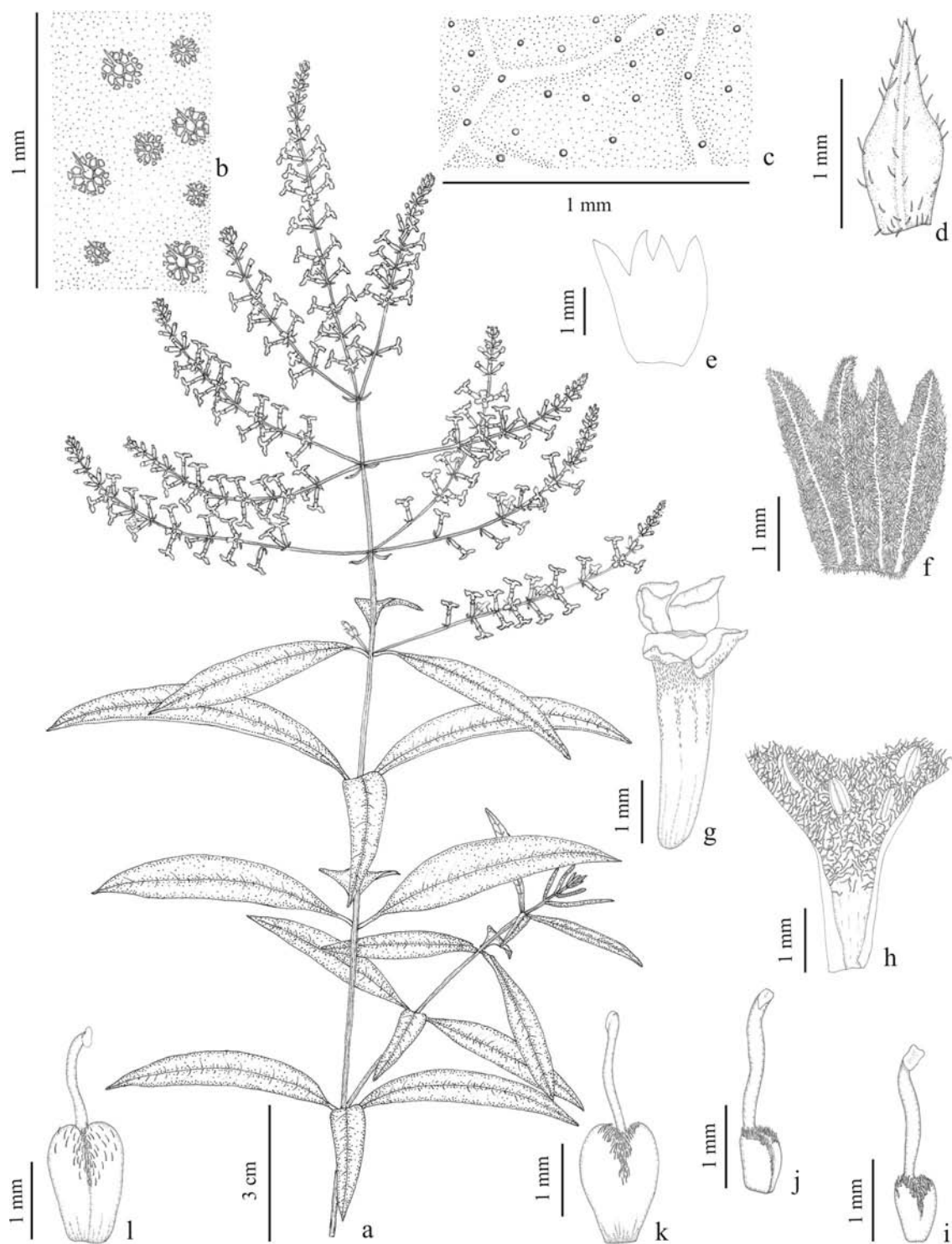
**Figura 1** - Regiões Fisiográficas do Rio Grande do Sul, Brasil segundo Fortes (1959).  
 Legenda: 1. Litoral; 2. Depressão Central; 3. Missões; 4. Campanha; 5. Serra do Sudeste; 6. Encosta do Sudeste; 7. Alto Uruguai; 8. Campos de Cima da Serra; 9. Planalto Médio; 10. Encosta Inferior do Nordeste; 11. Encosta Superior do Nordeste.



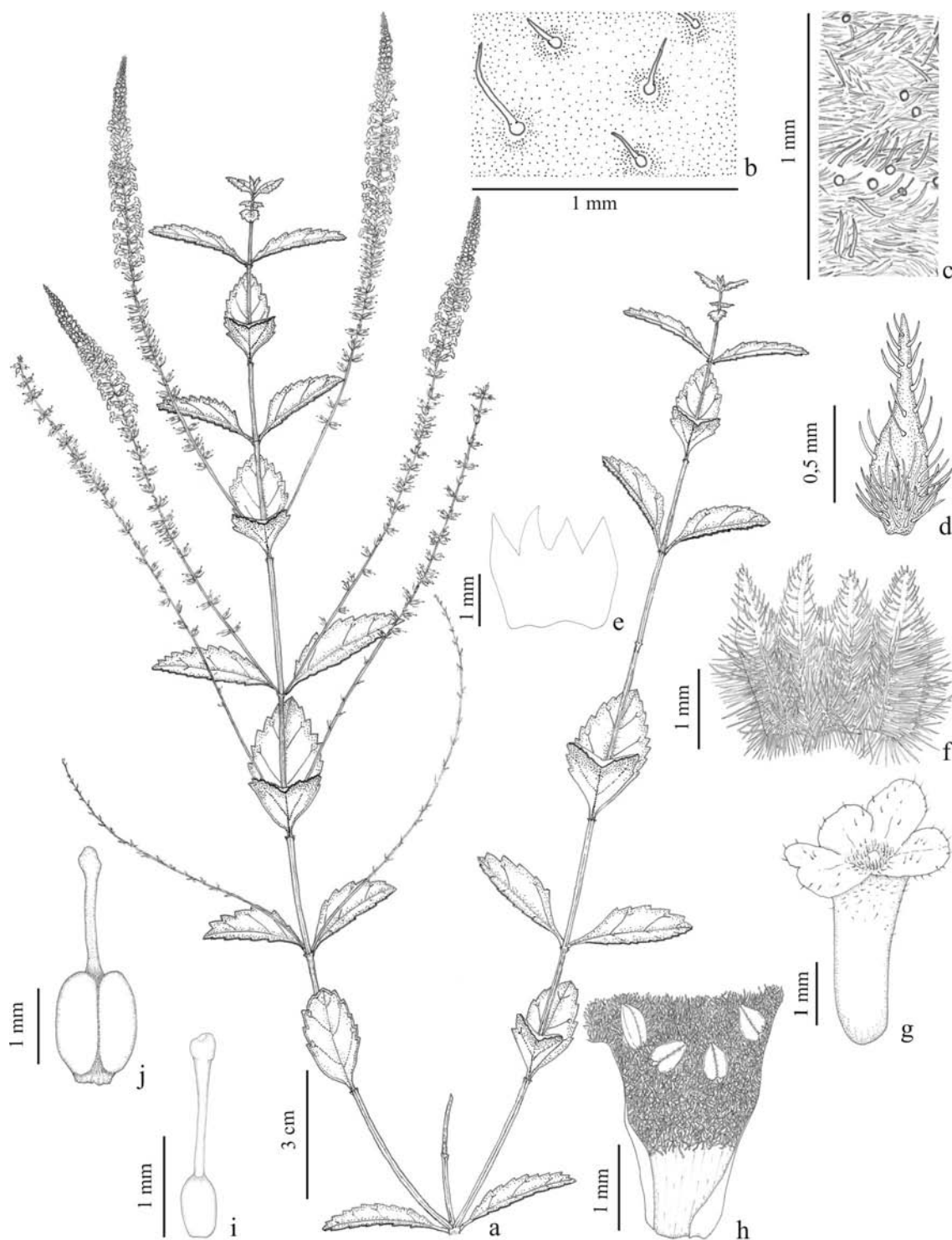
**Figura 2** - Foto do isótipo de *Aloysia ternifolia* Moldenke (= *A. dusenii* Moldenke), Paraná, Itaiacoca pr. Ponta Grossa, P.K.H. Dusén 4228, 17/III/1904 NY



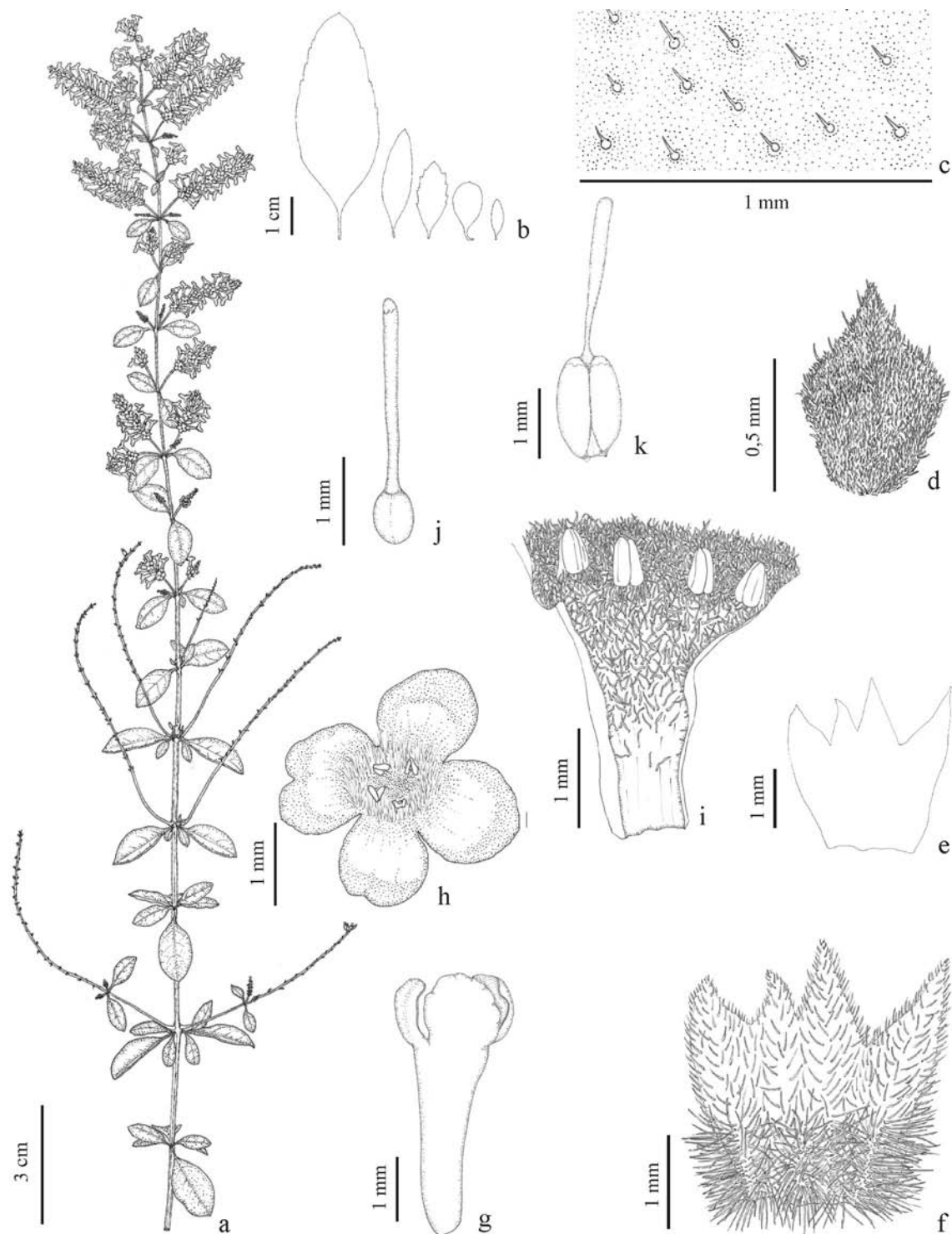
**Figura 3** - *Aloysia chamaedryfolia* Cham.: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (esquema); f. cálice; g. corola em vista frontal; h. corola em vista lateral; i. corola aberta mostrando estames; j. gineceu; k. fruto. (a Girardi-Deiro et al. s.n. CNPO 1100; P.C. Crespam et al. 169; b-c A.M. Girardi-Deiro et al. 1757; d G.A. Dettke 242 & P.P.A. Ferreira; e,f O. Bueno et al. 4230; g-j G.A. Dettke & L.F. Lima 555; k A. Knob et al. 6682)



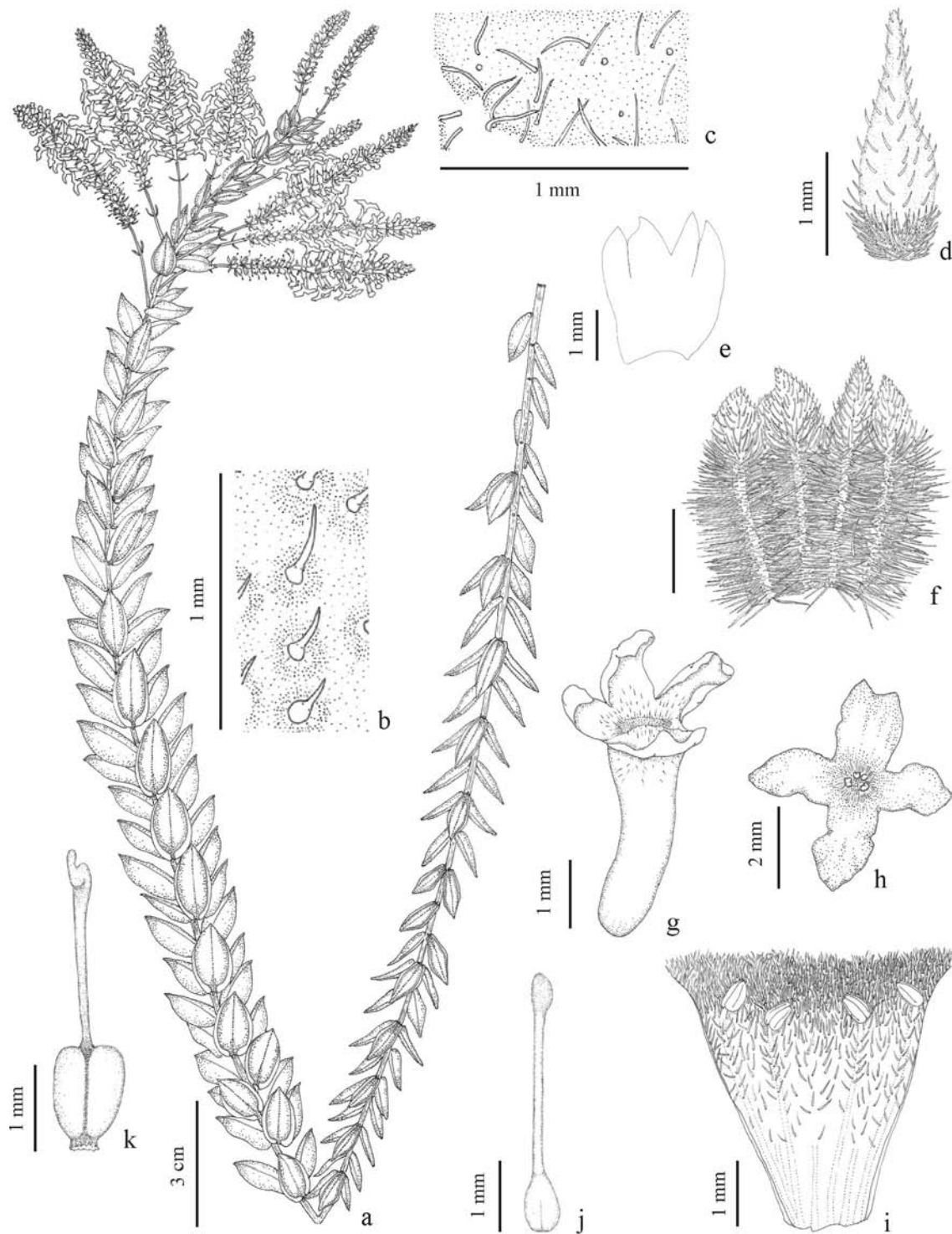
**Figura 4** - *Aloysia citrodora* Palau: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (esquema); f. cálice; g. corola em vista lateral; h. corola aberta mostrando estames; i. gineceu vista face abaxial; j, gineceu vista lateral; k-l. fruto. (a-c V. Koch s.n. PACA 95182; d,i,j G.S. Vendruscolo 224; e,f,h C.J. Steffen s.n. PACA 95183; g,k,l C. Becker s.n. HVAT 2016)



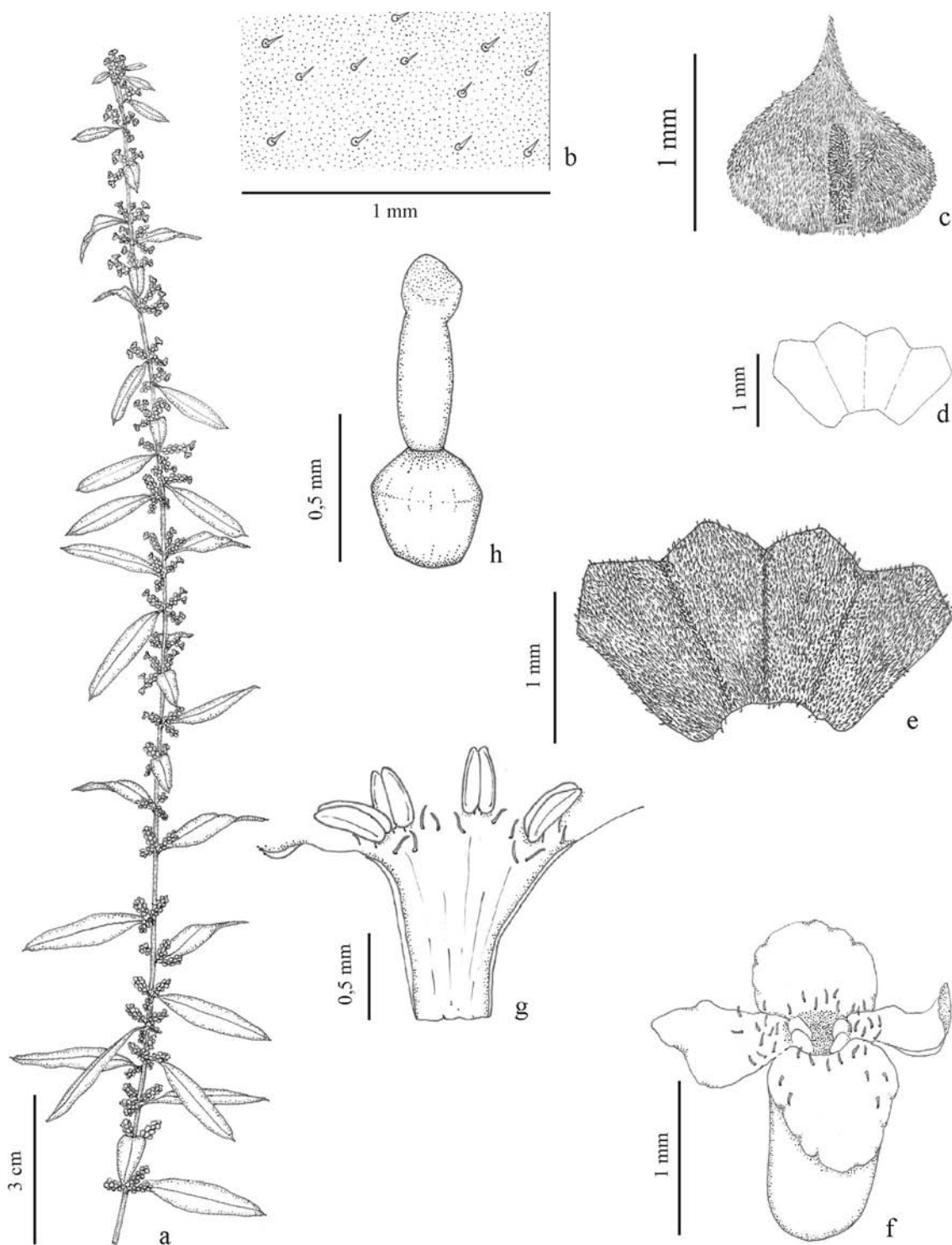
**Figura 5** - *Aloysia hatschbachii* Moldenke: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (esquema); f. cálice; g. corola em vista lateral; h. corola aberta mostrando estames; i. gineceu; j. fruto. (a,c,e,f *K. Emrich s.n. PACA 29993*, *K. Emrich s.n. PACA 33313*; b,d,h,i *K. Emrich s.n. PACA 28763*; g,j *G. Pabst 6381 & E. Pereira 6554*)



**Figura 6** - *Aloysia lycioides* Cham.: a. porção apical de um ramo; b. dimensão e formato das folhas encontradas na espécie (esquema); c. detalhe da superfície adaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (esquema); f. cálice; g. corola em vista laterak; h. corola em vista frontal; i. corola aberta mostrando estames; j. gineceu; k. fruto. (a,d,g-i P.C. Crespam et al. 164; c R. Záchia 78; e,f,j,k M. Sobral & P. Brack s.n. ICN 51087)

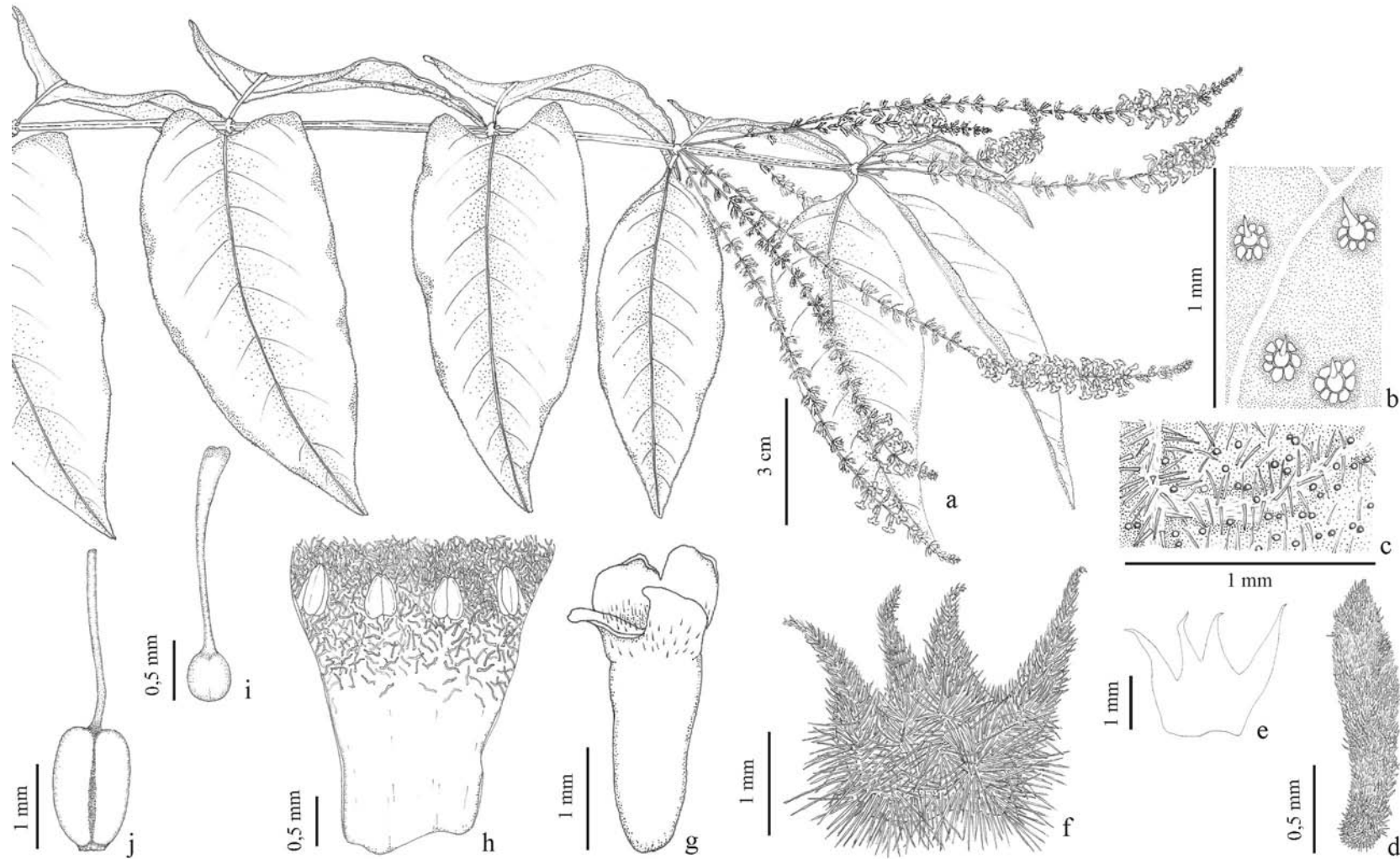


**Figura 7** - *Aloysia polygalifolia* Cham.: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (esquema); f. cálice; g. corola em vista lateral; h. corola em vista frontal; i. corola aberta mostrando estames; j. gineceu; k. fruto. (a P.C. Crespam et al. 139; b-c K. Hagelund 59; d-f,j M.L. Abruzzi 1674; g-i P.C. Crespam et al. 73; k J.R. Stehmann 708)

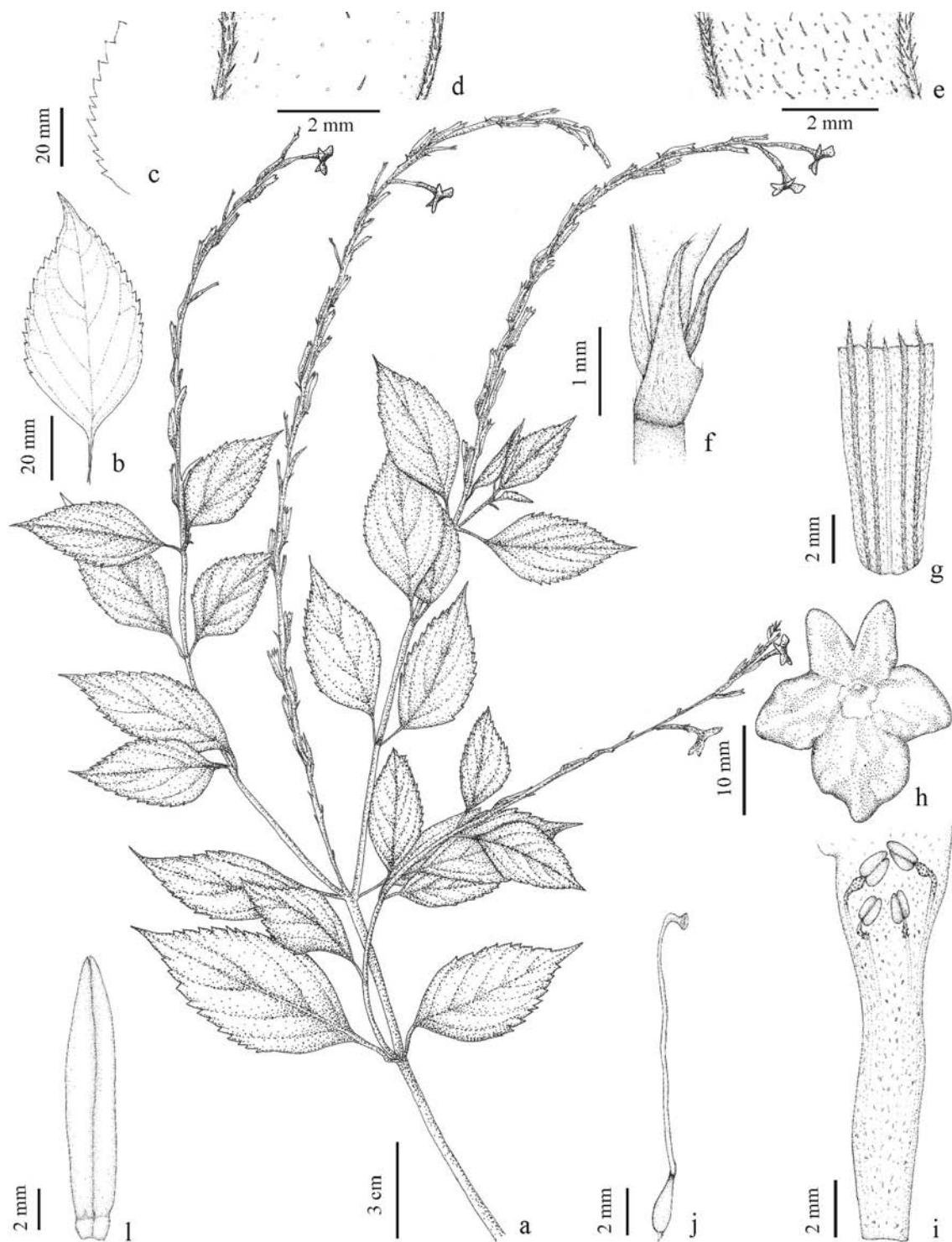


**Figura 8** - *Aloysia polystachya* (Griseb.) Moldenke: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. bráctea; d. cálice (esquema); e. cálice; f. corola em vista lateral; g. corola aberta mostrando estames; h. gineceu. (a-h A. Alvarez s.n. ICN 157226, PEL 17313)

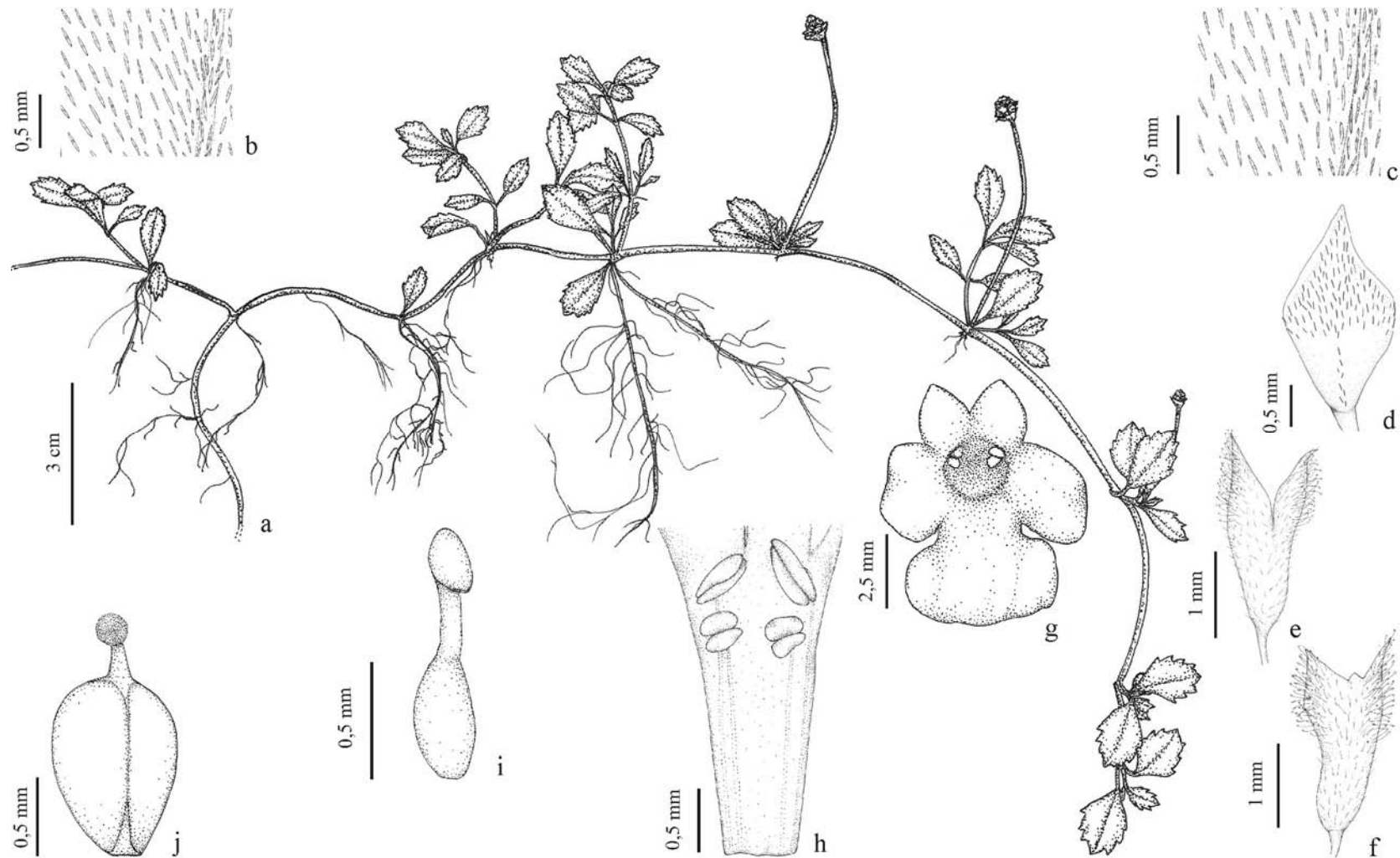




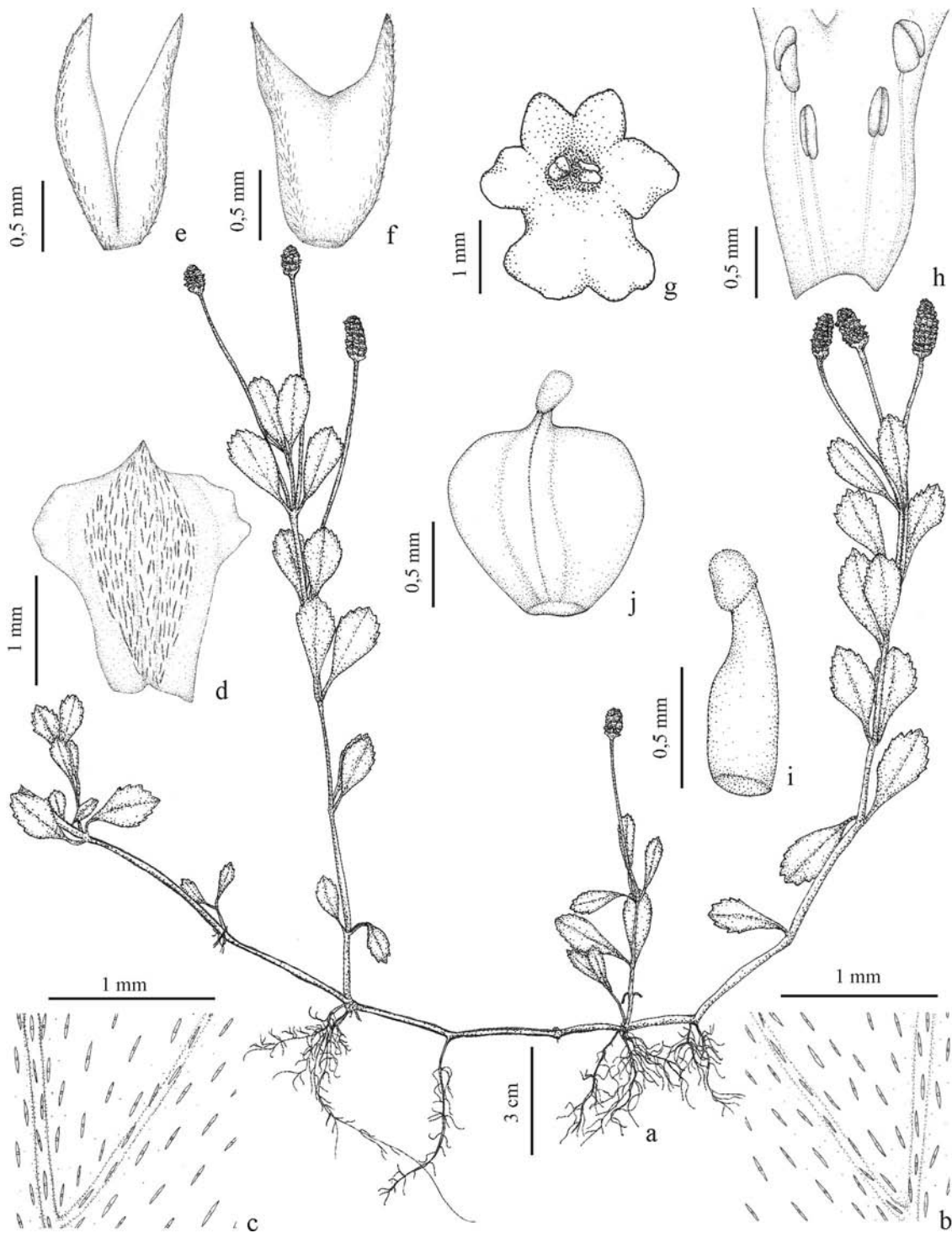
**Figura 9** - *Aloysia virgata* (Ruiz & Pav.) Pers.: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (esquema); f. cálice; g. corola em vista lateral; h. corola aberta mostrando estames; i. gineceu; j. fruto. (a *B. Rambo* s.n. PACA 9395, *F.R. Machado* s.n. HARS 1017; b *K. Hagelund* 5400; c,e,f,h,i *P. Brack* s.n. ICN 47725; d,g *N. Silveira* 8867; j *M. Molz* s.n. ICN 161927).



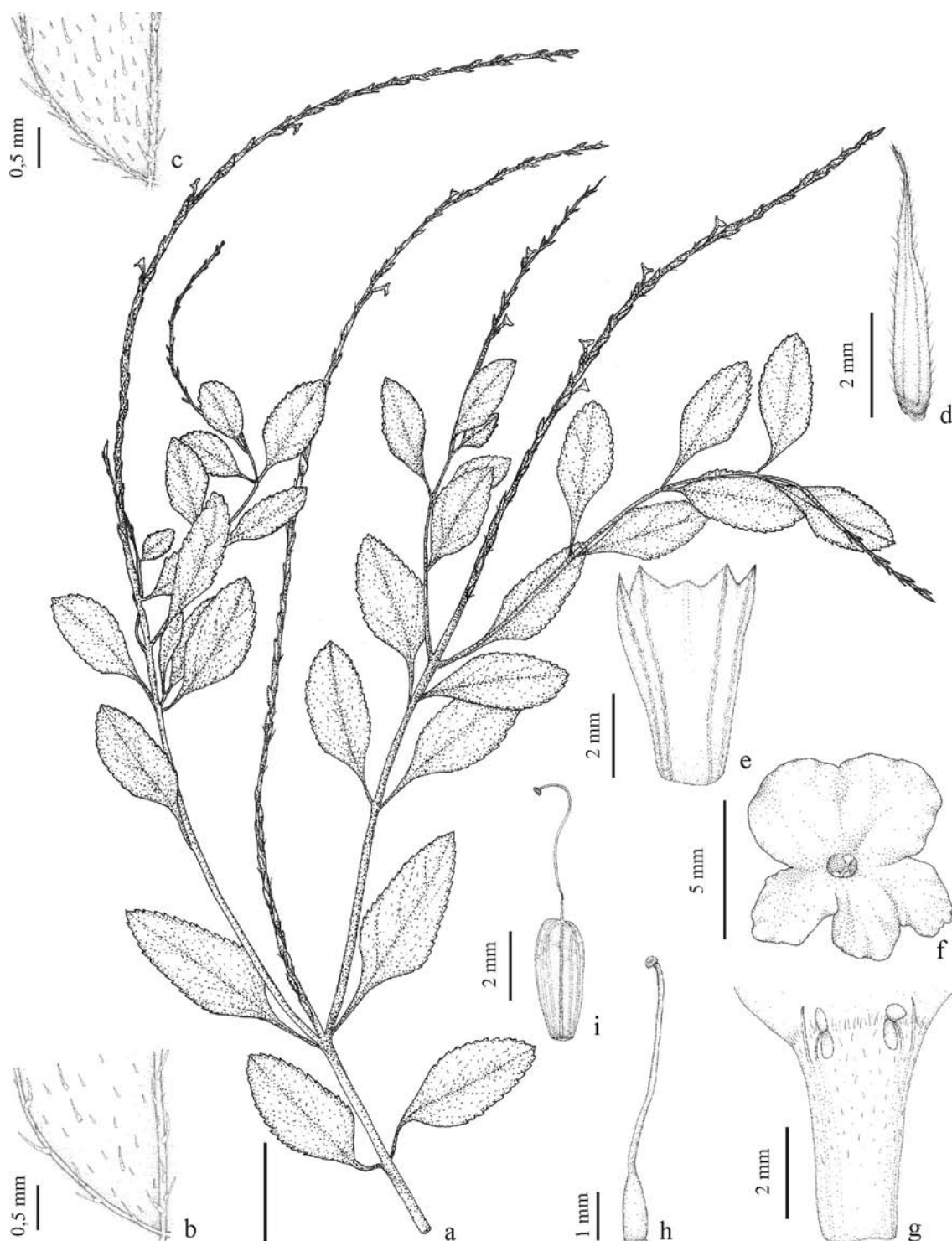
**Figura 10** - *Bouchea fluminensis* (Vell.) Moldenke: a. porção apical de um ramo; b. folha face abaxial; c. detalhe da margem da folha; d. detalhe da superfície adaxial da folha; e. detalhe da superfície abaxial da folha; f. bráctea e bractéolas; g. cálice; h. corola em vista frontal; i. corola aberta mostrando estames; j. gineceu; l. fruto. (a,b,f,g,j P.C. Crespam et al. 183; c. I.A. dos Santos s.n. MPUC 10723; d,e J.A. Jarenkow et al. 1961; h,i P.C. Crespam 181; l P.C. Crespam et al. 63).



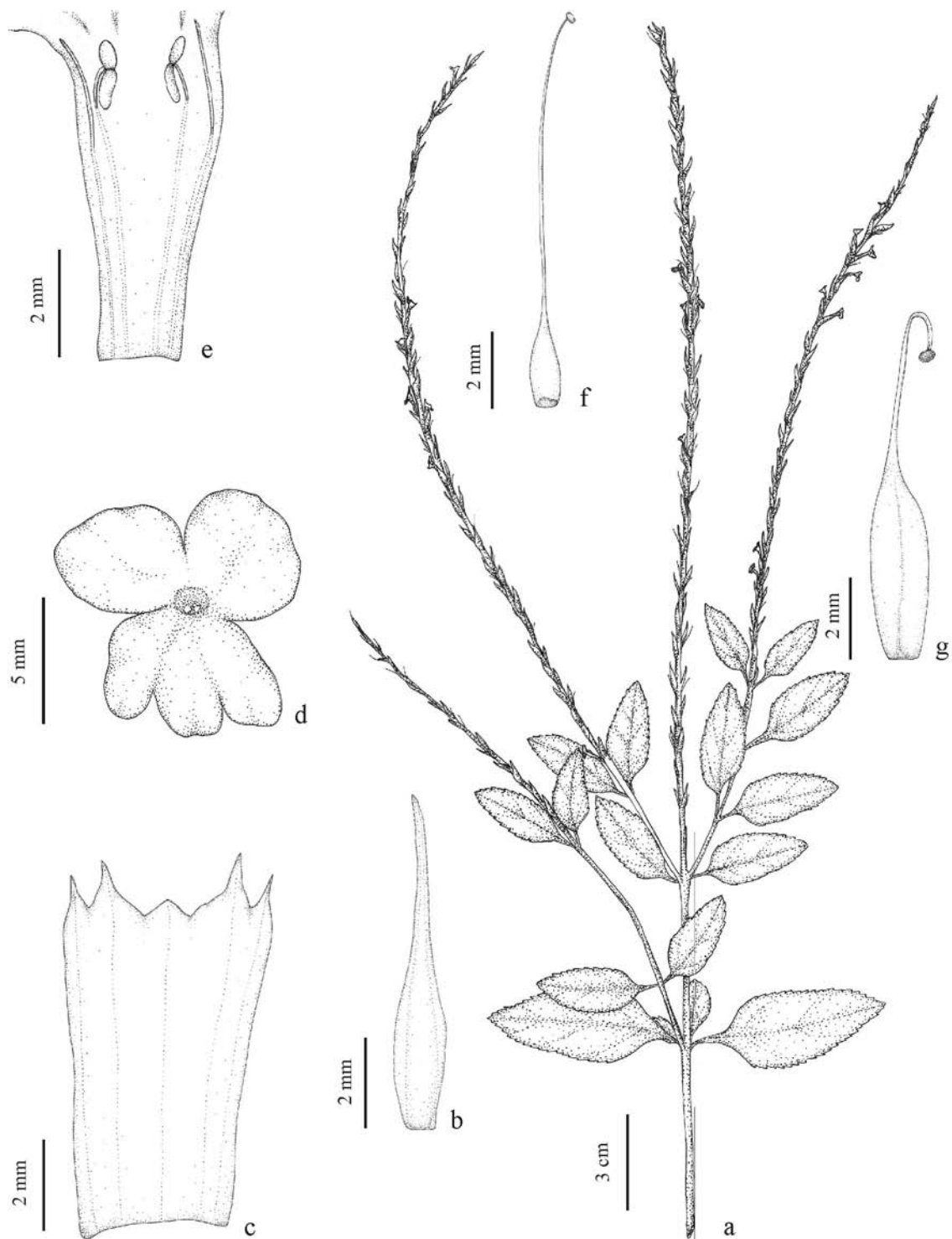
**Figura 11** - *Phyla canescens* (Kunth) Greene: a. hábito; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (face abaxial); f. cálice (face adaxial) g. corola em vista frontal; h. corola aberta mostrando estames; i. gineceu; j. fruto. (a-c,j P.C. Crespam et al. 96, P.C. Crespam et al. 106; d,g,h M. Grings & R. Paniz 993; e,f,i E.N. Garcia 621)



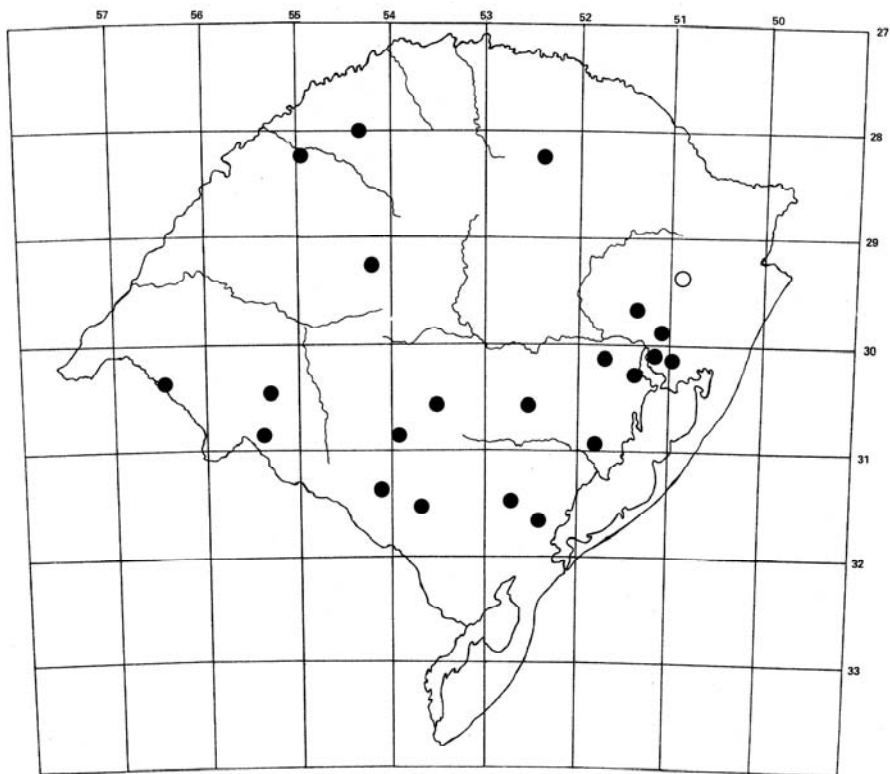
**Figura 12** - *Phyla reptans* (Kunth) Greene: a. hábito; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice (face abaxial); f. cálice (face adaxial); g. corola em vista frontal; h. corola aberta mostrando estames; i. gineceu; j. fruto. (a,j *Irmão Ary 19*; b,c,g,h *P.C. Crespam et al. 118*; d,e,f,i *G. Grazziotin s.n. HUCS 7467*)



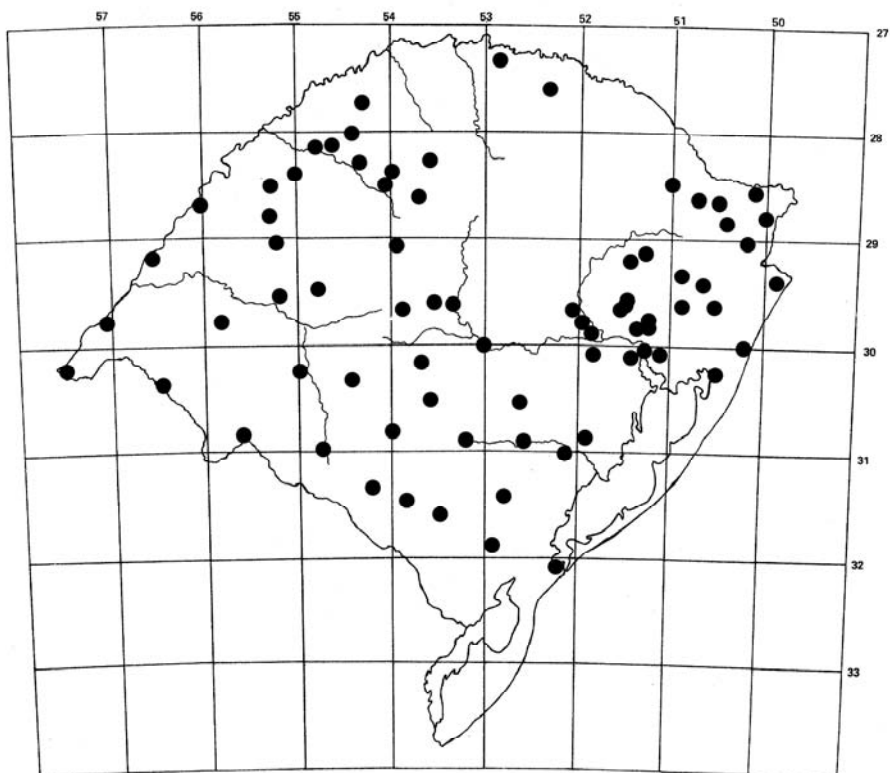
**Figura 13** - *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl: a. porção apical de um ramo; b. detalhe da superfície adaxial da folha; c. detalhe da superfície abaxial da folha; d. bráctea; e. cálice; f. corola em vista frontal; g. corola aberta mostrando estames; h. gineceu; i. fruto. (a R. Záchia et al. 4101; b,c I.A. dos Santos s.n. MPUC 10721, d,e,i P.C. Crespam et al. 140; f,g P.C. Crespam 199 & G.A. Dettke; h P.C. Crespam et al. 153).



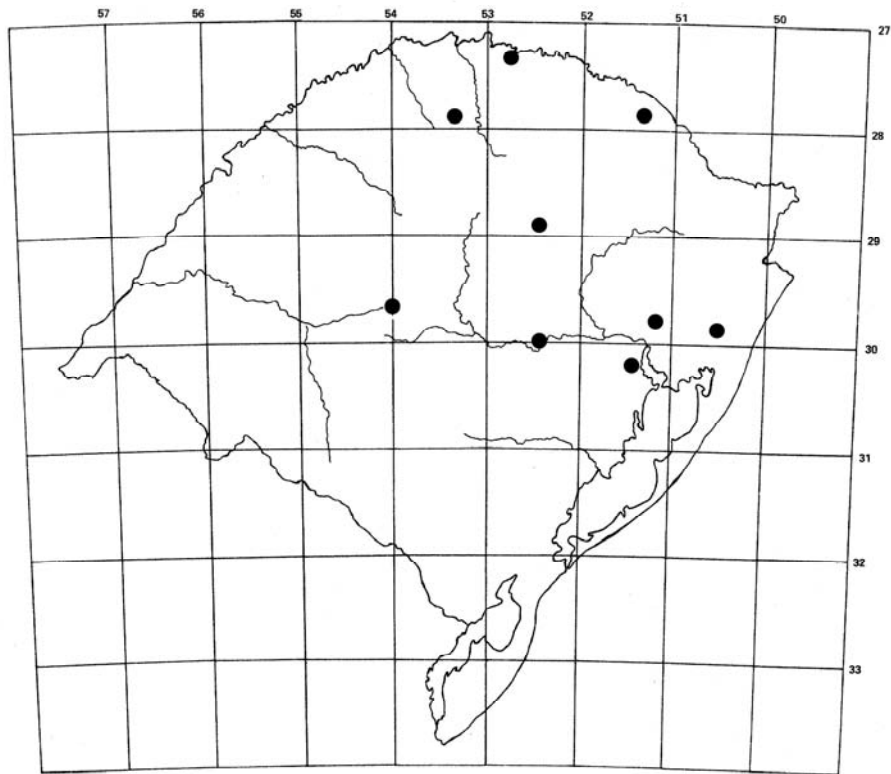
**Figura 14** - *Stachytarpheta laevis* Moldenke: a. porção apical de um ramo; b. bráctea; c. cálice; d. corola em vista frontal; e. corola aberta mostrando estames; f. gineceu; g. fruto. (a G.C. Hiltl 832; b,c P.C. Crespam et al. 83; d-f P.C. Crespam et al. 80; g L. Bergamaschi s.n. PACA 95215).



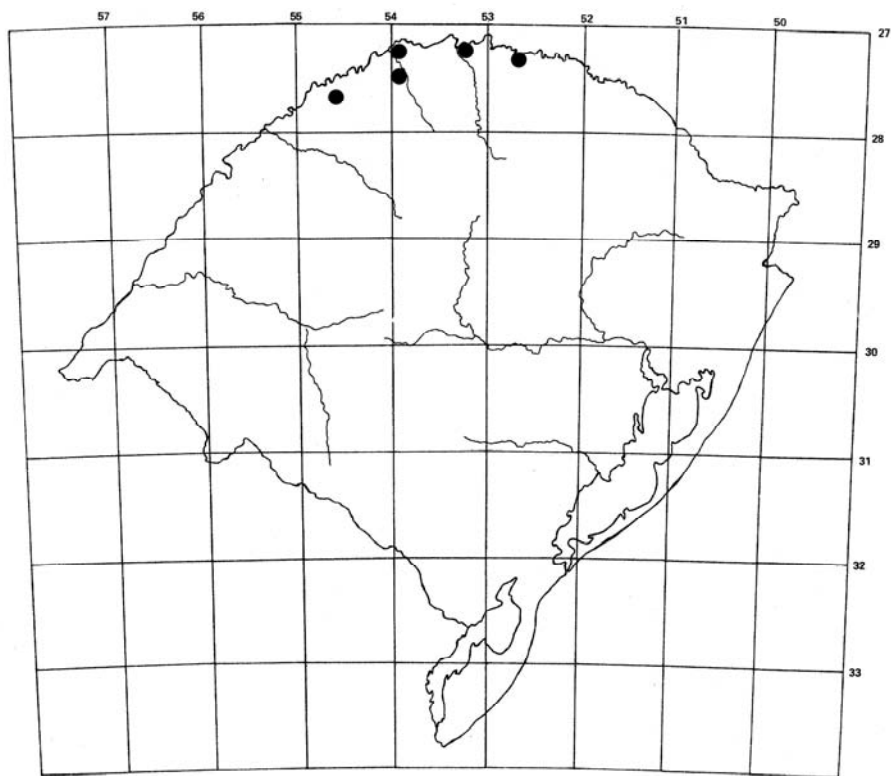
**Figura 15** – Mapa de ocorrência de *Aloysia chamaedryfolia* Cham. (pontos pretos) e *Aloysia hatschbachii* Moldenke (ponto branco)



**Figura 16** – Mapa de ocorrência de *Aloysia lycioides* Cham.

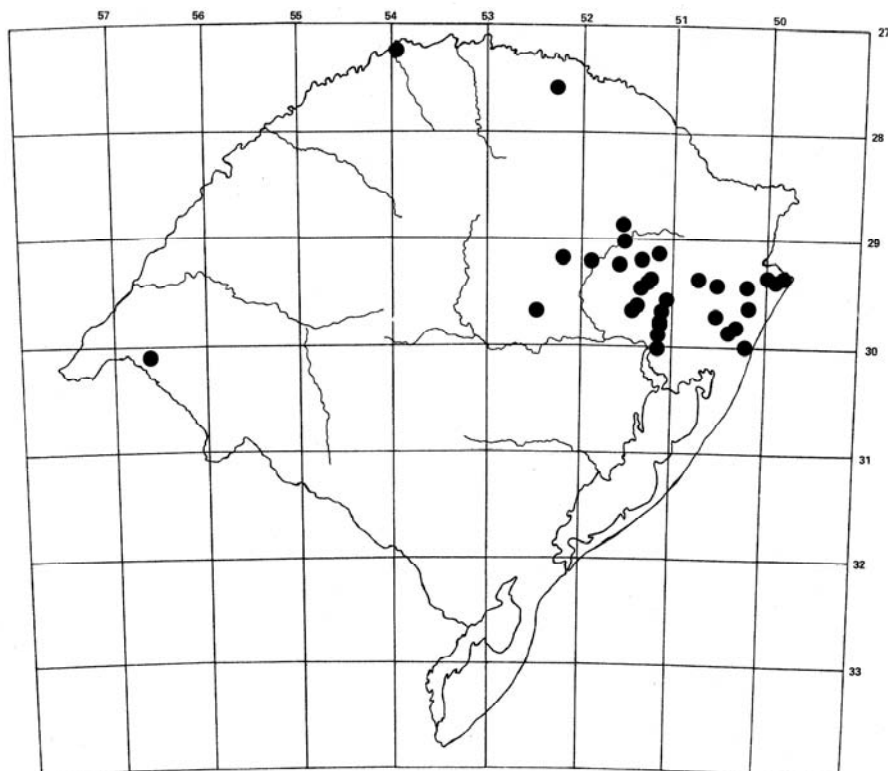


**Figura 17** – Mapa de ocorrência de *Aloysia polygalifolia* Cham.

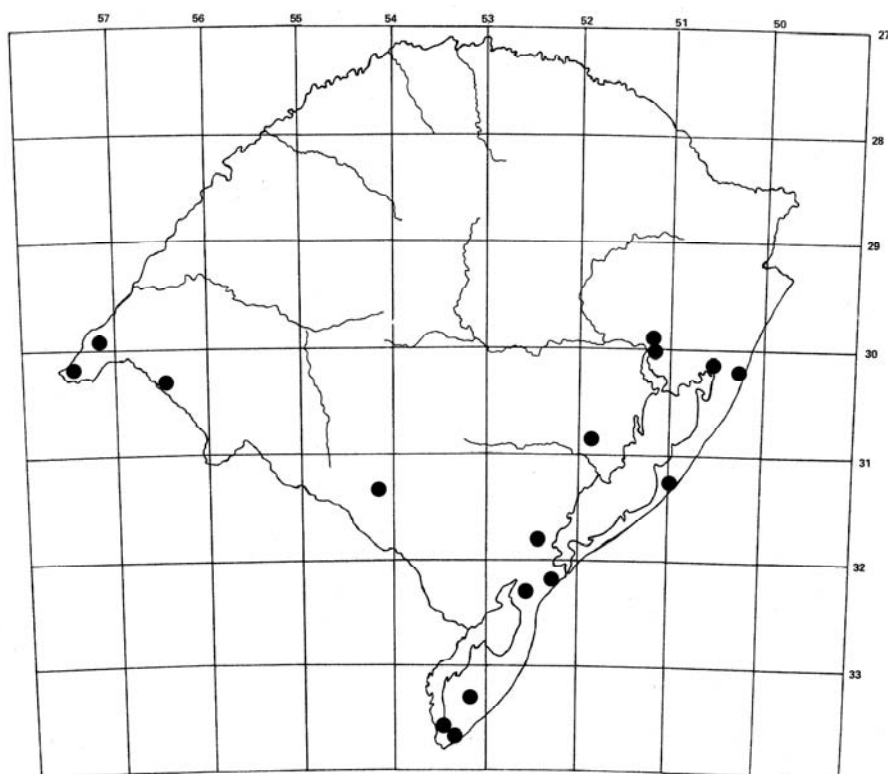


**Figura 18** – Mapa de ocorrência de *Aloysia virgata* (Ruiz & Pav.) Pers.

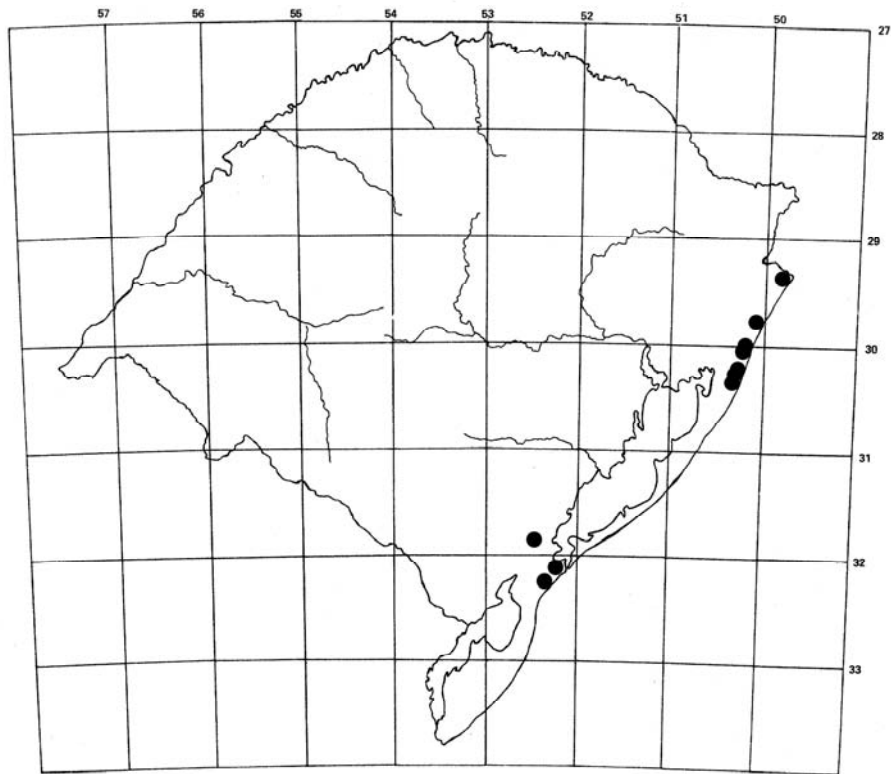




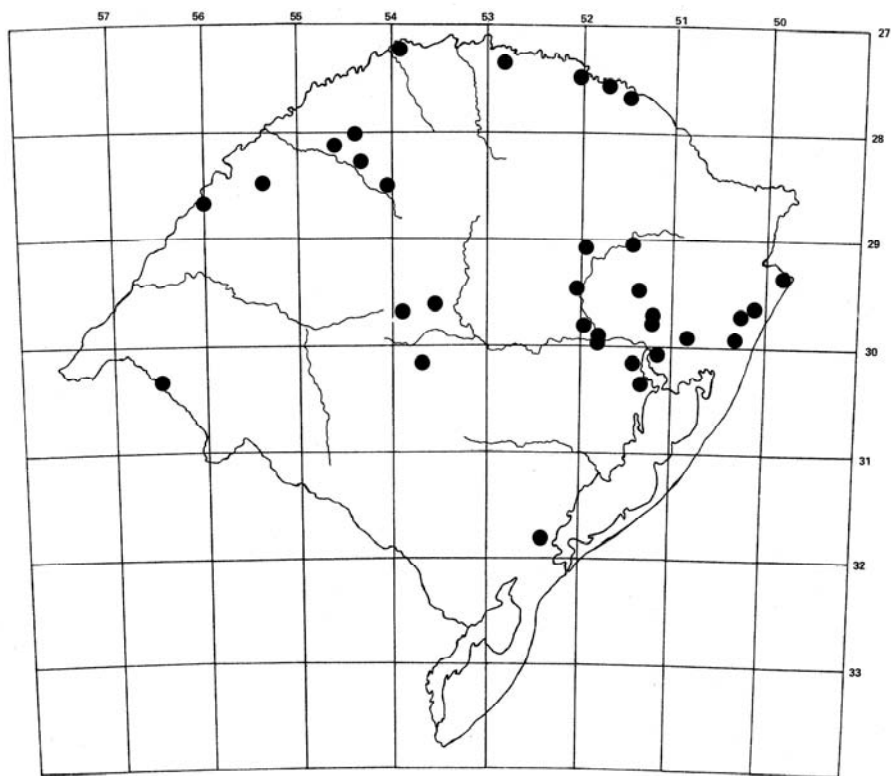
**Figura 19** – Mapa de ocorrência de *Bouchea fluminensis* (Vell.) Moldenke



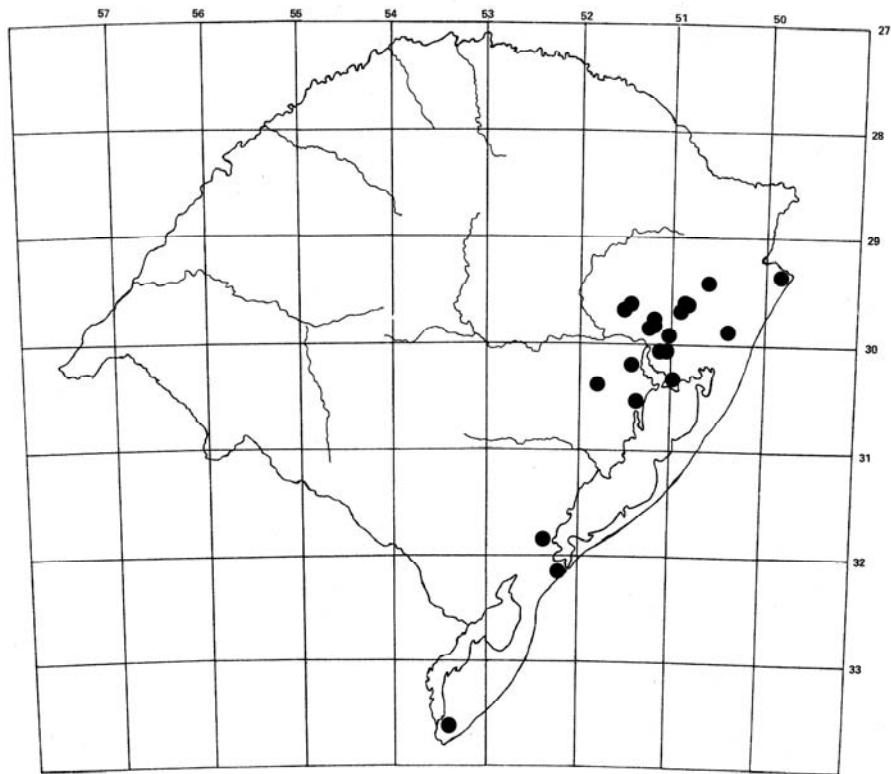
**Figura 20** – Mapa de ocorrência de *Phyla canescens* (Kunth) Greene



**Figura 21** – Mapa de ocorrência de *Phylla reptans* (Kunth) Greene



**Figura 22** – Mapa de ocorrência de *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl



**Figura 23** – Mapa de ocorrência de *Stachytarpheta laevis* Moldenke

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARMADA, J. & BARRA, A. 1992. On *Aloysia* Palau (Verbenaceae). **Taxon** 41: 88-90.
- ATKINS, S. 2004. Verbenaceae. In: SMITH, N. *et al.* **Flowering plants of the Neotropics**. The New York Botanical Garden, New Jersey.
- ATKINS, S. 2005. The genus *Stachytarpheta* (Verbenaceae) in Brazil. **Kew Bulletin** 60: 161-272.
- AUGUSTO, Irmão. 1946. **Flora do Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial. 639p.
- BARBOZA, G.E.; CANTERO, J.J.; NUÑEZ, C.O.; ARIZA ESPINAR, L. (eds.) 2006. **Flora medicinal de la Provincia de Córdoba (Argentina)** – pteridófitas y antófitas silvestres o naturalizadas. Córdoba, Museo Botánico. 1264p.
- BENTHAM, G. 1876. Verbenaceae, in G. Bentham. & W.J Hooker (eds.). **Genera Plantarum** 2. Reeve & Co. London. 1131-1160. Disponível em <<http://www.botanicus.org/page/658293>>. Capturado em 17 de agosto de 2008.
- BOTTA, S.M. 1979. Las especies argentinas del género *Aloysia* (Verbenaceae). **Darwiniana** 22(1-3): 67-108.
- BRIQUET, J. 1895. Verbenaceae. Pp 132-182. In: A. ENGLER & K. PRANTL (eds.). **Natürlichen Pflanzenfamilien** 4, v. 3a. Leipzig, W. Engelmann.
- CANTINO, P.D. 1992. Evidence for a polyphyletic origin of the Lamiaceae. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 79: 361—379.
- FONT QUER, P. 1978. **Plantas medicinales: el Dioscórides renovado**. Barcelona: Ed. Labor.
- FORTES, A.B. 1959. **Geografia física do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo.

GARLET, T.M.B. 2000. **Levantamento das plantas medicinais utilizadas no município de Cruz Alta, RS, Brasil**. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado -Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 220p.

HOLMGREN, P.K.; HOLMGREN, N.H. 2010. **Index Herbariorum on the internet**. Disponível em <<http://sciweb.nybg.org/science2/IndexHerbariorum.asp>>. Capturado em 26 maio de 2010.

JUDD, W.S.; CAMPBELL, C.S.; KELLOGG, E.A.; STEVENS, P.F.; DONOGHUE, M.J. 2009. **Sistemática Vegetal: um enfoque filogenético**. 3 ed. Porto Alegre, Artmed.

JUSSIEU, A.L. 1806. **Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle** 7:73.

LORENZI, H. & MATOS, F.J.A. 2002. **Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas**. Instituto Plantarum, Nova Odessa, 512p.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. 1999. **Plantas ornamentais do Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 2. ed. Nova Odessa: Plantarum. 1088 p.

KUBO, R.R. 1997. **Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS**. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 163p.

MARODIN S.M., BAPTISTA L.R.M., MENTZ L.A. 2003. **Plantas utilizadas na medicina popular do município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

MENTZ, L.A.; LUTZENBERGER, L.C.; SCHENKEL, E.P. 1997. Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: notas sobre a obra de D'Ávila (1910). Porto Alegre, **Caderno de Farmácia** 13(1): 25-47.

MOLDENKE, H.N. 1940. A monograph of the genus *Bouchea*. II. **Repertorium specierum novarum regni vegetabilis** 49: 91-139.

MOLDENKE, H. 1947. Notes on new and noteworthy plants, III. **Phytologia** 2: 369.

MÚLGURA, M.E. 2007. Verbenaceae. In: **Catálogo de las Plantas Vasculares de la República Argentina. II.** p. 1-34. Disponível em <[www.darwin.edu.ar/Publicaciones/CatalogoVascII/CatalogoVascII.asp](http://www.darwin.edu.ar/Publicaciones/CatalogoVascII/CatalogoVascII.asp)>. Capturado em 20 de julho de 2008.

MÚLGURA, M.E.; ROTMAN, A.D. & ATKINS, S. 2003. Verbenaceae. **Flora fanerogâmica argentina.** Proflora, Argentina, 84(253).

MÚLGURA, M.E.; ROTMAN, A.D.; O'LEARY, N.; PERALTA, P.; ATKINS, S.; FRANÇA, F.; SALIMENA, F.R.G. 2008. **Catálogo de las Plantas Vasculares del Cono Sur.** v. 3. in ZULOAGA, F.O.; MORRONE, O.; BELGRANO, M.J. eds. St. Louis, Missouri Botanical Garden.

MÚLGURA, M.E. & O'LEARY, N. 2009. **Estado del conocimiento de la familia Verbenaceae en América del Sur** in Resumos do 60º Congresso Nacional de Botânica, Feira de Santana BA. Salvador. EDUNEB.

PERSOON, C.H. 1806. **Synopsis Plantarum** 2(1): 139. Disponível em <<http://www.botanicus.org>>. Capturado em 20 de julho de 2008.

PIO CORRÊA, M. 1926-1984. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional e IBDF. 6v.

POSSAMAI, R.M. 2000. **Levantamento etnobotânico das plantas de uso medicinal em Mariana Pimentel, RS.** Porto Alegre. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 108p.

RADFORD, A.E.; DICKISON, W.C.; MASSEY, J.R.; BELL, C.R. 1974. **Vascular Plants Systematics.** New York: Harper and How. 498p.

RAMBO, B. 1965. Verbenaceae Riograndenses. São Leopoldo, **Pesquisas**, série Botânica, 21: 1-59.

SALIMENA, F.R.G. 2000. **Revisão taxonômica de *Lippia* L. sect. *Rhodolippia* Schauer (Verbenaceae)**. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências. Universidade de São Paulo

SALIMENA, F.R.G., THODE, V., MULGURA, M., O'LEARY, N. 2010. *Verbenaceae*. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB015140>>. Capturado em 20 de maio de 2010.

SANDERS. R.W. 2001. **The genera of Verbenaceae in the Southeastern United States**. Harv. Pap. Bot. 5: 303-358. Cambridge, Massachusetts.

SEBOLD, D.F. 2003. **Levantamento etnobotânico de plantas de uso medicinal no município de Campo Bom, Rio Grande do Sul, Brasil**. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHAUER, J.C. 1847. Verbenaceae, in A. P. De Candolle (ed.), **Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis** 11: 522-700. Disponível em <<http://www.botanicus.org/page/161456>>. Capturado em 27 de agosto de 2008.

SCHAUER, J.C. 1851. Verbenaceae. In: Martius, C.F.P von (ed.). 1965-1967. **Flora brasiliensis: enumeratio plantarum**. Reimpressão: Weinheim: J. Cramer. v. 9. p. 169-322. II. 33-47.

SIEDO, S.J. 2006. **Systematics of *Aloysia* (Verbenaceae)**. Austin, University of Texas, PhD Thesis. Disponível em <<http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/3492/siedod21650.pdf?sequence=2>>. Capturado em 15 de maio de 2010.

SILVA, T.R.S. 1999. **Redelimitação e Revisão Taxonômica do gênero *Lantana* L. (Verbenaceae) no Brasil**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo.

SIMÕES, C.M.O., MENTZ L.A., SCHENKEL E.P., IRGANG B.E., STEHMANN J.R. 1986. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS.

SOARES, E.L.C.; VENDRUSCOLO, G.S.; EISINGER, S.M.; ZÁCHIA, R.A. 2004. Estudo etnobotânico do uso dos recursos vegetais em São João do Polêsine, RS, Brasil, no período de outubro de 1999 a junho de 2001. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 6(3): 69-95.

STEARNS, W.T. 2000. **Botanical Latin**. 4 ed. Portland: Timber Press. 546p.

STEVENS, P.F. (2001 onwards). **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 9, June 2008 [and more or less continuously updated since]. <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>. Capturado em 28 de maio de 2010.

TEODORO LUIS, Irmão. 1961. **Flora Analítica de Porto Alegre**. Canoas, Instituto Geobiológico La Salle. 285p.

THORNE, R.F. 1992. Classification and geography of the flowering plants. **Botanical Review** 58: 225-348.

TOURSARKISSIAN, M. 1980. **Plantas medicinales de la Argentina**. Buenos Aires: Hemisferio Sur.

TRONCOSO, N.S. 1962. Notas taxonômicas sobre Verbenaceae argentinas. **Darwiniana** 12(3): 527-528.

TRONCOSO, N.S. 1974. Los géneros de Verbenáceas de Sudamérica extratropical. **Darwiniana** 18(3-4): 295-412.

TRONCOSO, N.S. 1979. Verbenaceae. In: BURKART, A. **Flora Ilustrada de Entre Rios** (Argentina). v. 6, pt. 5. Buenos Aires: INTA. p. 229-294.

VELLOZO, J.M.C. 1825. **Flora Fluminensis**. Disponível em <<http://www.botanicus.org/title/b12409170>>. Capturado em 03 de agosto de 2008.



VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ. L.A. 2006. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia* série botânica 61(1-2): 83-103.

WAGSTAFF, S.J.; OLMSTEAD R.D. 1997. Phylogeny of Lamiaceae inferred from rbcL sequences. *Systematic Botany* 22: 165-179.

## ANEXO 1 - MATERIAL EXAMINADO

### 1. *Aloysia chamaedryfolia* Cham.

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Arroio dos Ratos**, 20/XI/1976, fr., K. Hagelund 10590 (ICN); **idem**, 29/IV/1977, fl.fr., K. Hagelund 11496 (ICN); **Bagé**, XII/1982, fl.fr., M. Sobral *et al.* s.n. (ICN 85196); **idem**, 28/III/1985, fl., O. Bueno *et al.* 4338 (HAS); **idem**, 14/XII/1989, fl.fr., M.R. Ritter 527 (ICN); **idem**, 8/IV/1992, fl.fr., Girardi-Deiro & Marin 828 (CNPO); **Caçapava do Sul**, 20/I/1986, bot.fr., J. Mattos & N. Mattos 29333 (HAS); **Candiota**, 13/I/1988, fl., P. Oliveira *et al.* s.n. (CNPO 1811); **idem**, 13/I/1988, fl., P. Oliveira *et al.* s.n. (CNPO 1815); **Giruá**, III/1964, fr., K. Hagelund 2017 (ICN); **Guaíba**, 22/IV/1984, fr., N.I. Matzenbacher s.n. (ICN 59985); **Jari**, 26/I/1942, bot.fr., B. Rambo s.n. (PACA 9347); **Pareci Novo**, 1944, st., E. Henz s.n. (PACA 26530); **idem**, 3/X/1945, fl., E. Henz s.n. (PACA 29581); **idem**, 14/I/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 39742); **Pelotas**, 26/I/1953, fl.fr., Gomes s.n. (PACA 64062); **Porto Alegre**, XII/1923, st., E. Schweiger s.n.(ICN 45491); **idem**, XI/1923, fl.fr., E. Schweiger s.n. (ICN 45490); **idem**, 13/I/1932, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 443); **idem**, 10/X/1933, fl.fr., Irmão Augusto s.n. (ICN 18851); **idem**, 1943, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 11789); **idem**, III/1944, fl.fr., K.Emrich s.n. (PACA 26845); **idem**, 17/XI/1948, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 38632); **Rosário do Sul**, 1/XI/1980, fl., M Sobral 441 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fr., P.C. Crespam *et al.* 166 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 167 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 168 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fl., P.C. Crespam *et al.* 170 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 171 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fr., P.C. Crespam *et al.* 172 (ICN); **idem**, 9/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 173 (ICN); **Santana do Livramento**, 12/I/1941, fr., B. Rambo s.n. (PACA 3854); **Sapucaia do Sul**, 10/XI/1948, fr., B. Rambo s.n. (PACA 37957); **Viamão**, 13/II/1956, fr., B. Rambo s.n. (HAS 87902); **idem**, 13/II/1956, fr., B. Rambo s.n. (HAS 87903).

## 2. *Aloysia citrodora* Palau

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Antônio Prado**, cult., 26/I/1996, st., E. Balancelli s.n. (ICN 113283); **Caxias do Sul**, cult., 11/XI/1987, fl.fr., N. Silveira 4815 *et al.* (HAS); **Dom Pedro de Alcântara**, cult., 22/XI/1996, fl.fr., S.M. Marodin 31 (ICN); **idem**, cult., 29/I/1997, st., S.M. Marodin 61 (ICN); **idem**, cult., 22/II/1997, fl., S.M. Marodin 78 (ICN); **idem**, cult., 23/V/1997, st., S.M. Marodin 113 (ICN); **idem**, cult., 25/VII/1997, fr., S.M. Marodin 174 (ICN); **idem**, cult., 1/XI/1997, st., S.M. Marodin 287 (ICN); **idem**, cult., 18/XII/1997, st., S. Marodin 356 (ICN); **Ijuí**, cult., 08/IX/1991, st., Verani s.n. (HUI 1212); **Ipê**, cult. 24/X/1995, st., R. Zampieri s.n. (ICN 113282); **Porto Alegre**, cult., 20/II/1934, fl., C. Orth s.n. (PACA 1346); **idem**, cult., 18/IV/1985, fl.fr., J. Mattos s.n. (HAS 83977); **idem**, 5/III/2000, fl.fr., C.M. Oliveira s.n. (PACA 95185); **idem**, cult., XII/2005, fl.fr., G.C. Piccinini s.n. (ICN 150975); **idem**, cult., s.d., st., Cap. Brusque s.n. (PACA 8322); **Santa Maria**, 10/X/1981, fl., G. do Prado s.n. (SMDB 2215); **idem**, cult., 04/X/1983, fl.fr., D. Dressler s.n. (SMDB 3317); **idem**, cult., 16/IV/1985, fl.fr., A.M. Lopes s.n. (SMDB 2345); **idem**, cult., 9/V/2005, fl., C. Hister & S. Tedesco s.n. (SMDB 9919); **idem**, cult., 19/V/2005, fl.fr., K. Freitas *et al.* s.n. (SMDB 9942); **São João do Polêsine**, cult., 27/XI/1999, fl., R. Záchia *et al.* 3679 (SMDB); **idem**, cult., 27/XI/1999, st., R. Záchia *et al.* 3726 (SMDB); **idem**, cult., 14/I/2000, st., R. Záchia *et al.* 3950 (SMDB); **idem**, cult., 14/I/2000, st., R. Záchia *et al.* 3952 (SMDB); **idem**, cult., 20/I/2000, st., R. Záchia *et al.* 4182 (SMDB); **idem**, cult., 20/I/2000, st., R. Záchia *et al.* 5392 (SMDB); **idem**, cult., 25/I/2000, fl.fr., R. Záchia *et al.* 4193 (SMDB); **idem**, cult., 02/III/2000, st., R. Záchia *et al.* 4407 (SMDB); **São Leopoldo**, cult., 29/VII/1996, fl.fr., R. Zaremba s.n. (PACA 95184); **Viamão**, cult., 02/III/1990, fl.fr., E.P. Schenkel & L. de C. Osório 407 (ICN 94429).

## 3. *Aloysia lycioides* Cham.

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Arroio dos Ratos**, 28/X/1974, fl., K. Hagelund 8119 (ICN); **idem**, 1976, fr., K. Hagelund 10282 (ICN); **idem**, 3/I/1977, fl.fr., K. Hagelund 10814 (ICN); **idem**, 6/II/1980, fl.fr., K. Hagelund 13263 (ICN); **Augusto Pestana**, 31/VIII/1953, fl.fr., Pivetta 967 (PACA); **Bagé**, 3/IV/1975, st., A. Alvarez Filho *et al.* s.n. (SMDB 1157); **idem**, 05/III/1981, fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (CNPO 624); **idem**, 30/IX/1982, fl.fr., J. Mattos 25631 (HAS); **idem**, 28/III/1985, fl.fr., O. Bueno *et al.* 4320 (HAS); **idem**, 12/XI/1986, fl.fr., Girardi-Deiro *et al.* s.n. (CNPO 1254); **idem**, 14/XII/1989, fl.fr., M.G. Rossoni 310 (ICN); **idem**, 14/XII/1989, fl.fr., M.R. Ritter 525 (ICN); **idem**, 6/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 155 (ICN); **idem**, 6/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 156

(ICN); **Barra do Quaraí**, 18/XI/1984, bot.fr., M. Sobral *et al.* 3420 (ICN); **idem**, 3/XI/1995, fl.fr., R.S. Rodrigues 78 (ICN); **Bom Jesus**, XII/1995, fl.fr., M. Sobral *et al.* 8098 (ICN); **Bom Jesus-Vacaria**, 28/IV/1974, fl.fr., B. Irgang *et al.* s.n. (ICN 30647); **Cachoeira do Sul**, 20/III/1978, fl.fr., J. Vasconcellos s.n. (ICN 43033); **idem**, 20/III/1978, fl.fr., S. Miotto 862 (ICN); **Caçapava do Sul**, 22/IX/1981, fl.fr., K. Hagelund 13650 (ICN); **idem**, 25/X/1981, fl.fr., O. Bueno 3176 (HAS); **idem**, 10/III/1982, fr., J. Mattos 23616 & N. Mattos (HAS); **idem**, 17/X/1984, fl.fr., J. Mattos 26223 & N. Silveira (HAS); **idem**, 25/III/1985, fl.fr., O. Bueno *et al.* 4138 (HAS); **idem**, 23/I/1986, fl., J. Mattos 29650 & N. Mattos (HAS); **idem**, 20/IX/1986, fl.fr., I. Guerra *et al.* s.n. (HUCS 1967); **idem**, 1/X/1988, fl.fr., R. Wasum *et al.* s.n. (HUCS 4578); **idem**, 9/XII/1989, fl.fr., A. Alvarez Filho & R. Cauduro s.n. (SMDB 4449); **idem**, 1/X/1990, fl.fr., C. Schlindwein s.n. (MPUC 10718); **idem**, 22/I/1992, fr., A. Jasper & M. Rossato s.n. (HUCS 8083); **idem**, 20/I/1994, fl.fr., D.B. Falkenberg *et al.* 6374 (ICN, PEL); **idem**, 24/I/1994, bot.fr., C. Mondin 897 (ICN); **idem**, 24/II/1994, fl.fr., C. Mondin 895 (ICN); **idem**, 12/XII/1997, fl., R. Wasum *et al.* s.n. (HUCS 12232); **idem**, 27/XI/1999, fl., R. Wasum 325 (HUCS); **idem**, 21/X/2001, fl.fr., M. Rossato 92 (HUCS); **idem**, 17/II/2002, fl.fr., M. Rossato 99 (HUCS); **idem**, 30/III/2003, fr., M. Rossato 181 (HUCS); **idem**, 30/III/2003, fl.fr., M. Rossato 186 (HUCS); **Caçapava do Sul-Bagé**, 3/IV/1975, fr., B. Irgang *et al.* s.n. (ICN 27438); **Camaquã**, 31/X/1989, fl.fr., J.A. Jarenkow & J.L. Waechter 1379 (PEL); **idem**, 26/X/2001, fl.fr., R. Wasum 1202 (HUCS); **Cambará do Sul**, 10/XII/1980, fl.fr., J. Goergem s.n. (ICN 50049); **idem**, 12/II/1987, fl.fr., N. Silveira 4033 (HAS); **idem**, 20/X/1994, bot.fl., M.R. Ritter 756 (ICN); **idem**, 7/XII/1994, fl.fr., N. Silveira 4453 (HAS); **Canela**, 9/I/1955, fr., B. Rambo s.n. (PACA 56560); **idem**, 2/I/1973, fr., A.M. Girardi *et al.* s.n. (ICN 21884); **idem**, 2/I/1973, fr., J.Jung *et al.* s.n. (ICN 21916); **idem**, II/1986, fl.fr., M. Sobral & R. Silva 4930 (ICN); **Canguçu**, 28/II/1979, fr., A. Sehnem 16473 (PACA); **Caxias do Sul**, 15/X/1988, fl., R. Wasum *et al.* s.n. (HUCS 4663); **idem**, 18/XI/1988, fl.fr., R. Wasum *et al.* s.n. (HUCS 4931); **idem**, 11/II/1999, fl.fr., A. Kegler 189 (HUCS); **idem**, 12/II/2000, fl.fr., L. Scur 486 (HUCS); **idem**, 26/IX/2002, bot.fr., M. Rossato 122 (HUCS); **idem**, 4/IX/2004, bot.fr., F. Marchett 27 (HUCS); **idem**, 4/III/2005, fl., R. Wasum 2564 (HUCS); **Cerrito**, 2/IX/1997, fl.fr., W.R. Koch s.n. (HAS 43022); **Cerro Largo**, 20/XI/1952, ster., B. Rambo s.n. (PACA 53119); **Cerro Largo - Guarani das Missões**, 25/XI/2008, fr., P.C. Crespam *et al.* 130 (ICN); **idem**, 25/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 131 (ICN); **Cristal**, 6/IX/2004, fl.fr., T.C. De Marchi 213 (ICN); **Cruz Alta**, 1957, ster., Bottari s.n. (PACA 60792); **Dom Pedrito**, 27/XII/1991, fl.fr., N. Silveira 10521 (HAS); **Dom Pedro de Alcântara**, cult., 21/II/1997, fl.fr., S.M. Marodin 75 (ICN); **idem**,

cult., 6/XII/1997, fl.fr., S.M. Marodin 317 (ICN); **idem**, cult., 6/XII/1997, bot., S.M. Marodin 336 (ICN); **idem**, cult., 19/XII/1997, bot., S.M. Marodin 377 (ICN); **Encruzilhada do Sul**, 23/IX/1985, fl.fr., D. Falkenberg 3149 (ICN, PEL); **idem**, 31/I/2004, fl.fr., V.F. Kinupp *et al.* 2860 (ICN); **Farroupilha**, 31/X/1957, fr., B. Rambo s.n. (HAS 87899); **idem**, 31/X/1957, fl.fr., O. Camargo 2341 (PACA); **General Câmara**, 13/III/1996, st., A.M. Carneiro 661 (ICN); **Giruá**, 1963, fl.fr., K. Hagelund 910 (ICN); **idem**, II/1964, bot., K. Hagelund 1856 (ICN); **idem**, II/1964, fl., K. Hagelund 1857 (ICN); **idem**, II/1964, fl., K. Hagelund 1885 (ICN); **idem**, V/1964, bot.fl., K. Hagelund 2356 (ICN); **idem**, 16/II/1965, fl.fr., K. Hagelund s.n. (ICN 153902); **idem**, 20/III/1965, fl.fr., K. Hagelund 3422 (ICN); **idem**, 21/II/1984, fl., O. Bueno *et al.* 4015 (HAS); **Guaíba**, 24/X/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 75 (ICN); **Guarani das Missões**, 18/II/1967, fr., K. Hagelund 5221 (ICN); **Ijuí**, 10/XII/1986, fl.fr., M. Bassan 569 *et al.* (HAS); **Itaqui**, 19/XII/1972, bot.fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 21077); **idem**, 19/XII/1972, fl.fr., J.C. Lindeman & A. Pott s.n. (HAS 3032); **Itacurubi**, 9/XI/2001, st., E. Casarin s.n. (HUI 4157); **Jaguari**, 8/VI/1979, fr., V. Picolli s.n. (SMDB 1702); **Jaquirana**, 20/II/1952, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 52034); **Lavras do Sul**, 17/X/1971, bot.fr., J.C. Lindeman & B. Irgang s.n. (HAS 1419); **idem**, 17/X/1971, fl.fr., J.C. Lindeman & B.E. Irgang s.n. (ICN 8672); **idem**, 17/X/1971, fl.fr., J.C. Lindeman & B.E. Irgang s.n. (HAS 5656); **idem**, 12/XII/1976, bot.fl.fr., S. Miotto *et al.* 387 (ICN); **idem**, 08/III/1979, fl.fr., J. Mariath 631 (HAS); **idem**, 5/X/1984, fl., M. Sobral 3083 (ICN); **idem**, 26/III/1985, fl.fr., O. Bueno *et al.* 4232 (HAS); **Herval - Pinheiro Machado**, 11/I/1980, fl.fr., A. Sehnem 16805 (HUCS, PACA); **Mariante**, cult., 20/III/1986, fl.fr., C.B. Alice s.n. (ICN 94989); **Montenegro**, 19/IX/1945, fl.fr., A. Sehnem s.n. (PACA 48377); **idem**, XII/1947, fl.fr., E. Friederichs s.n. (PACA 34289); **idem**, 5/IX/1949, fl., B. Rambo s.n. (PACA 43264); **idem**, 19/IX/1957, fl., Camargo 1714 (PACA); **Nonoai**, III/1945, fr., B. Rambo s.n. (PACA 28230); **Agudo**, 11/III/1981, fl.fr., M. Durlo *et al.* s.n. (SMDB 1968); **Nova Santa Rita**, 10/VI/1993, fl.fr., R. Záchia & N. Bastos 1350 (HAS); **idem**, 22/IX/1996, fl.fr., R. Záchia 2461 (SMDB); **Palmares do Sul**, 19/V/2003, fl., J. Mauhs s.n. (PACA 87002); **Panambi**, 2/XI/1971, fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 9058); **Pareci Novo**, 22/IX/1945, fl., E. Henz s.n. (PACA 29625); **idem**, 18/VII/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 42558); **Porto Alegre**, 19/XII/1932, fl.fr., B. Rambo s.n. (ICN 16027); **idem**, 7/IX/1939, fl., Irmão Augusto s.n. (ICN 18852); **idem**, 5/XI/1940 25/II/1937, fl.fr., Schultz 188 (ICN); **idem**, X/1944, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 27063); **idem**, 12/IX/1945, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 29146); **idem**, 2/X/1948, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 37329a); **idem**, 2/X/1948, st., B. Rambo s.n. (PACA 37826); **idem**, 4/XI/1948, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 37856); **idem**, 22/I/1949, bot.fr., B.

Rambo s.n. (PACA 40076); **idem**, 2/XI/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 44190); **idem**, 22/IX/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (ICN 16474); **idem**, 21/X/1951, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 51332); **idem**, 2/XI/1957, fl.fr., O. Camargo 2423 (PACA); **idem**, 12/I/1975, fr., L. Arzivenco s.n. (ICN 45281); **idem**, 15/IV/1980, fl.fr., O. Bueno 2383 (HAS); **idem**, 13/IV/1989, fl.fr., V.F. Nunes 355 (HAS); **idem**, 16/X/1989, fl.fr., L. Mentz s.n. (ICN 94921); **idem**, X/1990, bot.fr., M. Sobral *et al.* 6293 (ICN); **idem**, X/1990, fl.fr., M. Sobral *et al.* 6293 (ICN); **idem**, 11/IX/1993, fl.fr., P. Milani 09 (HAS); **idem**, cult., 25/I/1994, fl.fr., S.M. Nunes s.n. (MPUC 6066); **idem**, 3/XII/2002, fl.fr., G.S. Vendruscolo 93(ICN) ; **idem**, 22/I/2003, fr., G.S. Vendruscolo 169 (ICN); **idem**, 9/I/2003, fl.fr., G.S. Vendruscolo 145 (ICN); **Quaraí**, 14/I/1941, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 4174); **idem**, 14/I/1941, bot., B. Rambo s.n. (PACA 4112); **idem**, I/1945, ster., B. Rambo s.n. (PACA 26345); **idem**, 12/X/1974, fl.fr., S.M. Callegari 111 (HAS); **idem**, 13/X/1974, fl.fr., M.L. Porto 960 (ICN); **idem**, 13/X/1974, fl.fr., S.M. Callegari 125 (HAS); **idem**, 29/III/1975, fl.fr., J.W. Thomé s.n. (HAS 1340); **idem**, 28/IX/1984, fl., B. Irgang *et al.* s.n. (ICN 92790); **idem**, 9/XII/1986, fl.fr., O. Bueno 4882 (HAS); **idem**, 7/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 160 (ICN); **Rosário do Sul**, 25/I/1997, fr., R. Záchia 2494 (SMDB); **Sapucaia do Sul**, 12/XI/1948, bot.fr., B. Rambo s.n. (PACA 37938); **Santa Maria**, 1943, fl.fr., A. Heidler s.n. (PACA 11255); **idem**, 13/XI/1953, fl.fr., R. Beltrão s.n. (SMDB 767); **idem**, V/1959, fl.fr., E. Weigert s.n. (SMDB 1589); **idem**, 8/XII/1986, fl.fr., A.M.V. Lopes s.n. (SMDB 2638); **idem**, 21/IX/1989, fl.fr., A.M.V. Lopes s.n. (SMDB 3169); **idem**, 21/IX/1989, bot.fr., A.M.V. Lopes s.n. (SMDB 3102); **idem**, 2/IX/1993, fl.fr., T.S. Canto-Dorow s.n. (SMDB 4755); **idem**, 20/X/1995, fl.fr., R.L.C. Bortoluzzi s.n. (SMDB 5928); **idem**, IV/1996, fl.fr., G.D. Zanetti s.n. (SMDB 6475); **idem**, 10/XII/2004, fl.fr., C. Hister *et al.* s.n. (SMDB 9922); **idem**, 10/XII/2004, fl.fr., C. Hister *et al.* s.n. (SMDB 9921) ; **idem**, 10/XII/2004, fl.fr., C. Hister *et al.* s.n. (SMDB 9920); **Santana da Boa Vista**, 30/III/1975, fl.fr., A. Sehnem 14604 (HUCS, PACA); **idem**, 9/I/1990, fl.fr., C. Schlindwein s.n. (MPUC 10717); **idem**, 13/XII/1990, fl.fr., J. Larocca s.n. (PACA 95179); **idem**, 19/II/1991, fl., C. Schlindwein s.n. (MPUC 10720); **idem**, 24/IX/1998, bot.fl., C. Mondin & R.C.E. Nascimento 1527 (PACA); **idem**, 10/XI/2006, fl.fr., L.P. Queiroz & M.C. Machado 12321 (PACA); **Santana do Livramento**, 26/III/1976, bot.fl.fr., B. Irgang s.n. (ICN 32368); **Santo Ângelo**, 16/II/1941, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 9420); **Santo Antônio das Missões**, 6/XII/1974, bot.fr., K. Hagelund 8270 (ICN); **São Borja**, 20/XII/1972, fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 21103); **idem**, 20/XII/1972, fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (HAS 4988); **idem**, II/1989, fl.fr., R. Záchia 7 (ICN); **idem**, XII/1989, fl.fr., R. Záchia 111 (ICN); **idem**, 4/IX/1993, fl., R. Záchia s.n. (HAS 78321); **idem**, 12/IX/1993, bot.fr., R. Záchia 1421

(SMDB); **idem**, 25/II/1999, fl.fr., R. Záchia 3271 (SMDB); **São Francisco de Assis**, 29/I/2003, fr., J. Schirmer & C. Sartori s.n. (HUI 5192); **São Francisco de Paula**, 28/I/1997, fl.fr., W. Maier s.n. (MPUC 8655); **São João do Polêsine**, 30/VI/2001, st., R. Záchia *et al.* 5396 (SMDB); **São Leopoldo**, 17/IX/1946, fl.fr., E. Henz s.n. (PACA 35495); **idem**, 20/XII/1948, fr., B. Rambo s.n. (PACA 38990); **idem**, 10/I/1996, fl.fr., R. Zaremba s.n. (PACA 95180); **idem**, 24/II/1999, fl.fr., D.M. Schnorr s.n. (PACA 95176); **São Luiz Gonzaga**, 4/II/1949, fr., A. Sehnem s.n. (PACA 47978); **São Sebastião do Caí**, 26/9/1996, fl., R.S. Rodrigues 93 (ICN); **São Sepé**, 1/X/1977, fl.fr., K. Hagelund 11635 (ICN); **idem**, 23/IX/1981, fl.fr., K. Hagelund 13629 (ICN); **idem**, 2/XII/1983, bot.fl.fr., K. Hagelund 14710 (ICN); **Encruzilhada do Sul**, 10/X/1972, J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 20636); **Taquara**, 12/X/1977, fr., O.R. Camargo 5207 (HAS); **idem**, 6/X/1989, fl.fr., R. Wasum s.n. (HUCS 6209); **Taquari**, 10/XII/1957, fl.fr., O. Camargo 2859 (PACA); **Tupanciretã**, 28/I/1942, bot., B. Rambo s.n. (PACA 9590); **Tuparendi - Três de Maio**, 26/11/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 135 (ICN); **Unistalda**, 21/IV/2006, fl.fr., R. Wasum & M. Rossato 3685 (HUCS); **Uruguaiana**, 4/IV/1977, fl.fr., M.L. Abruzzi, 15 (ICN); **idem**, 10/XII/1986, fl.fr., M. Neves 882 (HAS); **idem**, II/1990, fl.fr., M. Sobral & D.B. Falkenberg 6346 (ICN); **Vacaria**, 08/V/1998, bot., J. Mauhs s.n. (PACA 85154); **Vera Cruz**, 24/IX/1987, fl.fr., N. Silveira 6599 & J. Mattos (HAS); **Viamão**, 22/XI/1983, fr., L.O. de Castro s.n. (ICN 59184); **idem**, 23/XI/1983, bot.fr., L.O. de Castro s.n. (ICN 59184); **idem**, 20/III/1984, fl.fr., L.O. de Castro s.n. (ICN 94900); **idem**, 25/X/1984, fr., L.O. de Castro s.n. (ICN 94906); **idem**, 2/III/1990, bot.fr., E.P. Schenkel *et al.* s.n. (ICN 95240).

### 5. *Aloysia polygalifolia* Cham.

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Fontoura Xavier-Soledade**, 12/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 187 (ICN); **Guaíba**, 8/X/1975, fl.fr., F.Weberling 5525 (ICN); **idem**, 24/X/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 70 (ICN); **idem**, 12/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 138 (ICN); **s.l.**, s.d., fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 435); **Santa Maria**, 28/II/1956, fl.fr., O. Camargo 47 (PACA); **idem**, 10/IV/1956, fr., O. Camargo 489 (PACA); **idem**, 14/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 175 (ICN); **idem**, 14/I/2009, fl., P.C. Crespam *et al.* 176 (ICN); **idem**, 14/I/2009, fr., P.C. Crespam *et al.* 178 (ICN).

Material adicional: **BRASIL. Paraná : Campina Grande do Sul**, 22/X/1961, G. Hatschach 8437 (PEL); **São José dos Pinhais**, 27/IV/1988, G. Hatschbach & J. Cordeiro 51984 (PACA); **idem**, 23/XI/1989, V. Nicolak & J. Cordeiro 87 (PEL);

**7. *Aloysia virgata* (Ruiz & Pav.) Pers.**

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Derrubadas**, 17/III/1977, fr., K. Hagelund 11327 (ICN); **Porto Mauá**, 08/VII/1974, fr., K. Hagelund 8019 (ICN); **Porto Mauá, Tuparendi**, 08/VII/1974, fr., K. Hagelund 8022 (ICN).

**8. *Bouchea fluminensis* (Vell.) Moldenke**

Material examinado: **BRASIL. RIO GRANDE DO SUL: Badensertal**, 8/IX/1979, fl., A. Sehnem 3819 (PACA); **Bento Gonçalves**, 19/VI/1984, fl.fr., R. Frosi & N. Model 280 (HAS); **Bom Princípio**, 5/IV/1992, fl., R. Záchia 990 (ICN); **Canela**, 12/X/1992, fl.fr., J. Mauhs & D. Port 364 (PACA); **idem**, 24/IV/1997, fl., M. Neves 1971 (HAS); **idem**, 22/IX/1997, fl., T. Strehl 1703 (HAS); **Canoas**, 15/V/1961, fl., Schultz & O. Wollheim 2624 (ICN); **Caraá**, 27/I/2010, fl.fr., G.A. Dettke, 417 (ICN); **Caxias do Sul**, 13/V/2000, fl.fr., A. Kegler 1007 (HUCS); **(Derrubadas) Tenente Portela**, 21/VII/1969, fl., Z. Ceroni et al. s.n. (ICN 5945); **idem**, 04/VII/1986, fl., Bassan 444 (HAS); **idem**, 30/VII/1985, fl., N. Silveira *et al.* 2841 (HAS); **idem**, s.d., fl., P. Brack *et al.* s.n. (ICN 87764); **(Derrubadas) Parque do Turvo**, 31/X/1971, fl., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 8887); **(Derrubadas) Porto Garcia-Turvo**, 9/VII/1975, fr., Mariath 198 (ICN); **Dois Irmãos**, 10/X/1946, fl., E. Hens s.n. (PACA 35480); **Dom Pedro de Alcântara**, 11/X/1997, fl.fr., S.M. Marodin 253 (ICN); **Encantado**, 27/XI/1987, fl.fr., M.H. Bassan 1153 (HAS); **Farroupilha**, 15/XI/1949, fl., A. Sehnem 4056 (PACA); **Feliz**, 10/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam et al. 180 (ICN); **Garibaldi**, 08/XI/1987, fl., M.T. Poloni *et al.* s.n. (HUCS 3513); **Itati**, 27/I/2010, fl.fr., G.A. Dettke 418 (ICN); **Maquiné**, 31/I/1976, K. Hagelund 9832 (ICN); **idem**, 6/X/1976, fl.fr., J. Mattos & N. Silveira 17241 (HAS); **idem**, 13/I/1977, fl.fr., K. Hagelund 10908 (ICN); **idem**, 15/XI/1977, fl., J. Mattos 17548 (HAS); **idem**, 29/XII/1977, fl., J. Mattos 17994 (HAS); **idem**, 24/X/1979, fl., J. Mattos 22634 (HAS); **idem**, 18/XI/1980, fl., J. Mattos 21680 (HAS); **idem**, 10/VII/1986, fl., J. Mattos & N. Silveira 29631 (HAS); **Marquês de Souza**, 12/II/2009, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 186 (ICN); **(Montenegro) Sta. Teres. de Forromeco**, 15/XI/1949, fl.fr., A. Sehnem 4056 (PACA); **idem**, 13/XI/1950, fl., B. Rambo s.n. (PACA 49118); **idem**, 19/V/1973, fr., A.G. Ferreira 635 (ICN); **Morrinhos do Sul**, 29/III/1997, fl.fr., R.A. Záchia & A. Oliveira 2625 (SMDB); **idem**, 28/IX/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 61 (ICN); **idem**, 28/IX/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 62 (ICN); **Osório**, 2/XI/1950, fl.fr., B. Rambo 48893 (ICN); **idem**, X/1984, fl., M. Sobral 3245 (ICN); **idem**, 15/XI/1939, fl., Irmão Augusto s.n. (ICN 18855); **idem**, 14/XII/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 44756); **idem**, 8/V/1950, fl.fr.,

B. Rambo s.n. (PACA 47069a); **idem**, 2/X/1950, fl., B. Rambo s.n. (PACA 48893); **idem**, 29/IX/1999, fl., A. Knob & S. Bordignon 6106 (UNILASALLE); **Pareci Novo**, 7/X/1949, fl., B. Rambo s.n. (PACA 43792); **Porto Alegre**, 27/XI/1945, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 30646); **Sapucaia do Sul**, 8/VII/1936, fl., B. Rambo s.n. (PACA 2749); **idem**, 29/XI/1948, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 38378); **idem**, 5/VIII/1949, fl., B. Rambo s.n. (PACA 42763); **idem**, 7/IX/1950, fl., B. Rambo s.n. (PACA 48734); **São Francisco de Paula**, 17/X/2003, fl., R. Wasum & J. Bordin 1985 (HUCS); **São Leopoldo**, 1951, fl., Spies s.n. (PACA 52259A); **s.l.**, s.d., fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 42431); **s.l.**, s.d., fl., B. Rambo s.n. (PACA 1135); **Torres**, 25/XI/1966, fl. fr., L.R.M. Baptista s.n. (ICN 4746); **idem**, 26/IX/1969, bot.fr., J. Favalli *et al.* s.n. (ICN 7025); **idem**, 21/XI/1996, fl., S.M. Marodin 026 (ICN); **idem**, 15/II/1984, fl., K. Hagelund 15144 (ICN); **idem**, 15/II/1984, fl.fr., K. Hagelund 15143 (ICN); **idem**, 25/VII/1985, fl.fr., J. Guaranha 53 (HAS); **Vale Real**, 6/X/1999, fl., A. Kegler 329 (HUCS); **idem**, 6/XI/1999, fl.fr., L. Scur 140 (HUCS); **Veranópolis**, 8/XII/1982, fl.fr., N. Silveira 526 (HAS); **Torres**, 20/I/1983, fl.fr., K. Hagelund 14389 (ICN); **idem**, 16/XI/1985, fl.fr., N. Silveira & K. Hagelund 2993 (HAS); **idem**, 26/VIII/1987, fl., R.V. Soares & N. Silveira 38 (HAS)

### 9. *Phyla canescens* (Kunth) Greene

Material Examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Bagé**, 27/I/1976, fl.fr., A.M.G. Deiro s.n. (CNPO 298); **idem**, 1/I/2009, fl.fr., L.F. Lima 542 (ICN); **Barra do Quaraí**, 14/X/1971, fl. J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 8452); **idem**, 18/XI/2001, fl., A. Iob *et al.* s.n. (PACA 95214); **Barra do Quaraí–Uruguiana**, 15/I/1941, fl., B. Rambo s.n. (PACA 4243); **idem**, 15/I/1941, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 4248); **idem**, 24/XI/1972, fl.fr., D. Lima *et al.* s.n. (ICN 20958); **Pelotas**, 1/IV/1942, fl., I.I. Augusto e Gabino s.n. (ICN 18849); **idem**, 11/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 85 (ICN); **Porto Alegre**, 5/I/1949, fl., B. Rambo s.n. (PACA 39481); **Praia do Hermenegildo**, 11/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 93 (ICN); **Santa Vitória do Palmar**, 15/XII/1986, fl.fr., J.A. Jarenkow *et al.* 570 (PACA); **Tavares**, 13/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 107 (ICN); **idem**, 13/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 108 (ICN); **idem**, 13/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 109 (ICN).

### 10. *Phyla reptans* (Kunth) Greene

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Capão da Canoa**, 22/II/1975, fl.fr., L. Arzivenco s.n. (ICN 88782); **Cassino**, II/1978, fl.fr., Pfdenhauer 639 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 98 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, bot.fl., P.C. Crespam *et*



*al.* 99 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 100 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 101 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 102 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, bot., P.C. Crespam *et al.* 104 (ICN); **idem**, 12/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 105 (ICN); **Cidreira**, 7/V/1950, fl.fr., Schultz 741 (ICN); **idem**, 7/XII/1975, fl.fr., L. Arzivenco s.n. (ICN 48569); **idem**, 14/XI/2008, bot.fl., P.C. Crespam *et al.* 120 (ICN); **(Imbé) Praia de Albatroz**, V/1969, st., coletor s.n. (ICN 5833); **Praia do Magistério**, 14/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 110 (ICN); **idem**, 14/XI/2008, bot.fl., P.C. Crespam *et al.* 111 (ICN); **idem**, 14/XI/2008, fr., P.C. Crespam *et al.* 113 (ICN); **idem**, 14/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 114 (ICN); **Praia do Pinhal**, 14/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 116 (ICN); **Rio Grande**, 12/VII/1994, fr., L. Pastorini & M. Farias s.n. (HURG 2414); **Torres**, I/1970, fl.fr., K. Hagelund 5754 (ICN); **idem**, 21/II/1986, fl.fr., K. Hagelund 15876 (ICN); **idem**, 17/XI/1991, fl.fr., D.B. Falkenberg 5450 (ICN); **Tramandaí**, 28/VI/1998, fl.fr., A. Knob 5627 (UNILASALLE); **idem**, s.d., fl.fr., M. Franck s.n. (ICN 35193)

### 11. *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Augusto Pestana**, 22/I/1954, fl.fr., Pivetta 971 (PACA); **Barracão**, 19/XII/1988, fl., Equipe. de campo do projeto Itá/Machadinho s.n. (MPUC 9864); **Derrubadas**, 14 a 17/X/1982, bot., Z.S.V. Ceroni *et al.* s.n. (ICN 94914); **(Derrubadas) P.E. Turvo**, 1/XI/1971, fl.fr., J.C. Lindeman *et al.* s.n. (ICN 8936); **idem**, 17/III/1977, fl.fr., K. Hagelund 11359 (ICN); **(Derrubadas) Tenente Portela, Parque Florestal do Turvo**, 12/I/1982, J. Mattos *et al.* 22934 (HAS); **General Câmara**, 12/III/1996, fl.fr., A.M. Carneiro 663 (ICN); **Giruá**, II/1964, fl.fr., K. Hagelund 1840 (ICN); **Glorinha**, 3/III/1997, fl.fr., O.S. Ribas & L.B.S. Pereira 1838 (HUCS); **Guaíba**, 3/XII/2005, fl.fr., L.F. Lima 185 (ICN); **idem**, 24/X/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 74 (ICN); **idem**, 12/XII/2008, fl.fr, P.C. Crespam *et al.* 142 (ICN); **Guarani das Missões**, 25/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 128 (ICN); **Itaroqué**, 25/XI/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 127 (ICN); **Lajeado**, 5/XII/2002, fl.fr., M.J. Feldens s.n. (HMCN 1078); **Maquiné**, IV/1986, fl.fr., J. Mattos 29073 (HAS); **Marcelino Ramos**, 27/XI/1993, fl.fr., A. Butzke *et al.* s.n. (HUCS 11833); **Nonoai**, III/1945, fl., B. Rambo s.n. (PACA 28374); **idem**, 18/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 150 (ICN); **idem**, 18/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 151 (ICN); **idem**, 18/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 152 (ICN); **Nova Roma do Sul**, 6/II/2003, fl.fr., S.M. Marodin s.n. (ICN 126865); **Novo Hamburgo**, 4/II/1995, fl.fr., J. Mauhs & D. Port 472 (PACA); **Osório**, 27/III/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (ICN 16730); **idem**, 8/V/1950, fl.fr., B. Rambo 47024 (ICN); **idem**, 27/III/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 46502); **idem**,

8/V/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 47024); **idem**, 13/XI/1991, fl.fr., I.A. dos Santos s.n. (MPUC 10722); **idem**, 22/IV/1982, fl.fr., L.A. Cestaro s.n. (HAS 28466); **idem**, 09/VI/1985, fl.fr., N. Silveira 2619 *et al.* (HAS); **idem**, 22/X/2006, fl.fr., F. Marchett 554 (HUCS); **Porto Alegre**, 15/V/1950, fr., B. Rambo s.n. (PACA 47095); 20/XI/1974, fl.fr., S.M.C. Calegaro & C.R. Dillenburg 212 (HAS); **idem**, IV/1978, fl.fr., M. Oliveira s.n. (HAS 9637); **idem**, 9/VIII/2001, fl.fr., E. Paim s.n. (MPUC 11147); **idem**, 28/XI/2005, fl.fr., E.A. Barp s.n. (ICN 140874); **idem**, 2/X/2008, fr., P.C. Crespam & A.C. Fernandes 67 (ICN); **s.l.**, s.d., Cap. Brusque s.n. (PACA 8318); **Santa Maria**, 13/I/1936, fl.fr., G. Rau s.n. (SMDB 162); **idem**, 10/IV/1956, fl.fr., Camargo 537 (PACA); **idem**, 23/V/1988, fl.fr., Paulo s.n. (SMDB 3121); **idem**, XI/1995, fl.fr., G.D. Zanetti s.n. (SMDB 6476); **idem**, 2/IX/1993, fl.fr., T.S. Canto-Dorow s.n. (SMDB 4760); **idem**, 10/XI/1993, fl.fr., T.S. Canto-Dorow s.n. (SMDB 4781); **idem**, 14/X/1982, fl.fr., T.S. Canto s.n. (SMDB 5278); **idem**, 20/I/1978, fl.fr., J. Mattos & N. Mattos 19872 (HAS); **São Jerônimo**, 20/I/1982, fl.fr., R.L. Dutra 15 (HAS); **São João do Polêsine**, 11/I/2000, fl.fr., R. Záchia *et al.* 3900 (SMDB); **idem**, 17/XI/1999, fl.fr., R. Záchia *et al.* 3645 (SMDB); **idem**, 5/I/2000, fl.fr., R. Záchia *et al.* 3799 (SMDB); **idem**, 1/XI/1999, fl.fr., R. Záchia *et al.* 3433 (SMDB); **idem**, 22/X/1999, fl.fr., R. Záchia *et al.* 3521 (SMDB); **São Leopoldo**, 12/XI/1996, fl.fr., C. Schoeller s.n. (PACA 81031); **Taquari**, 14/XII/1957, fl.fr., Camargo 2956 (PACA); **Terra de Areia**, 15/IV/1989, fl.fr., P.C. Neves s.n. (ICN 83273); **idem**, 19/XII/1989, fl.fr., P. Neves s.n. (ICN 85625), **idem**, 11/XI/1989, R. Wasum *et al.* s.n. (HUCS 6342); **Torres**, 18/I/1951, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 49684); **idem**, 19/I/1955, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 56474); **idem**, 11/I/1966, fl.fr., K. Hagelund 4058 (ICN); **idem**, 11/VII/1972, fr., L. Baptista & M.L. Lorscheitter s.n. (ICN 28151); **idem**, 8/I/1976, fl.fr., Z. Rosa & O. Bueno s.n. (HAS 3422); **idem**, 19/I/1982, fl.fr., N. Silveira 188 (HAS); **idem**, 11/I/1983, fl.fr., K. Hagelund 14419 (ICN); **idem**, 8/I/1983, fl.fr., K. Hagelund 14382 (ICN); **idem**, 15/VI/1984, fl.fr., N. Silveira *et al.* 1456 (HAS); **idem**, 6/II/1984, fr., N. Silveira 850 (HAS); **idem**, 14/VI/1984, fl.fr., N. Silveira 1362 *et al.* (HAS); **idem**, 24/IX/1985, fl., R. Frosi *et al.* 503 (HAS); **idem**, 24/IX/1985, fl.fr., N. Silveira 4220 *et al.* (HAS); **idem**, 25/IX/1985, fl.fr., N. Silveira 3478 *et al.* (HAS); **idem**, 24/XI/1991, fl.fr., I.A. de Oliveira s.n. (MPUC 10719); **idem**, 21/I/2005, fl.fr., R. Wasum 2411 (HUCS); **idem**, 24/I/2009, fl.fr., P.C. Crespam 198 (ICN); **Triunfo**, 4/I/2002, fl.fr., Equipe projeto Sitel-Corsan s.n. (MPUC 11362).

## 12. *Stachytarpheta laevis* Moldenke

Material examinado: **BRASIL. Rio Grande do Sul: Barão do Triunfo**, 1/I/1982, fl.fr., K. Hagelund 13749 (ICN); **Esteio**, 14/XI/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 44418); **Gravataí**, 12/I/1950, fl.fr., A. Sehnem 4194 (PACA); **idem**, 28/III/1979, fl.fr., O. Bueno 1246 (HAS); **Guaíba**, 12/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 141 (ICN); **Montenegro**, 09/IV/1988, fl.fr., N. Silveira & C.A. Rechenbach 5782 (HAS); **Osório**, 2/I/1935, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 1140); **idem**, 14/XII/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 44717); **Parobé**, 31/III/1982, fl.fr., V.L.N. Susin *s.n.* (HURG 308); **(Parobé) Santa Cristina do Pinhal**, 9/IX/2002, fl.fr., S. Bordignon *s.n.* (ICN 129216); **Pareci Novo**, 1944, fl.fr., Henz *s.n.* (PACA 26616); **idem**, 05/XII/1945, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 33221); **idem**, 14/I/1949, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 39726); **Pelotas**, 8/III/1956, fl.fr., Sacco 542 (PACA); **idem**, 15/I/1981, fl.fr., J. Mattos *s.n.* (HAS 47323); **idem**, 5/XI/1985, fl.fr., N. Mattos & M.H. Bassan 137 (HAS); **idem**, 10/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 78 (ICN); **idem**, 10/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 79 (ICN); **idem**, 10/XII/2008, fl.fr., P.C. Crespam *et al.* 81 (ICN); **idem**, 10/XII/2008, fl., P.C. Crespam *et al.* 82 (ICN); **Porto Alegre**, 25/VI/1933, fl.fr., s.c., ICN 19578; **idem**, 9/IX/1939, fl., Irmão Augusto *s.n.* (ICN 18845); **idem**, 16/X/1945, fl., B. Rambo s.n. (PACA 29306); **idem**, 06/XI/1948, fl., B. Rambo s.n. (PACA 37882); **idem**, 3/III/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 46066); **idem**, 3/I/1951, fl.fr., J. Mattos *s.n.* (HAS 87907); **idem**, 2/XI/1957, fl.fr., Camargo 2425 (PACA); **idem**, 24/X/1967, fl., A.G. Ferreira 327 (ICN); **idem**, 13/V/1969, fl., Z.G. Ziegler *s.n.* (MPUC 308); **idem**, 28/IV/1975, fl., Z. Rosa *et al.* *s.n.* (HAS 1709); **idem**, 10/XII/1979, fl., Z. Soares 209 (HAS); **idem**, 19/VI/1979, fl.fr., O. Bueno 1499 (HAS); **idem**, 6/V/1980, fl.fr., S. Martins 163 (HAS); **Porto Alegre**, 13/IV/1985, J. Guaranha 43 (HAS); **idem**, 06/I/1993, fl., O.S. da Silva *s.n.* (MPUC 10724); **idem**, 13/VI/2003, fl.fr., G.S. Vendrusculo 389 (ICN); **idem**, 9/XII/2003, fl., F. Cruz *s.n.* (ICN 119234); **idem**, 10/XI/2005, fl.fr., R. Setubal & J. Bassi 392 (ICN); **São Leopoldo**, 1907, fl.fr., Theissen *s.n.* (PACA 7844); **idem**, 1907, fl.fr., Theissen *s.n.* (PACA 7845); **idem**, 1907, fl.fr., Theissen *s.n.* (PACA 25092); **idem**, 1943, fl.fr., Reitz *s.n.* (PACA 25464); **idem**, 17/III/1950, fl.fr., B. Rambo *s.n.* (PACA 46327); **idem**, 10/IV/1967, fl.fr., A. Sehnem 9196 (PACA); **idem**, 25/VI/1991, fl.fr., R.B. & M.S. Marchioretto 236 (PACA); **Sapucaia do Sul**, 29/XI/1958, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 38419); **idem**, 30/IX/1975, fl.fr., L.W. Aguiar *s.n.* (HAS 3223); **(Parobé) Taquara, Santa Cristina do Pinhal**, 27/XI/1991, fl.fr., R.A. Záchia 445 (ICN); **Viamão**, 03/IV/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 46590); **idem**, 10/IV/1950, fl.fr., B. Rambo s.n. (PACA 46724); **idem**, 3/IV/1955, fl.fr., J. Mattos *s.n.* (HAS 87906); **idem**, 16/X/1979, fl.fr., O. Bueno 1770 (HAS); **idem**, 30/X/1979, fl., O. Bueno 1838 (HAS); **idem**, V/1983, fl.fr., M. Sobral 2053 (ICN); **idem**, 22/III/1984, fl.fr., J. Guaranha & J.

Vasconcellos 54 (HAS); **idem**, 20/II/1986, fl.fr., B. Blochtein s.n. (MPUC 2775); **idem**, 20/X/1986, fl., L. Mentz *s.n.* (ICN 94915); **idem**, 22/III/1989, fl.fr., E.P. Schenkel *et al.* s.n. (ICN 94919); **idem**, 8/XII/2002, fl.fr., M. Pinheiro 473 (ICN).